



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**

***“GOSTEI MAIS DE TERMOS SIDO NÓS A
MUDAR O ESPAÇO, PORQUE NÓS SOMOS MAIS
INTELIGENTES!” (H).***

A participação das crianças na reorganização da
área do faz de conta

Ana Filipa Dias

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para a
obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar

2019



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**

**“GOSTEI MAIS DE TERMOS SIDO NÓS A
MUDAR O ESPAÇO, PORQUE NÓS SOMOS MAIS
INTELIGENTES!” (H).**

A participação das crianças na reorganização da
área do faz de conta

Ana Filipa Dias

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para a
obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar
Orientadora: Prof. Especialista Ana Simões

2019

AGRADECIMENTOS

Nada melhor para dar início a estes agradecimentos como com a conceção desta palavra para a Língua Portuguesa: agradecimento é o “acto ou efeito de agradecer . . . reconhecimento e declaração de se estar grato por algo dado ou feito por outrem . . . discurso, palavra, gesto ou facto que denote esse reconhecimento” (Houaiss, Villar, Franco, Almeida & Casteleiro, 2002, p. 154).

Pretendo assim referir que me sinto grata por todo o caminho que percorri ao longo destes cinco anos e que este não seria o mesmo se não me tivesse cruzado com as pessoas que, de seguida, irei mencionar. Quero então agradecer...

... em primeiro lugar às crianças com as quais contactei nas PPS's. Todas tão diferentes, mas que, certamente, me marcaram e me rechearam de aprendizagens. Sinto que crescemos juntas. A todas, muito obrigada.

... às equipas educativas que me acolheram, decerto as melhores que poderia pedir! Sofia, Lina e Mena, obrigada não chega pelo que fizeram por mim! Aprendi tanto com vocês, profissionais de excelência! Soraia e Sara, a vocês também quero deixar o meu profundo agradecimento e reconhecimento por tudo o que me ensinaram e pela paciência que tiveram para comigo. Só posso elogiar estas duas equipas de pessoas espetaculares, extremamente profissionais que “moldaram” em mim a educadora que quero ser quando “for grande”.

... às minhas parceiras de estágio, mas em particular à Joana Gomes, à Inês Rodrigues e à Susana Rosa pelas conversas, pela cooperação, pelos desabafos e pelos momentos que vivemos juntas.

... à professora Ana Simões, que me orientou durante estes dois estágios e pelas suas palavras de incentivo.

... à professora Catarina Tomás por todas as interrogações que colocou na minha cabeça e pela excelente profissional que é.

... à minha madrinha Mafalda por toda a paciência e pelas palavras amigas que me disse e que sem dúvida foi e sempre será para mim um exemplo a seguir.

... às CRFE e às 5, porque fomos fantásticas juntas. Não poderia ter pedido melhores companheiras para este percurso!

... às minhas afilhadas Joana Gonçalves, Catarina Sousa e *Sul* por marcarem o meu percurso académico de uma forma tão bonita e por me encherem de alegrias e orgulho.

... à Catarina Neves por me mostrar sempre o lado bom das coisas, por todas as parvoíces e por me animar e apoiar nos dias mais difíceis.

... à Ana Rita Bernardes, amiga de todas as horas, que me apoiou em tudo. Juntas e misturadas até sermos velhinhas!

... à Joana Ressurreição por ser a “mãe” do grupo, aquela que esteve lá sempre com um conselho e com uma palavra amiga.

... à Joana Rodrigues, pela amizade, pela preocupação, por ser quem é, pelas cusquices e pelas boleias infindáveis.

... à minha educadora de infância Tina porque marcou a minha vida de uma forma tão bonita, que é para mim um exemplo e que tem uma quota parte da culpa em eu ter escolhido seguir esta profissão.

... e agora à minha família porque sem eles não seria a pessoa que sou hoje! Um obrigada por tudo! Por todos os valores que me transmitiram, pelo exemplo que representam na minha vida, por todas as palavras de incentivo quando dizia que queria desistir, por todos os abraços e pelos “tu consegues!”, “és um orgulho!”. Amo-vos. Ah, é verdade, ao “Sr. Salva vidas” e ao “Sr. da PT” quero agradecer, especificamente, por todas as piadas “básicas” que me faziam dar uma grande gargalhada! E ao meu padrinho pelas dicas em inglês.

... por fim, deixo um agradecimento especial à minha mãe! Sem ela não teria conseguido chegar até aqui, sem dúvida alguma! És o meu maior exemplo, melhor mãe do mundo!

. . . se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E eu também passo a ser única no mundo para ti . . .

- Sabes, há uma certa flor... tenho a impressão que ela me cativou...

(Saint-Exupéry, 2001, p. 68).

A todos vocês, o meu mais sincero agradecimento.

Tenho a impressão de que me cativaram!

RESUMO

O presente relatório emerge da Prática Profissional Supervisionada (Módulo II), do mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, decorrido em contexto de jardim de infância (JI).

Neste documento, será apresentado o trabalho desenvolvido neste contexto de forma refletida, avaliando, deste modo, a minha prática educativa, que contribuiu para a construção da minha identidade profissional.

Para tal, será apresentada a caracterização do contexto onde se realizou a prática; serão também evidenciadas quais as minhas intenções para com aquele grupo de crianças, equipa educativa e famílias. Fará também parte deste documento um capítulo relacionado com a construção da profissionalidade docente, no qual se refletirá acerca do meu percurso percorrido nos contextos de creche e de JI.

Ao longo da prática, surgiu um projeto, o projeto do Hospital, que deu origem à investigação realizada, na medida em que as crianças quiseram construir um hospital na sala. Assim sendo, foi realizado um estudo de caso de natureza qualitativa, que emergiu da problemática relacionada com a participação das crianças na reorganização da área do faz de conta.

Através da utilização de diversas técnicas (entrevistas semiestruturadas) e instrumentos de recolha de dados (notas de campo, reflexões e registos fotográficos) e da triangulação dos dados obtidos, pretendeu-se perceber de que forma é que as crianças participam na reorganização de uma área da sala e se tal facto contribui (ou não) para a sua aprendizagem. Os resultados deste estudo apontam para as seguintes conclusões: (i) as crianças tiveram um papel ativo, quer na fase do planeamento, quer na construção/alteração do espaço, o que foi importante no seu processo de aprendizagem e de construção social; (ii) o direito à não participação deve ser sempre assegurado e representa a liberdade que as crianças têm em poder dizer não num ambiente democrático; (iii) o adulto deve saber ouvir as vozes das crianças, reconhecendo-as como agentes do seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Crianças; Jardim de Infância; Participação; Organização do espaço.

ABSTRACT

The present report emerges from the Supervised Professional Practice (Module II) of the Master degree in Pre-School Education at the Lisbon Higher Education School, elapsed in a kindergarten context (JI).

In this document the work developed will be presented in this context of reflected form, evaluating, in this way, my educational practice, that contributed to the construction of my professional identity.

For such, it will be presented the characterization of the context, where practice was performed, will also, be evidenced which were my intentions for that group of children, educational team and their families. It will be also part of this document a chapter related with the construction of the teaching profession, in which it will be reflected, about, my progress, in both day care center and kindergarten contexts.

Throughout the practice, a project came to life, the Hospital project, which has originated the performed research, in the means that the children wanted to build a hospital in their room. Therefore, a case study of a qualitative nature was performed, which emerged from the problematic related with children's participation in the reorganization of the make-believe area.

Using various techniques (semi-structured interviews) and data collection instruments (field notes, reflections and photographic records) and the triangulation of the data obtained, it was intended to understand how children participate in the reorganization of a room area and whether this contributes (or not) to their learning. The results of this study point to the following conclusions: (i) children have had an active role, both in the planning phase and in the construction/alteration of space, which was important in their learning and social construction process; (ii) the right to non-participation must always be ensured and represents the freedom that children have to be able to say not in a democratic environment; (iii) the adult should be able to listen to the *voices* of children, recognizing them like as agents of their learning process.

Keywords: Children; Kindergarten; Participation; Organization of the space.

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
1 Caracterização para a ação educativa.....	2
1.1 Caracterização do meio.....	2
1.2 Caracterização do contexto socioeducativo.....	3
1.3 Caracterização da equipa educativa.....	4
1.4 Caracterização do ambiente educativo.....	5
1.4.1 A rotina (Um Dia Tipo).....	5
1.4.2 Espaço físico e materiais.....	8
1.5 Caracterização das famílias.....	11
1.6 Caracterização das crianças.....	13
2 Análise reflexiva da intervenção.....	17
2.1 Avaliação do grupo de crianças.....	17
2.2 Intenções para a ação.....	20
2.3 Avaliação da concretização das intenções.....	23
3 Investigação em Jardim de Infância.....	28
3.1 Identificação e fundamentação da problemática.....	28
3.2 Revisão da literatura.....	29
3.3 Roteiro ético e metodológico.....	35
3.4 Apresentação e análise dos dados.....	37
3.5 Conclusões da investigação.....	48
4 Construção da profissionalidade docente como educadora de infância em contexto.....	50
Considerações finais.....	55
Referências.....	57
Anexos.....	62
Anexo A. Organograma do estabelecimento.....	63

Anexo B. Agenda semanal	65
Anexo C. Autorização para levantamento de informações sobre as crianças e para tirar fotografias	67
Anexo D. Caracterização das famílias.....	69
Anexo E. Caracterização das crianças.....	74
Anexo F. Autorização para a realização do portefólio de M.....	76
Anexo G. Carta de apresentação às famílias	78
Anexo H. Guiões de entrevista	80
Anexo I. Roteiro ético	83
Anexo J. Análise de conteúdo das notas de campo e das reflexões	92
Anexo K. Análise de conteúdo das entrevistas às crianças	112
Anexo L. Análise de conteúdo das entrevistas à educadora cooperante e à auxiliar de ação educativa	127
Anexo M. Análise de conteúdo das fotografias.....	131

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Planta da sala. Fonte própria.	9
Figura 2. Entrevista a uma enfermeira. Fonte própria.	41
Figura 3. Votação das áreas do hospital a construir na sala. Fonte própria.	41
Figura 4. Votação das áreas do hospital a construir na sala. Fonte própria.	42
Figura 5. Votação do nome do hospital. Fonte própria.	42
Figura 6. Inventário. Fonte própria.	43
Figura 7. Instrumento de pilotagem - divisão de tarefas. Fonte própria.	43
Figura 8. Delimitação do espaço. Fonte própria.	45
Figura 9. Delimitação do espaço. Fonte própria.	45
Figura 10. Delimitação do espaço. Fonte própria.	45
Figura 11. Cartaz - projeto do Hospital. Fonte própria.	46
Figura 12. Inauguração do hospital da sala. Fonte própria.	46
Figura 13. Brincar no hospital da sala - área do faz de conta. Fonte própria.	49
Figura 14. Brincar no hospital da sala - área do faz de conta. Fonte própria.	49

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Árvore categorial de análise de dados	37
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AAAF	Atividades de Animação e de Apoio à Família
APDJ	Associação para a Promoção do Desenvolvimento Juvenil
APEI	Associação de Profissionais de Educação de Infância
CPCJ	Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco
CRE	Centro de Recursos
IAC	Instituto de Apoio à Criança
JI	Jardim de Infância
MEM	Movimento da Escola Moderna
NAPARB	Núcleo Associativo de Pais e Encarregados de Educação
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PALOP's	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PE	Projeto Educativo
PPS II	Prática Profissional Supervisionada (Módulo II)
PPS's	Práticas Profissionais Supervisionadas (Módulos I e II)
TEIP	Território Educativo de Intervenção Prioritária
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

INTRODUÇÃO

O presente relatório emerge da Prática Profissional Supervisionada (Módulo II) (PPS II) em Jardim de Infância (JI), do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa e encontra-se dividido em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, será apresentada a caracterização para a ação educativa composta pela caracterização do meio, do contexto socioeducativo, da equipa educativa, do ambiente educativo, em que serão abordados tópicos como a rotina, o espaço físico e materiais. Por fim, serão apresentadas as caracterizações das famílias e das crianças do grupo.

O segundo capítulo do relatório engloba uma análise reflexiva da intervenção realizada, em que será explicitada uma avaliação do grupo de crianças, visto que serão mencionadas algumas características do grupo, bem como os seus principais interesses, necessidades e as evoluções ocorridas ao longo do meu estágio. Neste seguimento, será também abordada a planificação da minha prática pedagógica, quais as intenções que delinee para a minha ação com as crianças, com as famílias e com a equipa educativa e será realizada uma avaliação dessas mesmas intenções, indicando como concretizei cada uma das intenções previamente definidas.

No terceiro capítulo, será abordada a investigação realizada em contexto de JI, explicando como surgiu a problemática, bem como a revisão de literatura sobre o tema, quais as minhas opções metodológicas tendo em conta o roteiro ético elaborado e, por último, serão também apresentados e discutidos os dados obtidos ao longo da PPS II.

O quarto capítulo remete para uma reflexão sobre a construção da profissionalidade docente, tendo como base o meu percurso ao longo dos dois estágios realizados nas valências de creche e de JI e de que forma é que aqueles contribuíram para a minha formação e crescimento enquanto profissional.

No último capítulo, serão tecidas algumas considerações finais, através de um balanço geral acerca das PPS's e dos cinco anos da minha formação nesta área profissional. No final, serão apresentadas as referências utilizadas e os anexos construídos de forma a complementarem o trabalho desenvolvido.

1 CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO EDUCATIVA

Para contextualizar a minha Prática Profissional Supervisionada – Módulo II (PPS II) é fundamental descrever os agentes que nela estiveram envolvidos: a comunidade, o estabelecimento, a equipa educativa, as crianças e suas famílias, assim como as suas dinâmicas.

1.1 Caracterização do meio

De acordo com o Projeto Educativo (PE) (2016-2019), o local onde realizei a PPS II, encontra-se situado no distrito de Lisboa, concelho de Sintra, pertencendo à união das freguesias de Massamá e Monte Abraão, com uma população de cerca de 49.000 habitantes. Grande parte destes habitantes tem origem noutras regiões do nosso país, mas também no estrangeiro, mais concretamente no Brasil e em Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP's).

O estabelecimento é uma escola pública que faz parte de um agrupamento de escolas que apresenta respostas a um meio social que se caracteriza por ser “heterogéneo, de gente jovem de meia idade, havendo alguma diversidade de níveis sócio económicos e culturais” (PE, 2016-2019, p. 6). Assim sendo, é caracterizado por ser um agrupamento TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária), visto que é um agrupamento que se localiza num território onde a pobreza, a exclusão social, a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar estão presentes. Com este programa, pretende-se que seja reduzida a indisciplina, o abandono escolar e que seja promovido o sucesso escolar de todas as crianças, sem exceção (Direção-Geral da Educação, s.d.).

É ainda importante realçar que, à volta do estabelecimento, existem outras escolas deste agrupamento, espaços verdes, uma igreja, parques, correios, supermercados, restaurantes, cafés, teatro, comércio local, biblioteca e ainda é de privilegiar o fácil acesso dos transportes públicos, tendo autocarros a passar diariamente junto ao estabelecimento e a linha dos Comboios de Portugal a dez minutos do mesmo.

Para além disso, no PE (2016-2019), é apresentada uma vasta lista de instituições com as quais são estabelecidos protocolos e parcerias com o agrupamento. Desta lista, há a destacar a Câmara Municipal de Sintra, União das Freguesias de Massamá e Monte Abraão, Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados de Monte Abraão,

Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ), Instituto de Apoio à Criança (IAC), Biblioteca Municipal de Sintra, Polícia de Segurança Pública – Escola Segura, Bombeiros Voluntários de Queluz, Associação para a Promoção do Desenvolvimento Juvenil (APDJ), entre outras.

1.2 Caracterização do contexto socioeducativo

Tal como referido anteriormente, o estabelecimento educativo onde realizei o estágio pertence a um agrupamento de escolas públicas do concelho de Sintra e é tutelado pelo Ministério da Educação. O agrupamento é composto por três estabelecimentos, dois de 1º Ciclo e Jardim de Infância (a E.B. 1/JI e a E.B. 1/JI 2) e uma escola de 2º e 3º Ciclos (a E.B. 2,3).

De acordo com o PE (2016-2019), a partir do lema “Escola – construir o futuro”, surge a missão “contribuir para a formação integral de todos os alunos, com rigor e excelência, de forma a que no futuro se tornem cidadãos autónomos, responsáveis, livres e capazes” (PE, 2016-2019, p. 26), com o objetivo de que cada individuo se sinta parte integrante e participante de um todo, através do reconhecimento das suas individualidades, capacidades, feitos e opiniões.

Assim sendo, e com o intuito de cumprir a missão do agrupamento, são apresentados no PE (2016-2019) os valores e princípios orientadores que são a base para o trabalho diário dos profissionais que ali exercem funções: (i) “Igualdade de oportunidades” a todas as crianças que fazem parte do agrupamento, não excluindo nenhuma; (ii) “Tolerância e respeito pelo outro”; (iii) Valorização do conhecimento”; (iv) “Trabalho e responsabilidade”; (v) “Cultura de colaboração, partilha e coesão” em que se privilegia o trabalho em equipa entre crianças e docentes com o intuito de combater o insucesso educativo; (vi) “Reforço da abertura à comunidade” de forma a envolver as famílias e diversas instituições externas à escola, contribuindo para o enriquecimento do percurso educativo de cada criança; (vii) “Cultura de reflexão e autoavaliação” de modo a potenciar a formação de jovens críticos perante as suas ações e o mundo que os rodeia.

O estabelecimento alvo da minha PPS II é a E.B. 1/JI que dá resposta a duas valências (Jardim de Infância e 1º Ciclo). O JI funciona todos os dias úteis das 9 horas às 15 horas e o 1º Ciclo das 9 horas às 17 horas e 30 minutos (PE, 2016-2019).

A escola é composta por quatro edifícios (A, B, C e D). O primeiro (A) tem oito salas e é também onde funciona a associação de apoio extracurricular (Atividades de

Animação e de Apoio à Família – AAAF no caso do pré-escolar). O segundo edifício (B) também tem oito salas, realizando-se numa delas atividades no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tem uma sala de professores e funcionários, espaço também utilizado pelo Núcleo Associativo de Pais e Encarregados de Educação (NAPARB) e ainda um ateliê de pintura (PE, 2016-2019).

O edifício C é constituído por dois andares. No rés-do-chão encontram-se o Centro de Recursos Educativos (CRE), o Gabinete de Coordenação, a sala dos professores, uma sala cedida à Câmara Municipal de Sintra, a sala da ciência, o polivalente, dois balneários e duas arrecadações. No segundo andar existem quatro salas de aula, duas salas pequenas usadas para a terapia da fala e onde também se guardam materiais didáticos (PE, 2016-2019).

Por último, o edifício D é o pavilhão onde se encontram a maioria das salas de pré-escolar (sete das oito), local onde realizo a minha intervenção. Tem um elevador, o refeitório, oito salas de 1º Ciclo, um departamento e o gabinete de coordenação do jardim de infância (PE, 2016-2019).

No que diz respeito ao espaço exterior, e de acordo com o PE (2016-2019), todos os edifícios se encontram circundados por um espaço de elevadas dimensões, com um campo de jogos e espaços verdes com algumas espécies arbóreas. Ao longo dos anos, tem-se vindo a degradar, pelo que foi implementado desde o início do ano letivo de 2016/2017 um Projeto de Requalificação dos espaços exteriores.

1.3 Caracterização da equipa educativa

De acordo com o PE (2016-2019) e no que respeita à estrutura organizacional do agrupamento, esta é composta por (i) um Conselho Pedagógico que inclui os Coordenadores de Departamentos e outras estruturas de coordenação e de supervisão e orientação educativa; (ii) uma Direção que envolve o Diretor, Subdiretor, Adjuntas e Assessores e que comunica com os Coordenadores de Estabelecimento; (iii) e um Conselho Administrativo que envolve o Serviço de Administração Escolar (cf. Anexo A, Figura A1).

Segundo o PE (2016-2019), existem, em todo o agrupamento, 15 educadores de infância e 132 professores (48 de 1º Ciclo, 76 dos 2º e 3º Ciclos e 8 de Educação Especial). Porque existem muitos casos de crianças com Necessidades Educativas Especiais, foi efetuado um acordo com o Centro de Respostas Integrado que, por sua vez, disponibilizou profissionais para dar respostas às necessidades destas crianças: 1

Terapeuta Ocupacional, 1 Terapeuta da Fala, 1 Técnico Superior de Educação e Reabilitação e 2 Psicólogos.

Em relação ao pessoal não docente, existem 60 Assistentes Operacionais e 1 Vigilante. No que diz respeito ao pessoal administrativo, dispõem de 7 elementos do quadro da Câmara Municipal de Sintra.

Existe ainda o pessoal do refeitório e os Animadores – Mediadores, não estando especificado o total de profissionais destas áreas no projeto educativo.

Por fim, em relação à equipa educativa da sala onde realizei a minha PPS II, esta é constituída por uma Educadora de Infância e uma Assistente Operacional. É essencial que, entre todas as equipas educativas, exista uma boa comunicação, um bom clima e um bom ambiente, pois o envolvimento de todos os elementos da equipa em todos os momentos, permite que haja uma boa articulação das práticas desempenhadas e um desenvolvimento holístico das crianças, tornando-as em seres ativos e participativos nos contextos em que se encontram inseridos. “Este trabalho é indispensável para desenvolver uma ação articulada, que se integra na dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 29). É ainda importante referir que a educadora cooperante implementa como modelo pedagógico o Movimento da Escola Moderna (MEM).

1.4 Caracterização do ambiente educativo

O ambiente educativo da sala onde estagiei (Sala A), no que respeita à rotina e organização do grupo de crianças, ao espaço físico e à disposição dos materiais, vão ao encontro do Movimento da Escola Moderna, que se baseia na “construção de propostas de educação e de formação democráticas, ensaiadas nas práticas profissionais dos seus associados.” (Resendes & Soares, 2002, p. 35).

De seguida, irei descrever e refletir acerca dos tópicos referidos, descrevendo *Um Dia Tipo* vivido por este grupo de crianças neste ambiente educativo.

1.4.1 A rotina (Um Dia Tipo)

A partir das 9 horas, é realizado o acolhimento das crianças na sua respetiva sala, neste caso, na sala A. Assim que cada criança chega, é-lhe dado, por parte da equipa educativa, um bom dia caloroso. Assim que chegam à sala, dirigem-se aos instrumentos de pilotagem “Quero contar, mostrar ou escrever” e ao “Mapa das presenças” para assinalarem a sua presença e, de seguida, sentam-se na área do

tapete para a reunião de conselho da manhã. Nesta reunião, é realizado o “Plano do Dia” em que são planeadas, com as crianças, as atividades a serem realizadas no próprio dia e que, posteriormente, são avaliadas pelas mesmas.

Depois de todos entrarem, a educadora dá a indicação para fazerem uma roda no tapete e realizam o plano do dia em reunião. A cooperante sugeriu dar um passeio fora da escola para apanhar materiais para a área da Matemática e ciências. As crianças aceitaram a ideia e a profissional indicou que para irem tinham de cumprir algumas regras como não apanhar lixo do chão (Excerto da Nota de Campo n.º 3, dia 03/10/2018).

Às 9 horas e 30 minutos, as crianças distribuem-se pelas mesas e o “chefe da fruta” distribui as diferentes peças de fruta pelas crianças.

A meio da manhã a educadora pediu que as crianças se sentassem nas mesas e distribuiu-lhes a fruta que tinham trazido de casa para comerem (todos os dias, cada criança traz a sua fruta para o JI, para o lanche da manhã) (Excerto da Nota de Campo n.º 2, dia 02/10/2018).

Após comerem a fruta, o “presidente da semana” vai chamando as crianças para marcarem no “Mapa de Atividades” a área para onde querem ir ou o que querem fazer e, de seguida, distribuem-se pelas diferentes áreas e projetos dos quais fazem parte:

A rotina das crianças foi realizada como é habitual, fizemos o plano do dia, de seguida as crianças comeram a sua fruta e posteriormente, foram distribuídas pelas diferentes áreas ou realizaram os projetos dos quais fazem parte (Excerto da Nota de Campo n.º 24, dia 05/11/2018).

Às 11 horas e 30 minutos, a educadora dá a indicação às crianças que está na hora de arrumar. À medida que as crianças vão acabando de fazer, dirigem-se ao tapete onde é realizada uma reunião de conselho para as comunicações, dinamizada pela educadora cooperante. Ao mesmo tempo, realiza-se o momento de higiene para que, depois, se dirijam ao refeitório para almoçar.

Às 11 horas e 30 minutos voltaram para a sala e sentaram-se no tapete. A educadora ia chamando quatro crianças para se deslocarem à casa de banho da sala, onde se encontrava a auxiliar, para fazerem as suas necessidades e lavarem as mãos. Com as crianças que estavam no tapete a educadora fez alguns ritmos corporais para as crianças repetirem (Excerto da Nota de Campo n.º 2, dia 02/10/2018).

Pelas 12 horas, as crianças dirigem-se ao refeitório acompanhadas pela educadora cooperante, pela auxiliar e por mim, sendo que o restante tempo de refeição é acompanhado apenas pela auxiliar.

Por volta das 12 horas, a educadora pediu para que as crianças fizessem um comboio na porta da sala e dirigiram-se ao refeitório. Ao almoço as crianças comem sopa, prato principal e fruta (Excerto da Nota de Campo nº 2, dia 02/10/2018).

Por volta das 13 horas, as crianças chegam à sala acompanhadas pela auxiliar e dirigem-se à área do tapete para ouvirem uma história.

À tarde, às 13 horas, depois do regresso das crianças da sua hora de almoço, a educadora leu a história “Um gorila” (Excerto da Nota de Campo nº 41, dia 28/11/2018).

Posteriormente, decorre o tempo de animação cultural e/ou trabalho curricular partilhado pelo grupo. Tal como foi planeado com as crianças e registado na agenda semanal da sala, todos os dias existe um momento para uma proposta em grande grupo (cf. Anexo B, Figura B1). De acordo com a informação que consta na agenda, à segunda-feira é o dia da matemática, à terça é o dia das artes, à quarta de manhã é realizada a ginástica e à tarde a escrita, à quinta é o dia das experiências e à sexta é o dia da arrumação e organização dos trabalhos.

Às 13 horas a educadora reuniu com as crianças na área do tapete e referiu que, tal como tinham chegado a acordo na realização da “agenda”, hoje era dia de escrita. A educadora propôs escrever uma carta em resposta a uma outra que tinham recebido de crianças de outro JI e o grupo aceitou a ideia (Excerto da Nota de Campo nº 31, dia 14/11/2018).

Depois das propostas em grande grupo, as crianças dirigem-se novamente para as diferentes áreas ou projetos que marcaram no “Mapa de Atividades”.

A educadora pediu à Ma para ir chamando um menino de cada vez, para que este escolhesse para que área queria ir brincar (Excerto da Nota de Campo nº 3, dia 03/10/2018).

Por volta das 14 horas e 30 minutos, as crianças juntam-se outra vez para a reunião em conselho, de forma a realizarem um balanço do dia, avaliam o “Plano do Dia” e lancham.

A educadora começou a cantar uma canção relacionada com o facto de ser hora de arrumar a sala e as crianças começaram a fazê-lo. Posteriormente, deu a indicação que se sentassem no tapete para lancharem. A auxiliar distribuiu leite e bolachas . . . Neste momento fez ainda a avaliação do dia com as crianças. Conversaram sobre se tinham ou não cumprido o que tinham planeado para fazerem naquele dia e, utilizando o seguinte código: bola verde – a tarefa foi realizada na totalidade; bola amarela – não cumpriram a tarefa na sua totalidade; bola vermelha – não realizaram a tarefa. (Excerto da Nota de Campo nº 3, dia 03/10/2018).

A saída do JI realiza-se às 15 horas.

1.4.2 Espaço físico e materiais

De acordo com Zabalza (1992), a organização do espaço espelha o modelo pedagógico que é adotado por cada educador e tem em conta as intenções que norteiam a sua prática. Para além disso, as salas são os locais onde as crianças passam grande parte dos seus dias e, por este motivo, é essencial que sejam espaços agradáveis para as mesmas e que promovam o seu desenvolvimento holístico (Zabalza, 1992). O espaço é assim um indutor de aprendizagens, na medida em que influencia as experiências com as quais as crianças podem contactar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

Tal como já foi referido anteriormente, o modelo implementado pela educadora cooperante é o MEM e a “acção educativa do MEM pressupõe um espaço educativo organizado em função dos conceitos de ensino-aprendizagem que defende os instrumentos que os operacionalizam” (Resendes & Soares, 2002, p. 50).

Assim sendo, o espaço da sala (cf. Figura 1), está organizado para que as crianças, durante o tempo de áreas e projetos, possam realizar várias atividades ao mesmo tempo nas diferentes áreas de acordo com as suas preferências, seja em grande grupo, em pequenos grupos ou individualmente (Resendes & Soares, 2002).

Para além das aprendizagens que promove, o/a educador/a deve ter como intencionalidade promover a segurança de todas as crianças. Deste modo e segundo Post e Hohmann (2004), os móveis não devem ser pesados e as estantes devem estar

fixas. Também os móveis e os materiais devem estar à altura das crianças, facilitando assim o seu acesso, o que irá promover a sua autonomia e um sentimento de pertença, visto que as crianças podem escolher livremente que material pretendem explorar (Forneiro, 1998; Resendes & Soares, 2002).

Tendo em conta estes aspetos, a sala encontra-se dividida em onze áreas: área do faz de conta, da casinha das bonecas, laboratório da matemática e ciências, pintura, biblioteca, modelagem, computador, oficina de escrita, jogos de construção, garagem e jogos de mesa. Estas áreas encontram-se devidamente identificadas com etiquetas, que têm o nome e o desenho representativos das mesmas, assim como o número de crianças permitido em cada uma delas. Na sala existe ainda, ao centro, um conjunto de mesas para a realização de modelagem, recorte e colagem, desenhos, jogos de mesa e projetos.

Ao longo de uma das paredes da sala existe um quadro de cortiça onde se encontram afixados vários instrumentos de pilotagem, inclusive o mapa de atividades.

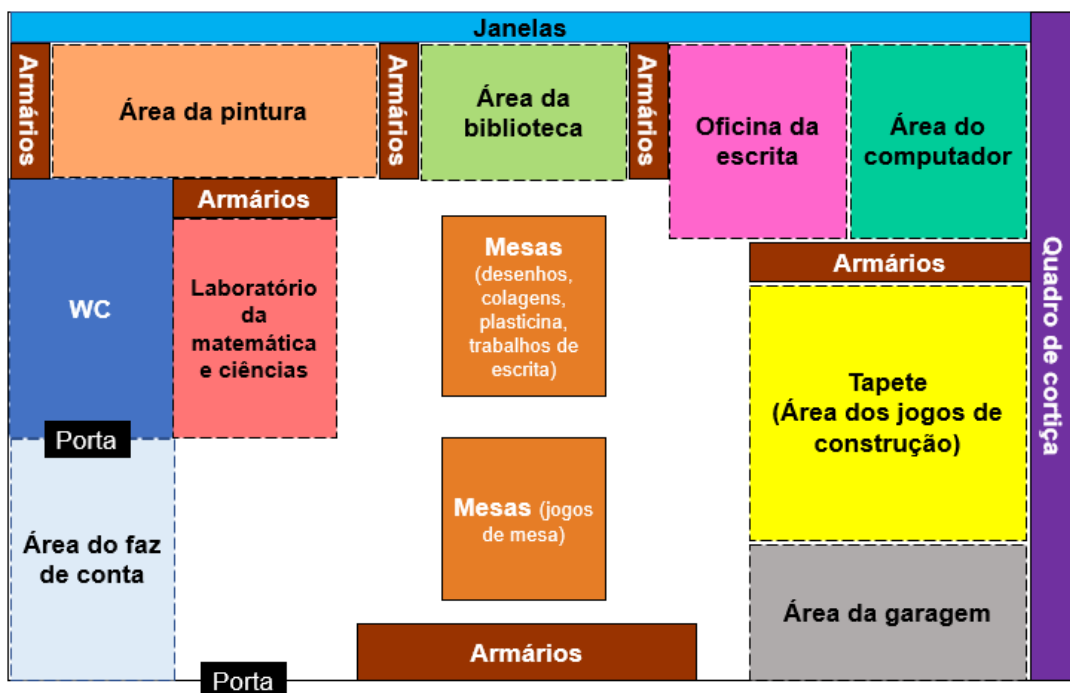


Figura 1. Planta da sala. Fonte própria.

As crianças, antes de se deslocarem para uma determinada área, sabem que têm de preencher o mapa escolhendo a área para onde querem ir. Este mapa é uma tabela de dupla entrada em que, na primeira coluna consta o nome de todas as crianças e, na primeira linha, as atividades que podem realizar tendo em conta as áreas

existentes na sala. Após esta marcação, as crianças podem deslocar-se para as diferentes áreas ou projetos.

No que diz respeito à área do faz de conta, esta é uma área frequentemente escolhida, quer por meninos quer por meninas e onde as crianças têm à sua disposição diversos materiais que representam uma casa, como roupeiro, cama para bebês, armários com gavetas, espelho, uma mesa com bancos no centro, uma cozinha, com pratos, chávenas, talheres, entre outros materiais, um suporte para cabides com várias roupas, bem como um supermercado. No entanto e após uma situação de uma brincadeira que ocorreu e uma conversa com as crianças na área do tapete, foi decidido que se ia alterar esta área do faz de conta e substituir o supermercado por um hospital.

Tal aspeto foi desenvolvido no projeto que desenvolvi com as crianças, intitulado “Projeto do Hospital”, no âmbito da unidade curricular Conhecimentos e Docência em Educação de Infância, assim como a decisão das áreas a construir, dos materiais a incluir neste espaço e a construção desses próprios materiais. Estas decisões contaram com a participação ativa por parte das crianças, ainda que sob a orientação do adulto. Vala (2012), defende que um dos objetivos do educador deve ser “organizar com o grupo de crianças um espaço educativo funcional, acolhedor e envolvente, que promova situações desafiantes e motivadoras para as crianças.” (p. 6).

É neste sentido que, “o educador deverá organizar um espaço flexível, que possa ser modificado sempre que os interesses, propostas e necessidades apresentadas pelas crianças o tornem necessário, mas também acolhedor e estruturante, que respeite a livre expressão da criança.” (Vala, 2012, p. 7).

No que diz respeito à “casa das bonecas”, esta era uma área composta por uma casa de madeira com várias divisões consoante os andares, casa de banho, quartos, sala, cozinha, entre outros, e com bonecos, onde as crianças podem brincar ao faz de conta.

Relativamente ao laboratório da matemática e ciências, existem materiais como o tangram, cubos/dados, formas geométricas, dominós, objetos para fazer conjuntos, réguas, fitas métricas, números, materiais de medição, lupas, ímanes, paus, folhas, globo e um peixe verdadeiro. Neste espaço, as crianças têm assim oportunidade para medir, fazer números, padrões, conjuntos, contar, utilizar e fazer formas geométricas, fazer experiências, podendo observar e comparar os diversos materiais aí existentes. Há a realçar que nesta área se encontra exposto um inventário com os materiais aí existentes e as atividades que as crianças podem realizar.

Ao lado do laboratório da matemática e ciências, encontra-se a área da pintura, com um cavalete, tintas guache e pincéis, onde as crianças podem realizar pinturas sempre que quiserem, estimulando assim a sua criatividade.

Perto desta área, encontra-se um armário à altura das crianças, onde se encontram materiais como folhas brancas, tesouras, colas, recortes de revistas, para que as mesmas possam realizar colagens, plasticinas de várias cores para a modelagem e ainda um dossier com imagens de obras de vários artistas plásticos. Estas atividades realizam-se nas mesas.

A área da biblioteca é composta por uns sofás e uma estante com várias prateleiras. Existe uma prateleira com livros de histórias ao nível das crianças. Ao lado da biblioteca, está a oficina de escrita.

Os jogos de construção são realizados no tapete e encontram-se arrumados à altura das crianças para que as mesmas os possam utilizar e construir o que quiserem, realizando, por exemplo, encaixes. Para além desses materiais também existem animais em miniatura, permitindo às crianças realizarem atividades de faz de conta nesse espaço. Ao lado dessa área, encontra-se a garagem. Na sala, existem também os jogos de mesa, como puzzles ou jogos de encaixe.

As áreas mais frequentadas eram a do faz de conta, da pintura, dos jogos de construção e da garagem, sendo que a primeira era, geralmente, frequentada tanto por meninos como por meninas, enquanto que a área da pintura era mais frequentada pelas meninas e os jogos de construção e a garagem pelos meninos.

No que diz respeito à arrumação dos materiais e com o intuito de que as crianças se tornassem mais autónomas neste processo, a estratégia utilizada pela educadora foi colocar fotografias dos diversos materiais onde os mesmos devem estar arrumados.

1.5 Caracterização das famílias

“Os pais/famílias e o estabelecimento da educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 28). É por este motivo essencial que as famílias sejam então consideradas como parceiros na ação educativa do/a educador/a, visto que ambos devem trabalhar para o bem-estar da(s) criança(s).

A caracterização é realizada com o intuito de perceber o contexto familiar de cada criança, o que é fundamental para ajustar a minha prática a cada uma, tendo em conta as suas necessidades e características.

De modo a reunir estas informações, solicitei aos encarregados de educação uma autorização para a recolha de dados (cf. Anexo C). Os encarregados de educação de duas das crianças, não me autorizaram a levantar dados referentes ao contexto familiar da criança, mais especificamente, às idades, nacionalidades, habilitações literárias, profissões e situações laborais dos progenitores, a tipologia e a dimensão do agregado familiar da criança em causa. Em relação às restantes crianças, os dados foram recolhidos tendo em conta as fichas das crianças e os processos de matrícula das mesmas, tendo sido posteriormente organizados numa tabela (cf. Anexo D, Tabela D1).

No que diz respeito aos dados dos progenitores que autorizaram a sua recolha, há a referir que, no que se refere às “mães” e a respetiva faixa etária, cinco delas apresentam idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos, doze entre os 30 e os 39 anos e seis entre os 40 e os 49 anos. Quanto ao nível de escolaridade, uma das mães tem o 4º ano, quatro têm o 9º ano, cinco das mães não acabaram o secundário, oito têm o 12º ano, três têm licenciatura. Não foram fornecidos dados de uma das mães. No que se refere à situação laboral das mães, dezanove delas, ou seja, a maioria, encontra-se empregada, três desempregadas e sobre uma, não foi possível obter os respetivos dados.

Relativamente à faixa etária dos “pais”, um tem entre os 20 e os 29 anos, dez entre os 30 e os 39 anos e sete dos pais têm entre os 40 e os 49 anos. Não foi possível obter informação relativamente a cinco pais. No que respeita à escolaridade, um possui o 5º ano, outro o 6º, um o 7º ano, três dos pais possuem o 3º Ciclo, dois não acabaram o secundário, cinco têm o 12º ano, um tem licenciatura e não obtive dados referentes a nove pais. Quanto à situação laboral, catorze encontram-se empregados, dois desempregados, e não foi possível recolher os dados de nove dos pais, visto que esse campo (situação laboral) não tinha sido preenchido.

É ainda possível afirmar que a maioria dos progenitores apresentam nacionalidade portuguesa (trinta), sete apresentam nacionalidade brasileira, um é de nacionalidade angolana, dois são guineenses, dois são do Bangladesh, dois são cabo-verdianos, não tendo recolhido dados relativos a dois “pais”. Tendo em conta a nacionalidade dos progenitores das crianças da sala, posso afirmar que existe uma grande diversidade cultural no grupo.

No que respeita à estrutura familiar, existem vinte e uma famílias nucleares, uma alargada e uma família sobre a qual não foi possível obter os dados. A dimensão dos agregados familiares varia entre dois, três, quatro, cinco e seis membros por família.

No que se refere à participação das famílias, segundo Sá (2002), é possível afirmar que as famílias apresentam uma participação direta e ativa; direta, porque existe uma “mediação entre representantes e representados” (p. 135) e ativa porque são famílias que se envolvem e empenham na sua participação. Um exemplo é o facto de as famílias participarem nas reuniões de pais, participarem em projetos solicitados pela educadora cooperante e realizarem alguns trabalhos com as crianças que lhes são solicitados.

A educadora explicou aos pais que gostava de realizar um projeto sobre a multiculturalidade, na medida em que na sala existem crianças oriundas de diversos países e que achava interessante abordar este tema com a colaboração dos pais que poderiam ir à escola mostrar alguns dos seus costumes ou alguma receita, entre outros aspetos. Perguntou aos pais o que achavam da ideia ao que os mesmos responderam que concordavam e que seria uma mais-valia para as crianças (Excerto da Nota de Campo nº 53, dia 19/12/2018).

1.6 Caracterização das crianças

De acordo com Ferreira (2004), é importante referir que as crianças são atores sociais e, por essa razão, vivenciam diferentes experiências ao longo da sua vida, consoante a sua cultura, pelo que temos de considerar que cada uma delas é um ser único e diferente de todas as outras. Assim, há que ter em consideração a sua heterogeneidade a diferentes níveis (grupos socioculturais a que pertencem, género, frações etárias e os seus percursos biográficos e institucionais).

O grupo é formado por 25 crianças, 11 do sexo feminino e as restantes do sexo masculino (14). No início da PPS II, as crianças apresentavam idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos (duas com três anos, nove com quatro anos e catorze com cinco anos), já no final tinham entre os 4 e os 6 anos (dez com quatro anos, catorze com cinco anos e uma com seis anos). A maioria das crianças apresenta nacionalidade portuguesa (20), no entanto existem duas brasileiras, uma do Bangladesh e duas guineenses. No que diz respeito ao seu percurso institucional, dez das vinte e cinco crianças é a primeira vez que frequentam o JI e as restantes quinze é o segundo ano (cf. Anexo E, Tabela E1).

O facto de ter contactado com este grupo de crianças durante cerca de quatro meses permitiu-me identificar as suas fragilidades, necessidades e interesses. Assim sendo, através das observações realizadas, é possível afirmar que as principais áreas de interesse das crianças eram a área do faz de conta, pintura, jogos de construção e a área da garagem, sendo que estas duas últimas eram mais frequentadas pelos meninos, a pintura pelas meninas e a área do faz de conta por todos.

Destaco como uma potencialidade o facto de o modelo implementado pela educadora cooperante ser o MEM, o que faz com que as crianças estejam habituadas a realizar projetos, trabalho este que foi evidente durante o período da PPS II:

Em relação à última coluna (queremos fazer), M referiu que queria fazer um projeto sobre castores, Ri disse que queria fazer um projeto sobre os bebés, Mh mencionou que gostava de fazer uma gelatina e um pic-nic e também foram mencionados mais dois projetos, o dos dragões e o do hospital (Excerto da Nota de Campo nº 38, dia 23/11/2018).

Outra potencialidade está relacionada com a criança Mh que é oriunda do Bangladesh e que, conseqüentemente, sabe falar várias línguas, bengali, o português e o inglês. Por vezes, as crianças da sala reproduziam algumas palavras em inglês e, sempre que tinham alguma dúvida, pediam à Mh para as auxiliar nesta língua. Vejo também como uma potencialidade o facto de existirem crianças e famílias oriundas de vários países, o que faz com que este contexto seja multicultural, permitindo, assim, às crianças do grupo contactar e experienciar diferentes culturas.

Como fragilidades saliento o facto de ser um grupo constituído por muitas crianças, vinte e cinco, o que faz com que não seja possível dar um apoio a todas ao mesmo tempo, existindo como estratégia o trabalho realizado em pequeno grupo.

Dado que o grupo de crianças era heterogéneo em termos de idades, foi possível observar que existem diferentes níveis de desenvolvimento ao nível das várias áreas de conteúdo das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

Assim sendo, posso afirmar que, no que diz respeito à área da Formação Pessoal e Social (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), a maioria das crianças zelava pelo seu bem-estar e segurança e demonstravam a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões. No entanto, privilegiavam o seu bem-estar em detrimento do bem-estar dos outros, ocorrendo, desta forma, alguns conflitos, conforme ilustra a seguinte nota de campo:

Depois de realizar esta tarefa, [Dm] quis ir para a área do faz de conta. Mais tarde, consegui observar que esta criança e Ri estavam a disputar uma travessa. Dirigi-me até eles, coloquei-me ao nível deles e procurei perceber o que se estava a passar, ouvindo um de cada vez, conseguindo no final chegar a um acordo com as duas crianças, arranjando uma solução para o problema (Excerto da Nota de Campo nº 5, dia 08/10/2018).

Nestas alturas, os profissionais que contactam com as crianças tentam perceber o que aconteceu e privilegiam o diálogo entre as mesmas na resolução dos problemas. Sobre a convivência democrática e a cidadania, as crianças demonstravam respeito umas pelas outras, capacidade de socialização e espírito crítico e interventivo relativamente ao que as rodeia, especificamente no que concerne à autonomia (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

A nível da área da Expressão e Comunicação, sobretudo no domínio da educação física, a maioria das crianças conseguia perceber as propostas e respeitar as regras dos jogos, conseguia realizar diversos tipos de deslocamentos como o andar, correr, saltar, rastejar, gatinhar, entre outros, e manusear materiais como bolas, balões, arcos. Um dos seus grandes interesses era a realização de percursos.

Relativamente à educação artística, o faz de conta esteve sempre muito presente em tudo o que era vivenciado pelas crianças no seu dia a dia, em todas as suas brincadeiras, no recreio, na área do faz de conta, ou até mesmo nos jogos de construção, sendo capazes de criar situações imaginárias, criando objetos para o efeito:

Durante o momento de áreas e projetos, observei Bj, M e Ri no tapete a realizarem construções com peças de madeira. Observei que construíram quadrados e que, no centro, colocaram bonecos de animais que vivem na água como tubarões, polvos, golfinhos, baleias, entre outros. De seguida, dirigi-me até aos mesmos e perguntei-lhes o que tinham feito. As crianças responderam-me que tinham construído o oceanário e que aqueles quadrados eram os aquários. Perguntei à M a razão de os tubarões estarem todos no mesmo aquário, ao que a criança me respondeu que estavam todos juntos porque eram da mesma família (Excerto da Nota de Campo nº 56, dia 07/01/2019).

Os desenhos e as pinturas eram outro foco de interesse deste grupo, quer fosse para criarem uma produção ou para registarem algo para um projeto em desenvolvimento: “posteriormente, procurámos informações em livros sobre vulcões e

as crianças quiseram desenhar um vulcão, tendo como base os livros da pesquisa.” (Excerto da Nota de Campo nº 8, dia 11/10/2018).

Relativamente à linguagem oral e abordagem à escrita, a maioria do grupo conseguia compreender mensagens orais em várias situações e utilizavam a linguagem oral, conseguindo comunicar de forma clara. No que diz respeito à escrita, quase todas as crianças já escreviam o seu nome, até mesmo as que entraram este ano pela primeira vez no JI. M e Bj já conheciam todas as letras e, por vezes, associavam-nas umas às outras, conseguindo formar sons.

Em relação ao domínio da matemática, é possível afirmar que a maioria das crianças conseguia identificar quantidades através de diferentes formas de representação (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), realizar contagens, utilizando os dedos, ou contando objetos, fazendo a correspondência termo a termo. No entanto, no que diz respeito à resolução de problemas do quotidiano, nem todas as crianças conseguiam operacionalizar, utilizando a adição e a subtração.

Por último, em relação à área do Conhecimento do Mundo, as crianças eram *curiosas e interessadas* na descoberta de novas aprendizagens, principalmente através de experiências e, também, na realização dos projetos.

2 ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

Tendo presente as caracterizações descritas anteriormente, apresento e explico neste ponto do trabalho, os princípios e as intenções que tive em conta ao longo de toda a minha prática profissional supervisionada no contacto com as crianças, com as famílias e com a equipa educativa, com base nas reflexões diárias e semanais realizadas.

2.1 Avaliação do grupo de crianças

A avaliação do grupo de crianças é fundamental para o/a educador/a de infância para que o mesmo, através das informações que recolhe e do que observa, consiga adequar o seu planeamento ao grupo de crianças com que contacta, promovendo a sua evolução e, conseqüentemente, a sua aprendizagem (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

Avaliar os progressos das crianças consiste em comparar cada uma consigo própria para situar a evolução da sua aprendizagem ao longo do tempo. Refletir sobre esses progressos e o valor que atribui às experiências de aprendizagem das crianças permite ao/a educador/a tomar consciência das conceções subjacentes à sua intervenção pedagógica e o modo como estas se concretizam na ação. Possibilita-lhe, ainda, explicitar o que valoriza e fundamentar as razões das suas opções, junto de outros intervenientes no processo educativo (outros profissionais, pais/famílias). (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 15)

Assim sendo, irei realizar a avaliação do grupo de crianças, evidenciando as principais evoluções das crianças desde o início da minha PPS até ao final da mesma, tendo em conta as áreas de conteúdo das OCEPE – Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

No que se refere à primeira área de conteúdo mencionada, Formação Pessoal e Social, o grupo de crianças, de uma forma geral, conseguia identificar as suas características individuais, tendo noção de algumas das suas capacidades e dificuldades. As crianças manifestavam os seus interesses, preferências e as suas emoções, demonstrando os seus diferentes temperamentos. Tendo em conta este

aspecto, constatei que existiam crianças que evidenciavam “comportamentos conflituosos” mais regulares do que outras e que os exteriorizavam, principalmente em situações de partilha de algum brinquedo ou material, ou até mesmo em situações de cooperação:

Às 11 horas e 30 minutos dirigimo-nos para o recreio e assisti a um conflito entre Dm e Bj. As duas crianças estavam-se a bater uma à outra. Dirigi-me até elas, separei-as e de seguida conversei com Dm. Utilizei a mesma estratégia dos outros dias, de falar num tom baixo e a criança respondeu-me a gritar (Excerto da Nota de Campo nº 7, dia 10/10/2018).

A maioria das crianças demonstrava capacidade para fazer escolhas e tomar decisões, um fator bastante positivo na minha perspetiva, talvez devido ao facto de a educadora cooperante promover a participação das crianças a vários níveis. Outro fator que considero bastante positivo foi o facto de algumas crianças como Lr, R, Ri e H que frequentavam o JI pela primeira vez, terem apresentado, no início do ano letivo, algumas dificuldades em gerir as suas emoções, principalmente durante o acolhimento ao terem que se separarem dos pais, e que o ultrapassaram.

Lr chegou com a mãe à escola. A criança agarrou-se à mãe a chorar. Chamei-a para vir ao meu colo, mas a criança não quis deixar o colo da mãe. Eu e a mãe explicámos-lhe que a mãe não podia ficar, que tinha de ir trabalhar, mas que depois à tarde a ia buscar. A criança não queria largar a mãe, mas esta teve que ir embora, deixando-a a chorar. Peguei nela ao colo e a criança abraçou-me, continuando a chorar (Excerto da Nota de Campo nº 10, dia 15/10/2018).

A partir do momento em que as crianças foram criando as suas próprias amizades com as outras crianças do grupo e conhecendo a rotina e o espaço, sentindo-se cada vez mais seguras e sem receios, estas situações tornaram-se mais esporádicas:

A Lr entrou na sala, sorriu, disse adeus à mãe dirigiu-se até à educadora para lhe dar um beijinho de bom dia e, posteriormente, fez o mesmo comigo e com a auxiliar da sala (Excerto da Nota de Campo nº 45, dia 04/12/2018).

No que à participação das crianças diz respeito, verifiquei uma evolução por parte do grupo na tomada de decisões no seu processo de aprendizagem: no início do

ano letivo, eram geralmente sempre as mesmas crianças que participavam, com ideias para o “Plano do Dia”. No final da PPS II, verificava-se um maior número de crianças a participar neste processo, dando as suas ideias durante a reunião de conselho em que estavam todos presentes. Tal facto também pode ser observado por exemplo em alguns instrumentos de pilotagem presentes na sala, como é o caso do diário, em que, no início da PPS II, poucas crianças o preenchiam e, no final da mesma, todas o faziam, tendo em conta o que queriam registar (se é algo que gostam, que não gostam ou que gostariam de fazer num futuro próximo).

No que diz respeito à área da Expressão e Comunicação, concretamente ao nível do domínio da Educação Física, do que observei, constatei que os principais interesses das crianças eram os percursos e a realização de jogos; nos percursos, pude observar que, de uma maneira geral, as crianças cumpriam a sucessão dos mesmos, realizando todas as propostas, sem receios, demonstrando-se sempre *entusiasmadas*. As crianças reconheciam e realizavam vários deslocamentos como a marcha, corrida, gatinhar, rolar, saltar a pés juntos e a um pé, entre outros. Em relação aos jogos, as principais dificuldades identificadas foram cooperar com os outros em situações de jogo e seguir as regras do jogo. Contudo, este aspeto sofreu uma melhoria de sessão para sessão.

No domínio da Educação Artística, subdomínio das Artes Visuais, foi notória a evolução das crianças em relação ao desenho: inicialmente, algumas realizavam apenas garatujas; com o decorrer da PPS II, foi mais perceptível o que pretendiam representar, fossem objetos ou, por exemplo, a figura humana.

No que concerne ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o grupo era *comunicativo*; no entanto, constatei que algumas crianças apresentavam alguma dificuldade em respeitar a sua vez para falar, interpelando os outros.

Algumas das crianças do grupo, no início da PPS II, não reconheciam nem conseguiam representar graficamente as letras do seu nome; no final da mesma, já quase todas o faziam de forma correta.

No domínio da matemática, é de realçar que existiu uma evolução do grupo no que concerne à realização de contagens de forma crescente, visto que algumas apresentavam dificuldade na sucessão dos números. Uma dificuldade que pretendo destacar é que existiam crianças que ainda não associavam o nome dos números aos numerais escritos correspondentes, um aspeto que também sofreu uma evolução favorável.

A nível da área do Conhecimento do Mundo, devido ao facto de as crianças estarem familiarizadas com a realização de projetos, realizavam os mesmos, incidindo estes sobre esta área de conteúdo: mais concretamente sobre os animais (ao longo da minha PPS II os projetos sobre os animais que foram realizados foram o projeto das tartarugas, o projeto dos peixes, das orcas, dos dragões, das águias, dos lobos e das lontras) ou sobre catástrofes naturais, como foi o caso do projeto dos vulcões.

Através dos projetos dos animais que foram realizados, as crianças adquiriram conhecimentos relativamente às características destes seres vivos, identificando algumas das suas diferenças e semelhanças e, através do projeto dos vulcões, as crianças conseguiram, por exemplo, descrever e identificar estes fenómenos naturais. Para além destes aspetos, o facto de se realizarem experiências de alguns fenómenos do quotidiano como a transformação da água em gelo e vice-versa e “flutua ou não flutua”, as crianças foram incentivadas a realizarem as suas previsões, formulando hipóteses, expressando ideias, tendo em conta o que pensavam que iria acontecer, confrontando os resultados com as suas previsões:

Antes do lanche, as crianças reuniram à volta das mesas e foram-lhes mostrados os balões que tinham ficado no congelador durante o fim-de-semana, para verem e sentirem o que tinha acontecido. As crianças referiram que a água tinha congelado, ficando sólida e posteriormente, todas quiseram tocar no gelo, fazendo-o. Após tocarem no mesmo referiam também que estava frio. Depois . . . a educadora referiu que iríamos deixar o gelo na sala de um dia para o outro para ver o que acontecia. Existiram crianças que referiram que, no dia seguinte, ia haver neve e que iria nevar na sala (Excerto da Nota de Campo nº 66, dia 21/01/2019).

2.2 Intenções para a ação

De acordo com Silva, Marques, Mata e Rosa (2016), a ação de um educador de infância norteia-se pela sua intencionalidade. Tal intencionalidade é estabelecida de acordo com os objetivos que pretende alcançar e, é por esse motivo que é essencial que eu, enquanto estudante do mestrado em educação pré-escolar e futura educadora de infância, defina as minhas intenções tendo em conta o grupo de crianças, as famílias e a equipa educativa com os quais contacto. Assim sendo, é importante referir que pretendi dar continuidade ao trabalho, intenções e princípios estabelecidos pela educadora cooperante, de modo a garantir o bom funcionamento e a qualidade das rotinas.

No que diz respeito às crianças, a primeira intenção definida encontra-se relacionada com **o estabelecimento de relações calorosas, afetuosas, respeitadas, de empatia e de proximidade com as crianças**. Estabelecer este tipo de relações é extremamente importante para que se criem relações de segurança, confiança, para que seja promovida a autoestima da criança e para que o/a educador/a se torne numa figura de referência para as crianças. Esta foi a primeira intenção que defini, na medida em que, desde o meu primeiro dia de estágio que tentei estabelecer este tipo de relações com todas as crianças do grupo, respeitando as suas vontades, interesses, opiniões e necessidades, contribuindo, desta forma, para o seu desenvolvimento a vários níveis (cognitivo, emocional e social).

A segunda intenção que defini foi **respeitar cada criança como ser único e ator social, com o intuito de responder aos seus interesses, necessidades, opiniões e vontades, tendo em conta o seu temperamento, de modo a promover o crescimento saudável de cada uma** (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

Outra das minhas intenções (terceira), é um seguimento da segunda intenção e que, por sua vez, prende-se com um dos direitos das crianças expresso na Convenção dos Direitos da Criança (Fundação das Nações Unidas para a Infância., 1989) e que consiste no **direito à participação a vários níveis** (por exemplo no planeamento do seu dia, proporcionando oportunidades de escolha e tomada de decisões, organização do ambiente educativo – tempo e espaço, entre outros aspetos), **contribuindo para o seu crescimento e para o seu desenvolvimento holístico em termos de conhecimento**.

A minha quarta intenção está relacionada com a **promoção da autonomia e com a autorregulação das crianças a diversos níveis (no comer, no vestir, promover a independência na resolução dos problemas, auxiliando na gestão da frustração de cada uma)**.

A quinta intenção surge aliada à quarta intenção que, por sua vez, está relacionada com a **promoção do sentimento de responsabilização de cada criança**, por exemplo, incentivando-as na realização das tarefas diárias ou semanais da sala.

A minha sexta intenção, encontra-se relacionada com a **formação de seres democratas, críticos e interventivos, capazes de viver em sociedade, nunca esquecendo princípios como o respeito pelos outros e incentivando à cooperação e interação entre pares**.

Por fim, mas não menos importante, a minha sétima intenção prende-se com o facto de **envolver as crianças no seu próprio processo de avaliação contínua**, ao longo da PPS II.

Relativamente à minha prática junto das famílias, esta teve como principais intenções **estabelecer uma relação positiva, de empatia e de respeito em relação às mesmas, transmitindo-lhes segurança e respeito** para que se sentissem confortáveis devido ao facto de, para além da equipa educativa, estar mais um adulto (eu) em contacto com os seus filhos/netos.

A minha segunda intenção encontra-se relacionada com o **pedido de consentimento e de informar as famílias relativamente a alguns aspetos do trabalho desenvolvido por mim, juntamente com as crianças**, através de autorizações que elaborei (pedido para o levantamento de informações do contexto da criança; pedido para tirar fotografias, garantindo a confidencialidade e a não divulgação externa dos dados, a não ser para o meu relatório de estágio; pedido, aos pais de M, para realizar um portefólio com a criança) e através de conversas informais.

A minha última intenção (terceira) em relação às famílias está relacionada com **a formação de uma parceria entre o estabelecimento e as famílias, incentivando-as a contribuírem e a participarem**, por exemplo, em projetos, a virem à sala partilhar algo com o grupo relacionado, por exemplo, com as suas origens, costumes, cultura, ou simplesmente, explicarem qual a sua profissão, o que fazem, lerem uma história, partilharem uma receita, entre outras possíveis intervenções.

Por fim, no que diz respeito às minhas intenções com a equipa educativa, estas passam por, tal como referido anteriormente, **dar continuidade ao trabalho realizado, às intenções definidas pela equipa educativa da sala, mais concretamente pela educadora cooperante**, tentando implementar, nas minhas ações, o modelo pedagógico que esta defende e utiliza (o MEM); pretendi, também, **transmitir confiança à equipa, pela promoção de um bom ambiente e clima em que seja criada uma relação positiva, onde prevaleça o diálogo aberto entre todos os elementos** e onde eu pudesse esclarecer as minhas dúvidas, dar as minhas opiniões e ideias, respeitando as opiniões e as críticas construtivas dos outros, resultando num processo de trabalho em equipa. Só através do trabalho em equipa e, conseqüentemente, com o envolvimento de todos os elementos da mesma é que é possível a realização de um trabalho que é “indispensável para desenvolver uma ação articulada, que se integra na

dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 29).

2.3 Avaliação da concretização das intenções

Tendo em conta o ponto anterior, ou seja, as intenções que defini para a minha prática com aquele grupo de crianças irei, de seguida, explicitar que estratégias utilizei com o intuito de conseguir concretizar tais intenções.

Assim e tendo em conta as intenções definidas em relação às crianças, tentei, de forma gradual, ir ganhando a sua confiança, mostrando-me disponível para o que as mesmas necessitassem, confortando-as, principalmente em momentos de maior desconforto e frustração, demonstrando-lhes segurança e empatia:

A criança [Lr] não queria largar a mãe, mas esta teve que ir embora, deixando-a a chorar. Peguei nela ao colo e a criança abraçou-me, continuando a chorar . . . Depois levei-a para o tapete onde estavam as outras crianças e perguntei-lhe se ela queria que ficasse ao pé dela, ao que a criança me respondeu que sim (Excerto da Nota de Campo nº 10, dia 15/10/2018).

Outra das minhas estratégias foi relacionar-me com as mesmas através do brincar, “atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.10). Foi também através do brincar que estas relações de empatia, de proximidade com as crianças, de afetividade e de respeito mútuo se foram fortalecendo e sinto que fui ganhando o meu espaço na sala, ao longo do tempo, na medida em que as crianças iam recorrendo também a mim quando necessitavam de algum apoio, fosse para as confortar, para me mostrarem algo que tinham feito, ou até mesmo para as suas brincadeiras.

No que concerne à intenção definida relativamente à participação das crianças, tentei sempre promover este aspeto, que também é defendido pela educadora cooperante. Para tal, era realizado, por exemplo, o “Plano do Dia” com as crianças, momento em que as mesmas referiam o que queriam fazer; eram as mesmas que nos momentos de áreas e projetos decidiam o que queriam fazer e como o queriam fazer, por exemplo, em relação ao projeto do Hospital, foi planeado em conjunto com as crianças como é que se iria organizar a área do faz de conta, uma vez que estas queriam construir um hospital na sala. Para isso, em grande grupo foram realizadas várias reuniões para se decidir que áreas do hospital é que iriam ser construídas na sala, que

materiais iriam ser construídos, quem é que iria fazer o quê (divisão de tarefas), planeado como é que iria ficar a área e onde se iria dispor cada material, que nome é que iria ser atribuído ao hospital, entre outros aspetos.

Dirigi-me com as crianças [V, W, H e Mg] à área do faz de conta . . . As crianças observaram o espaço disponível e decidiram onde é que iria ficar cada uma destas áreas. Estes espaços foram delimitados no chão pelas crianças, utilizando como recurso fita cola . . .

H: *“Aqui fica a mesa do médico.”*

V: *“E aqui as cadeiras, a do médico e a do doente! Eu quero ser médica!”*

W: *“Aqui fica a maca, Mg, deita-te aqui para eu saber o tamanho!”*

W: *“Aquilo do raio-x fica onde?”*

Mg: *“Fica aqui!”*. Mg agarrou na fita cola e colou-a na parede (Excerto da Nota de Campo nº 54, dia 03/01/2019).

Considero que, através do projeto do Hospital, consegui incentivar a responsabilização e também, de certa forma, a autonomia das crianças, na medida em que as incentivei a realizarem as propostas a que se propunham; por exemplo, aquando da realização da divisão de tarefas para a construção dos materiais para o projeto; no entanto, as suas vontades foram sempre respeitadas e, quando alguma criança não demonstrava apreço em realizar alguma tarefa, falava com a mesma com o intuito de perceber o que se passava, qual a sua razão para o efeito, sendo que a mesma nunca era forçada a realizar nada que não fosse da sua vontade.

Para além deste aspeto, no que diz respeito ao incentivo à responsabilidade relativa às tarefas diárias e semanais, todas as semanas, mais concretamente à segunda-feira, as tarefas da sala eram sempre distribuídas pelas crianças, pelo que quando percebia que alguma delas se esquecia da sua tarefa, voltava a lembrá-la do que se tinha proposto fazer durante determinado tempo e explicava-lhe que era a sua responsabilidade e que, por esse motivo, se tinha de lembrar de a cumprir.

Relativamente à intenção definida relacionada com a promoção da autonomia das crianças nas tarefas do dia a dia como no comer, no vestir, tentei sempre incentivar a que as crianças as realizassem sozinhas; mas, quando me apercebia que estavam a ficar *frustradas* por não conseguirem, ajudava-as.

No que diz respeito à independência na resolução de conflitos, quando as crianças se dirigiam a mim para as auxiliar em relação a este aspeto, incentivava-as a

falarem umas com as outras para resolverem os seus problemas, sendo que só atuava em casos de “confronto físico”, separando as crianças e conversando com as mesmas individualmente para tentar perceber o sucedido. Em outros momentos, quando as crianças não conseguiam solucionar os seus problemas, incentivava-as a escreverem num instrumento de pilotagem existente na sala para o efeito, o “diário”, na coluna do “não gostamos”, para que, depois, esse assunto fosse abordado na reunião de conselho de grande grupo de avaliação de sexta-feira.

Em relação à intenção definida relacionada com a formação de seres democratas, críticos e interventivos, capazes de viver em sociedade, respeitando os outros e cooperando com os mesmos, tal foi conseguido, por exemplo, através das reuniões de conselho, de planeamento, na realização dos planos do dia, nas reuniões para a resolução de algum problema, nas votações realizadas no projeto do Hospital, entre outros aspetos, sendo que tentei promover o diálogo, o respeito pelo outro, o ouvir o outro e o pensar em conjunto.

No que se refere à última intenção definida para as crianças, envolver as mesmas no seu próprio processo de avaliação contínua, esta também foi concretizada ao longo do desenvolvimento dos projetos que desenvolvi com as crianças, em que avaliávamos, em conjunto, o que tinha sido realizado, com o intuito de perceber o que se poderia melhorar e também através da realização do portefólio da criança M com a mesma, em que foi avaliada a sua evolução desde o início da PPS II até ao final da mesma, num processo contínuo.

Segundo Grubb e Courtney (citados por Parente, 2004), o portefólio é um método de avaliação alternativa que compila dados adquiridos através de múltiplas fontes, permitindo, desta forma, reunir diversas informações, de modo a realizar uma avaliação mais fiel do processo de aprendizagem da criança. Consiste num registo da evolução da criança que inclui o que adquire, quais as suas evoluções, o modo como pensa, como adquire e processa as informações e quais as suas criações e produções. É uma estratégia de avaliação contínua, em consequente mudança que, por sua vez, resulta de um trabalho de equipa, cujos objetivos passam por relatar e documentar os progressos no desenvolvimento e na aprendizagem de cada criança e obter informações relevantes que me permitam repensar e adequar a minha prática às necessidades, potencialidades, fragilidades e interesses da criança e reunir informações sobre a mesma para poder comunica-las aos mais interessados na sua educação, os pais (Parente, 2004).

O portefólio foi realizado com a criança M devido ao facto de ser a criança que mais acompanhei ao longo do meu estágio, visto que passei muito tempo com a mesma na realização de projetos. Para além disso, uma vez que é uma criança *curiosa* e *empenhada* em tudo o que faz tendo sempre um desejo de querer saber mais, quis tentar conhece-la melhor, perceber as suas potencialidades e dificuldades, de forma a que o meu trabalho, em conjunto com a mesma, estimulasse a sua evolução.

Para que tudo isto fosse possível, para além de ter conversado com a criança M com o intuito de perceber se queria fazer ou não o seu portefólio comigo, enviei também, para os seus pais um pedido de autorização para o efeito, tendo esta sido aceite (cf. Anexo F).

Relativamente às intenções definidas com as famílias - **o estabelecimento de uma relação positiva com as mesmas**, tentei criar sempre uma relação de *empatia* e de *respeito* perante as mesmas, demonstrando-me disponível para o que precisassem e principalmente nos momentos em que comunicava com as mesmas, como por exemplo no acolhimento, nas saídas, na reunião de pais a que assisti, de modo a que as famílias me vissem como parte integrante da equipa educativa de sala com quem podiam contactar quando necessitassem e em quem poderiam confiar para deixar os seus filhos.

Outra das minhas intenções em relação às famílias estava relacionada com **partilhar informações com as mesmas sobre o meu estágio**, o que foi feito na reunião de pais e, também, através de uma “carta de apresentação” que expus no corredor junto à sala e na qual expliquei quem era e o que iria fazer na sala de atividades (cf. Anexo G). Para além disso, enviei para todos os pais um pedido de autorização para tirar fotografias às crianças, garantindo a sua utilização apenas para fins académicos e referindo que as suas caras iriam ser ocultadas; foi pedida a devida autorização para o levantamento de informações acerca do contexto familiar das crianças, garantindo também que a sua privacidade iria ser respeitada. Nem todos os pais me deram autorização para tal, pelo que apenas utilizei os dados que tive autorização para consultar.

No que concerne à última intenção definida com as famílias, mais concretamente à **formação de uma parceria entre o estabelecimento e as famílias**, consegui fazê-lo no projeto do Hospital em que existiram pais que, quando souberam da elaboração do projeto, se demonstraram disponíveis para arranjam materiais para o hospital que iria ser construído na sala, uma vez que tinham facilidade para o fazerem; convidei a

mãe da criança Dd para ir à sala falar sobre a sua profissão (enfermeira) e responder às perguntas das crianças relacionadas com o projeto.

A reunião já tinha acabado quando a mãe do Dd se dirigiu a mim para combinar o dia em que iria à sala para que as crianças lhe fizessem a entrevista sobre o hospital, na medida em que é enfermeira e lhe fizemos este convite. Estive a conversar com a mãe, mostrei-lhe que materiais e informações já tínhamos recolhido e que registos é que as crianças tinham feito. Ficou combinado que a mãe iria à escola no dia 4 de janeiro de manhã para a entrevista. Após a mãe da criança S também se dirigiu a mim, dizendo-me que não trabalhava num hospital, mas que trabalhava numa clínica, que era assistente dentária e perguntou-me se eram necessários materiais ao que respondi que sim, visto que iríamos mudar uma área da sala e a mesma respondeu-me que conseguiria arranjar compressas, seringas e luvas (cf. Nota de Campo nº 53, dia 19/12/2018).

Face às intenções definidas com a equipa educativa, tentei dar sempre continuidade ao trabalho desenvolvido em sala e ao modelo implementado pela educadora cooperante (MEM), mostrando-me sempre disponível e interessada em aprender e saber mais com o intuito de melhorar, dia após dia, a minha prática. Considero que, quer a educadora cooperante, quer a auxiliar de ação educativa da sala estiveram sempre disponíveis para me apoiarem, criando-se, desta forma, um ambiente muito positivo, com um *bom* clima, com um diálogo aberto que me permitiu sentir-me confortável para propor as minhas ideias e opiniões e onde a cooperação e a partilha eram as “palavras de ordem”, num verdadeiro trabalho de equipa.

3 INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

Este capítulo tem como principal objetivo apresentar, de forma fundamentada, as opções metodológicas tomadas para a elaboração do trabalho de investigação com crianças de Jardim de Infância. A presente problemática surgiu neste contexto, pelo que não é um *continuum* do estágio anterior. Começo por explicar como surgiu a problemática identificada, apresento a revisão da literatura realizada, identifico o método, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados no processo de investigação e, por fim, apresento os dados obtidos e as conclusões retiradas, após a sua análise.

3.1 Identificação e fundamentação da problemática

Ao longo da minha prática profissional supervisionada em contexto de JI com crianças com idades compreendidas entre os 4 os 6 anos, realizei diversas observações em que as *vozes* das crianças eram fundamentais no dia a dia nesse contexto e na sua aprendizagem, tornando-as mais autónomas, *empenhadas* nas atividades e *felizes*.

Desde cedo que se me colocou a questão: *qual a importância da participação das crianças numa sala de JI?* Não tenho dúvidas sobre esta questão, mas a participação das crianças vai para além da ideia do querer ou não fazer parte ou realizar uma atividade/proposta/projeto. *E a sua participação na organização do espaço, será assim tão fundamental também para a aprendizagem?*

Esta temática da organização do espaço, surgiu no dia 13 de novembro, numa das reuniões de conselho da manhã, quando a educadora cooperante questionou as crianças com o intuito de perceber se existia algum espaço da sala que quisessem alterar. As crianças responderam, de forma consensual, que queriam transformar a área do faz de conta num hospital, pois já tinha havido brincadeiras entre as crianças Me e W, em que uma delas estava a fazer um parto à outra.

A educadora, mais tarde falou comigo a explicar-me que tinha sugerido a alteração do espaço devido ao facto de ter observado uma brincadeira na área do faz de conta entre Me e W em que uma das crianças estava a ter um bebé e a outra estava a realizar o parto (Excerto da Nota de Campo nº 30, dia 13/11/2018).

Este interesse despertou em mim o querer fazer com elas um trabalho de projeto e perceber até que ponto a sua participação na organização da área do faz de conta, de acordo com os seus interesses, seria uma mais valia para a formação de cada uma.

3.2 Revisão da literatura

Ao realizar alguma revisão de literatura sobre a problemática, emergiram vários conceitos, tais como *trabalho de projeto*, *direitos das crianças*, *participação das crianças* e *participação das crianças na organização do espaço*. De acordo com Tomás e Gama (2011), “participar significa influir directamente nas decisões e no processo em que a negociação e a concertação entre adultos e crianças são fundamentais, um processo em que possa integrar tanto as divergências como as convergências relativamente aos objectivos pretendidos” (p. 3).

A participação das crianças deve fazer parte da sua aprendizagem como um valor que aquela vai adquirindo, numa sociedade democrática que nem sempre lhe permite isso (Tomás & Gama, 2011). Segundo Agostinho (2010), as vivências das crianças são, frequentemente, condicionadas pelos adultos que as consideram imaturas sem reconhecerem as suas competências para uma contribuição ativa na sociedade, na cultura dos seus pares e como cidadãos por direito próprio.

Lansdown (2005) refere que houve um reconhecimento tardio das crianças como seres dotados de direitos, na medida em que “their capacities for participation are underestimated, their agency in their own lives is denied and the value of involving them is unrecognised.” (Lansdown, 2005, p. 40).

Atribui-se ao não reconhecimento por grande parte da sociedade do direito das crianças de serem ouvidas, o considerarem que não têm entendimento nem capacidade na tomada de decisões, subestimando-as, e também por não quererem a partilha do poder da tomada de decisões, perspectiva que se encontra estritamente relacionada com uma conceção de criança, em que a mesma não é vista como um ser capaz, detentora de direitos, negligenciando “a imagem da criança como actor social de direito próprio, realçando essencialmente a sua dependência e incompetência, sendo as suas vidas analisadas a partir do olhar adulto” (Soares, 2006, p. 26).

Segundo Lopes, Correia e Aguiar (2016), nos últimos anos, o conceito de infância assumiu um significado diferente, em que as crianças começaram a ter voz própria, com direitos que constam na Convenção dos Direitos da Criança.

Berit Bae e Francesco Tonucci (citados por Agostinho, 2010), realçam a importância do conhecimento da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, no que respeita ao direito à sua participação na tomada de decisões, acrescentando-se o direito a serem ouvidas, conforme referido por Tomás e Gama (2011).

As reflexões das crianças sobre as suas acções são uma parte fundamental do processo de aprendizagem. Ouvir e encorajar a forma particular como a criança pensa fortalece o seu pensamento emergente e as suas capacidades de raciocínio. Os adultos *ouvem as crianças enquanto estas trabalham e brincam* para poderem compreender, a partir das suas conversas espontâneas, a forma como estão a pensar sobre aquilo que fazem (Hohmann & Weikart, 1997, p. 47).

O direito de a criança expressar a sua opinião sobre qualquer assunto ou procedimento que a afeta está consagrado no artigo 12 da Convenção que proclama:

1. Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade.
2. Para este fim, é assegurada à criança a oportunidade de ser ouvida nos processos judiciais e administrativos que lhe respeitem, seja directamente, seja através de representante ou de organismo adequado, segundo as modalidades previstas pelas regras de processo da legislação nacional (Fundação das Nações Unidas para a Infância., 1989, p. 10).

Segundo Lansdown (2010),

implementation of Article 12 requires recognition of and respect for nonverbal forms of communication such as play, body language, facial expression, or drawing and painting, through which very young children make choices, express preferences and demonstrate understanding of their environment (p.12).

Neste sentido, é fundamental escutar as crianças, dar-lhes voz, deixá-las participar de uma forma mais ativa, criando estratégias e abordagens que o permitam, partindo da individualidade de cada criança, de forma a que se possam construir práticas

democráticas e personalizadas, com base numa interação entre a criança e o adulto, em que o diálogo e o saber ouvir estejam presentes (Agostinho, 2010).

Tomás e Gama (2011) sugerem que as crianças tenham a oportunidade de exporem as suas ideias, tomarem as suas decisões em relação a assuntos que estão intimamente relacionados consigo; defendem que lhes deve ser dado espaço para o fazerem por exemplo na escola, visto que é o local onde passam grande parte das suas horas diárias.

Em Portugal, o direito de participação das crianças está implícito nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) com o “reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo” (p. 12), em que a criança tem o direito a que as suas opiniões sejam ouvidas e o educador deve escutá-las, estimular as suas iniciativas, promovendo a tomada de decisões e a sua participação no processo educativo.

Lopes, Correia e Aguiar (2016) acrescentam que o direito à participação traz benefícios às crianças tais como autoestima e motivação que, por sua vez, pode contribuir para uma menor aptidão para comportamentos de risco. Assim, as crianças sentem-se mais valorizadas, aprendendo a viver, de uma forma mais participada e democrática, sentindo-se mais integradas na sociedade. E o JI é o local onde vivenciam, pela primeira vez, uma experiência de democracia (Vasconcelos, 2007). Aí, a criança “vai aprender a viver em grupo, a trabalhar com os outros, com a consequente distribuição de tarefas e gestão dos problemas de forma participativa. Aprende a ser autónoma nestas tarefas e a recorrer ao adulto como mediador, quando necessário.” (Vasconcelos, 2007, p. 112).

Tomás (2007) faz referência à UNICEF como um dos organismos internacionais defensor e promotor da participação das crianças, o que pressupõe a ideia de democracia, ou seja, reforça a ideia da coexistência destes dois conceitos, em que o respeito tem que estar presente, por quem quer ou não quer participar, garantindo-se iguais oportunidades para todos os participantes. Tais aspetos são defendidos pelo modelo pedagógico MEM, em que Niza (citado por Resendes & Soares, 2002), refere que os conceitos nucleares deste modelo são a comunicação, a cooperação e a participação democrática.

Os profissionais que implementam o MEM defendem a diferenciação do trabalho pedagógico, a participação democrática das crianças, envolvendo-as na aquisição dos seus próprios conhecimentos e, conseqüentemente, nas aprendizagens, o que leva a

uma maior qualidade educativa, maior desenvolvimento pessoal e social das crianças. “As competências sociais e pessoais constroem-se através da própria vivência na sala de aula. Põe-se em prática e exercita-se o viver democrático no próprio processo de ensino-aprendizagem.” (Resendes & Soares, 2002, p. 50).

De acordo com Niza (citado por Vala, 2012),

[a] escola define-se para os docentes do MEM como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Nele, os educandos deverão criar com os seus educadores as condições materiais, afectivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural (p. 6).

Este modelo baseia-se na perspectiva de que a criança é um ser ativo, com interesses, que é ouvida e que participa na sua própria aprendizagem e na construção dos seus conhecimentos a partir das experiências que vivencia no contexto em que se encontra inserida (Folque, 1999). “O modelo do MEM propõe um currículo baseado nos problemas e motivações da vida real e uma escola profundamente integrada na cultura da sociedade que serve.” (Folque, 1999, p. 6). Ocorre assim uma vivência democrática, de planeamento e tomadas de decisão em conjunto entre as crianças e o educador acerca do seu dia a dia – partilha do poder/controlo (Folque, 2014; Resendes & Soares, 2002).

No MEM, é ainda privilegiada a realização de trabalhos de projeto, uma vez que estes “constituem uma estratégia de diferenciação dos conteúdos das aprendizagens, das atividades e do tempo. Centra-se no trabalho dos alunos, isto é, no aprender, e não na lição do professor, isto é, no ensinar.” (Resendes & Soares, 2002, p. 72).

Tal como referido por Vasconcelos et al. (2011), trabalhar por projetos pode ser considerado uma metodologia de trabalho que implica pesquisa, planificação e intervenção de forma a responder aos problemas e interesses manifestados pelas crianças, sendo que os conceitos de negociação e consenso são fundamentais para a sua implementação. Através desta metodologia, as crianças fazem pesquisas, exploram matérias e conteúdos, recolhem informações, colocam questões, aprendem a aprender,

a saber, a saber planear, a saber fazer e experimentar, a saber partilhar, a saber transmitir, a saber avaliar, a responsabilizarem-se.

De acordo com Flavell (citado por Hohmann & Weikart, 1997), as crianças aprendem pelo contacto direto, através dos sentidos, do seu corpo, com os materiais, visto que tais experiências, por serem reais, tornam concretas e figuradas todas as suas aprendizagens.

Assim, a participação das crianças na organização do espaço assume-se como veículo/estratégia importante na aprendizagem das mesmas. “O reconhecimento da capacidade da criança para fazer escolhas e tomar decisões é outro dos princípios presentes na planificação do espaço.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 162), o que contribui para o desenvolvimento da sua independência e promove a sua autonomia (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Tal facto faz com que a criança seja vista como um agente com influência nos seus próprios processos de aprendizagem, um ser com voz ativa com direito a ser ouvida, a participar, que desempenha um papel crucial no planeamento e na avaliação do currículo e do ambiente educativo, visto que faz com que os mesmos sejam ajustados e alterados para melhor, tornando-se cada vez mais responsivos aos interesses e necessidades do grupo (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

De acordo com Zabalza (1992), a organização do espaço espelha o modelo pedagógico que é adotado por cada educador e tem em conta as intenções que norteiam a sua prática. O espaço é assim um indutor de aprendizagens, na medida em que influencia as experiências com as quais as crianças podem contactar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). É então por este motivo que, um dos objetivos do/a educador/a deve ser “organizar com o grupo de crianças um espaço educativo funcional, acolhedor e envolvente, que promova situações desafiantes e motivadoras para as crianças.” (Vala, 2012, p. 6).

No MEM, a organização do espaço da sala é considerada como uma fonte de aprendizagem, o que contraria os modelos mais tradicionais em que é o professor que pensa a realiza a organização do espaço. Neste modelo pedagógico,

o poder da tomada de decisões e sua regulação é partilhado pelo grupo. “A prática democrática de organização partilhada é estabelecida em conselho cooperativo. Engloba todos os aspectos da vida escolar desde o planeamento de actividades e projectos, até a sua realização e avaliação cooperativa” (Niza,

1990). As crianças são, desde logo iniciadas na utilização dos instrumentos e em práticas de planificação e avaliação que permitem que este processo aconteça. (Folque, 1999, p. 8).

Zabalza (1992), defende que o espaço deve ser flexível, acolhedor, que seja adequado para as crianças, respondendo às suas necessidades e interesses, que promova o seu bem-estar e que seja potenciador de aprendizagens, contribuindo, deste modo, para o seu desenvolvimento a vários níveis. E para tal, nada melhor que ouvir as crianças, ideia defendida por Silva, Marques, Mata e Rosa (2016), visto que as mesmas são agentes do processo de construção das suas próprias aprendizagens.

Para Vala (2012), “o educador deverá organizar um espaço flexível, que possa ser modificado sempre que os interesses, propostas e necessidades apresentadas pelas crianças o tornem necessário, mas também acolhedor e estruturante, que respeite a livre expressão da criança.” (p. 7).

O espaço educativo é um fator condicionante das aprendizagens das crianças e, como tal, é de extrema importância a realização da reorganização do mesmo com o grupo. Portanto, o espaço deve ser flexível, seguro, possível de ser adaptado de acordo com as propostas das crianças e também das avaliações realizadas pelo educador (Vala, 2012).

Ainda de acordo com Vala (2012), por vezes, quando o grupo é novo e não está ambientado com o modelo pedagógico implementado, deve ser o/a educador/a a propor algumas alterações na organização do espaço, visto que o grupo nunca vivenciou nada anteriormente, para conseguir propor alguma alteração. Esta situação foi evidente na sala de JI onde desenvolvi a PPS II; cerca de metade das crianças do grupo entraram, este ano, pela primeira vez, no JI. No entanto, quando as mesmas são envolvidas neste processo, de organização do espaço, demonstram-se entusiasmadas e motivadas, colaborando com as suas ideias e colocando-as em prática (Hohmann & Weikart, 1997).

Em suma, os espaços devem ser atrativos para as crianças, seguros, acolhedores, flexíveis e responder aos seus interesses e necessidades, o que pressupõe uma avaliação correta e constante acerca da sua funcionalidade (Vala, 2012).

3.3 Roteiro ético e metodológico

A problemática que investiguei em contexto de JI apresenta como objetivo geral ***identificar, compreender e analisar de que forma é que as crianças participam na reorganização da área do faz de conta*** e como objetivos específicos: *(i) compreender e analisar a participação das crianças no planeamento e tomada de decisões e/ou escolhas; (ii) identificar e analisar a participação das crianças na construção dos materiais e/ou equipamentos necessários; (iii) compreender e analisar o envolvimento das crianças na organização do espaço.*

Surgiu devido ao facto de as crianças mostrarem vontade e interesse em alterar uma área da sala, a área do faz de conta, substituindo o supermercado que já existia por um hospital, dando assim origem ao “*Projeto do Hospital*”.

Para esta investigação, optei por realizar um estudo de caso de natureza qualitativa, pois segundo Yin (2001), “o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.” (p. 21) e é uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especificamente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2001, p. 32). Para Merriam (citado por Bogdan & Biklen, 1994, p. 89), o estudo de caso resulta na observação minuciosa “de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”. Neste caso, propus-me estudar e investigar o acontecimento específico da reorganização da área do faz de conta com a participação das crianças.

Tal como referido anteriormente, o estudo de caso que realizei é de natureza qualitativa, visto que pretendia perceber se as crianças são ou não capazes de contribuir para a organização do espaço e de que forma é que o podem fazer, promovendo a sua participação. Com o intuito de ser o mais fiel possível na análise dos dados e na veracidade dos mesmos (Yin, 2001), defini um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha de dados para o efeito.

De acordo com Yin (2001), a observação é a principal técnica de recolha de dados dos estudos de caso uma vez que consiste num “conjunto de técnicas de observação visual e auditiva, não envolvendo interações verbais específicas com o observador, e supondo frequentemente o anonimato deste” (Costa, 1986, p. 136). Uma vez que a observação direta esteve sempre presente na minha prática, posso afirmar

que a mesma foi realizada de uma forma participante, visto que orientei o projeto do hospital, estando ao mesmo tempo a recolher dados, mas também de uma forma não participante, na medida em que existiram momentos em que não intervimos, de forma a não condicionar o comportamento das crianças. Para que a recolha de tais dados fosse o mais diversificada possível, recorri a um conjunto de instrumentos: as notas de campo, um “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 150), as reflexões diárias e semanais que foram elaboradas ao longo de toda a PPS II, os registos fotográficos que, por sua vez, se relacionam diretamente com a investigação qualitativa e que nos fornecem “fortes dados descritivos, [e que] são muitas vezes utilizadas para compreender o subjectivo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 183) e, ainda, as entrevistas semiestruturadas realizadas às crianças, à educadora cooperante e à auxiliar de ação educativa, uma vez que permitem comparar a diversidade de dados delas obtidos e que retratam as várias interpretações que os entrevistados têm acerca de um determinado assunto (Bogdan & Biklen, 1994; Meirinhos & Osório, 2010).

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com base em dois guiões (cf. Anexo H, Tabelas H1 e H2), com perguntas pré-definidas, o que me pareceu ser o mais adequado a este tipo de estudo, atendendo ao facto de apesar de permitir alguma liberdade, é facilitadora no direcionar para o tema face ao tempo disponível para a realização da mesma (Bogdan & Biklen, 1994).

Pretendo realçar que escolhi apresentar uma grande diversidade de técnicas e de instrumentos de recolha de dados, pois considero que tal variedade me permite fazer uma melhor triangulação dos mesmos, de modo a obter uma representação mais fiel da realidade (Yin, 2001). Com todos os dados recolhidos, será feita a análise de conteúdo dos mesmos. Será uma análise indutiva com a construção de uma árvore categorial (cf. Tabela 1). Apresento, de seguida sob a forma de uma tabela síntese, as categorias predefinidas (Participação e Não Participação), e subcategorias (através dos dados obtidos nas observações, notas de campo, reflexões, entrevistas e fotografias) que orientam a análise e discussão dos dados apresentados no ponto seguinte e que permitirão chegar às conclusões (Silva & Fossá, 2013; Vala, 1986).

Tabela 1
Árvore categorial de análise de dados

Tema	Categoria	Subcategoria
Participação na reorganização da área do espaço	Participação	Definição do conceito de participação
		No planeamento: - Um processo democrático - Pesquisa – estratégias - Dar ideias/opiniões - Tomar decisões
		Na construção/alteração do espaço: - Construção de materiais - Planeamento e finalização do espaço físico - Outro tipo de participação
		Na avaliação do projeto: - Reflexão com as crianças sobre aprendizagens adquiridas
	Não participação	Respeito pelas crianças que não querem participar
		Perceção sobre os motivos das crianças

Nota. Fonte própria

No que concerne aos participantes da investigação, fizeram parte da mesma a educadora cooperante da sala onde estagiei, a auxiliar de ação educativa da sala e as 22 crianças do grupo da PPS II, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos. Estas crianças quiseram fazer parte do “Projeto do hospital” e, conseqüentemente, da reorganização da área do faz de conta.

Ao longo da investigação, para a realização de um roteiro ético (cf. Anexo I, Tabela I1) e de forma a garantir a ética profissional, tive sempre em conta um conjunto de princípios éticos e deontológicos (Tomás, 2011) e a *Carta de Princípios para uma Ética Profissional* da Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI, 2011).

3.4 Apresentação e análise dos dados

A análise de conteúdo foi realizada a partir de tabelas elaboradas consoante a árvore categorial de análise dos dados, quer para as notas de campo e reflexões (cf. Anexo J), entrevistas às crianças (cf. Anexo K), à educadora cooperante e à auxiliar de ação educativa (cf. Anexo L), quer para os registos fotográficos (cf. Anexo M).

Na realização das entrevistas e acerca da participação no “*Projeto do Hospital*” em que se perguntava se preferiam que fosse a educadora e a auxiliar de ação educativa a mudar a área do faz de conta ou se gostavam mais assim, com a participação delas e o porquê, foi possível obter a seguinte resposta, por parte de uma das crianças do grupo: “*Gostei mais de termos sido nós a mudar o espaço, porque nós somos mais inteligentes!*” (H).

Julgo que esta afirmação retrata bem a importância de ouvirmos as vozes das crianças, de integrarmos a sua participação nas suas aprendizagens (cf. Anexo K, Tabela K1).

Há a acrescentar que, das 22 crianças que responderam à questão anteriormente apresentada, apenas 1 respondeu que preferia ter sido a educadora, sem que tivesse apresentado uma razão para tal. Todas as outras 21 crianças referiram que preferiram ser elas a mudar a área do faz de conta, transformando-a num hospital, sobretudo, fazendo-se perceber porque eram capazes, porque tinham competências para isso, e que juntos, o conseguiam (cf. Anexo K, Tabela K1).

Apresentam-se algumas das respostas recebidas:

“Gostei que nós fizemos sozinhos, porque nós também temos de fazer sozinhos e nós também queremos fazer sozinhos porque nós queremos fazer as coisas que nós sabemos” (Ri);

“Gostei de sermos nós porque assim ficou mais giro e não demorou porque somos muitos a construir” (Bj);

“Gostei mais de serem os “mininos” porque foi mais divertido” (Dm);

“Gostei sermos nós a faze o hospital poque queia faze o hospital” (L);

“Os meninos, porque são muito bons a fazerre” (Leo).

Todas estas respostas dadas pelas crianças reúnem aqui alguns conceitos importantes tais como trabalho em equipa, o saber fazer/autonomia, o ir ao encontro das suas necessidades, dos seus objetivos, a diversão, a felicidade.

De facto, estas afirmações proferidas por algumas das crianças do grupo com quem intervimos, parecem confirmar o que alguns autores defendem, como por exemplo, Niza (2013, p. 144):

nela [escola], os educandos deverão criar com os seus educadores as condições materiais, afetivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural.

A educadora cooperante, na entrevista realizada (cf. Anexo L, Tabela L1) refere:

É minha preocupação promover um espaço pedagógico que proporcione situações motivadoras e desafiantes, e que dessa forma, conduzam a criança à construção de conhecimentos. Desde o início do ano letivo que o grupo de crianças participa na organização do espaço e materiais. Eu, como educadora, tenho bem definidas as minhas prioridades e intencionalidades pedagógicas para o grupo, mas as crianças participam tendo em conta as suas ideias e interesses (Excerto da entrevista realizada à educadora cooperante).

Numa tentativa de perceber o que significava para as crianças “participar” foi possível constatar que a maioria referiu ser *algo bom, é se querem entrar no projeto, se querem fazer, é construir, é brincar juntos e ser amigos, é fazer juntos, é um jogo*. Só 4 crianças é que referiram não saber definir este conceito (cf. Anexo K, Tabela K1).

Lima (citado por Tomás & Gama, 2011), indica que o conceito de participação pode apresentar vários significados, mas que se encontra relacionado com a democracia, conceito do qual fazem parte as tomadas de decisão e a partilha do poder/controlo. A partir do momento em que existe esta partilha de poder/controlo, as crianças adquirem novas aprendizagens relacionadas, por exemplo, com a interação entre pares, a socialização (Hohmann & Weikart, 1997). Nos contextos onde existe tal partilha, “contextos de aprendizagem pela acção” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 51), é realizado um verdadeiro trabalho em cooperação entre os adultos e as crianças, em que é privilegiado o diálogo, numa troca mútua de ideias e experiências, resultando numa relação de companheirismo entre os intervenientes – fundamental para o desenvolvimento das crianças (Hohmann & Weikart, 1997).

Também para a auxiliar de ação educativa e através das suas respostas à entrevista, se percebe que o conceito de participação está relacionado com o fazer e aprender ao mesmo tempo sob a orientação do adulto da sala, no sentido dos objetivos e dos limites de determinada ação:

É claro que eles precisam dos adultos, precisam de uma orientação, às vezes perceber o porquê que estão a fazer aquilo, porquê que não se podem fazer certas coisas. No fundo, o papel do adulto é orientar o que há para fazer, o que não há para fazer. (Excerto da entrevista realizada à auxiliar de ação educativa)

Este conceito de participação é partilhado pela educadora quando esta orienta as escolhas e interesses do grupo, atendendo ao que quer que sejam as suas aprendizagens (cf. Anexo L, Tabela L1).

Quando no dia 13 de novembro, a educadora cooperante, na reunião da manhã, após o episódio da brincadeira realizada na área do faz de conta entre duas das crianças do grupo em que W fez um parto a Me, questionou as crianças se queriam substituir o supermercado que aí existia por um hospital, as negociações começaram:

A M referiu que gostava de fazer um “Pingo Doce”, no entanto, a educadora respondeu, dizendo que isso já tinha sido feito no ano anterior. M, a este comentário, disse que então poderiam fazer um “Mini-Preço”, ao que a educadora respondeu que isso, tal como o “Pingo Doce” era um supermercado. Surge então a ideia de se fazer um hospital, ao que todas as crianças disseram que sim. Mp referiu que poderiam ir à *Kidzania* e M disse que tinham de negociar (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 30, dia 13/10/2018).

No dia seguinte, fez-se uma votação para se saber se sempre iríamos (ou não) alterar o espaço, sendo que o resultado foi positivo, com *muito entusiasmo* por parte das crianças, que continuaram a dar ideias:

M: “Dissemos que íamos fazer um hospital e um carro dos bombeiros” (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 31, dia 14/11/2018).

Bj afirma que tem em casa um jogo sobre médicos e a educadora disse que ele o podia trazer para a sala. M refere que poderíamos fazer “aquela cama do hospital”, ao que a educadora pergunta se é uma maca e a criança diz que sim. Bj refere que no hospital “há aqueles brinquedos para crianças” (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 31, dia 14/11/2018).

A participação e o envolvimento das crianças na reorganização da área do faz de conta deixou-as *entusiasmadas*, pois perceberam que estavam a ser escutadas as suas necessidades, tanto mais que,

à tarde e para perceber quem queria ou não participar no projeto do hospital, expliquei às crianças que, para fazermos o hospital na sala, primeiro teríamos de fazer uma pesquisa sobre o hospital, o que é que lá existe, quem é que lá trabalha e expliquei que nem todos teriam de fazer parte do projeto, mas que no final, todos poderiam brincar na área do faz de conta (área a ser reformulada). Após, questionei o grupo com o intuito de

perceber quem queria ou não participar no projeto, ao que me disseram que queriam participar no total 21 crianças. (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 39, dia 26/11/2018).

De um total de 25 crianças, 4 não quiseram participar na altura no projeto, no entanto houve uma dessas crianças que, mais tarde, aderiu com a visita ao hospital da biblioteca e com a entrevista da enfermeira na sala, ao votar nas áreas a construir e no nome do Hospital, conforme é possível verificar nas Figuras 2 e 3.



Figura 2. Entrevista a uma enfermeira. Fonte própria.



Figura 3. Votação das áreas do hospital a construir na sala. Fonte própria.

Em resposta às entrevistas, 5 das crianças referem não ter participado, o que aconteceu, sobretudo, no momento da pesquisa, apesar de todos terem ido à visita do Hospital da biblioteca do 1º Ciclo da escola e assistido à entrevista da enfermeira convidada na sala. A maioria destas crianças (4) está a frequentar pela primeira vez o JI e a ter contato, pela primeira vez, com este modelo pedagógico, não estando, possivelmente, tão adaptada ao mesmo.

Em relação à não participação, esta nunca foi definitiva, ou seja, verificou-se mais em momentos de pesquisa, voltando as crianças a participar mais tarde, por exemplo, na construção de materiais, na organização do espaço físico ou noutra situação.

O respeito pelo direito à “não participação” foi sempre assegurado. É um direito das crianças que tem que ser garantido pelo adulto e estas referiram que não participaram porque sim ou porque lhes apetecia antes fazer outra coisa como brincar, como foi dito por uma delas, ou porque não sabiam como o fazer: “*eu não construí coisas, só desenhei porque eu quis ficar no tapete a brincar*” (Bj).

Face a estas situações em que as crianças nos apresentam um “Agora não!”, tal não significa que não estão a participar. Muito pelo contrário, significa que têm liberdade para o dizer, têm liberdade para falar e tomar as suas próprias decisões. (Ribeiro & Cabral, 2015, p. 245).

Questionadas sobre esta temática - a participação, tanto a educadora cooperante como a auxiliar de ação educativa que afirmou – “Acho que têm o direito de não participar. Podem estar num dia pior como toda a gente, não é? Ninguém é obrigado a fazer algo que não queira”, foram ao encontro do que foi exposto, o garantir do direito à não participação. A educadora referiu ainda que as crianças vão participando de acordo com os seus interesses.

Ainda no que respeita à participação, todas as crianças quiseram votar no espaço a construir e, após a contagem dos votos e registo dos mesmos, as salas eleitas foram o consultório e a sala de análises e imagiologia (cf. Figura 4), mais um exemplo de tomada de decisão em democracia que resultou muito bem, à semelhança do que aconteceu com a votação para o nome do Hospital, que por maioria, se intitulou de Hospital “A” (cf. Figura 5).

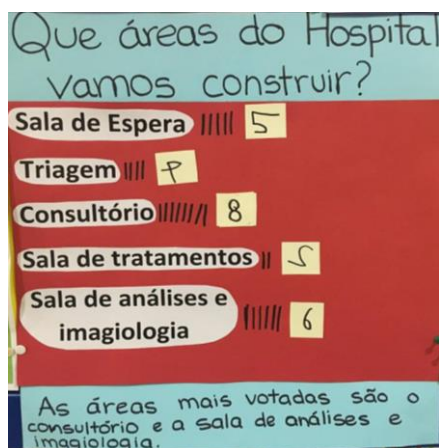


Figura 4. Votação das áreas do hospital a construir na sala. Fonte própria.

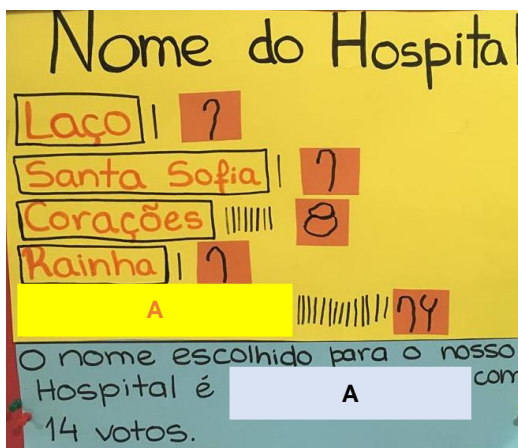


Figura 5. Votação do nome do hospital. Fonte própria.

Também a participação para a construção dos materiais foi conseguida depois do inventário feito acerca do que já se tinha (cf. Figura 6) e do instrumento de pilotagem elaborado, relativamente aos materiais que se tinham de construir, com voluntários (cf. Figura 7).

Consultório e sala de análises e imagiologia	
INVENTÁRIO	
O que temos:	
<ul style="list-style-type: none"> Batas Luvas Sapatos Seringas Toucas Secretária do médico Ligaduras Espátulas Medicamentos Pensos Máscaras Máscaras descartáveis Soro Bloco de notas Contentor 	<ul style="list-style-type: none"> visor de raio-x Raio-x Aparelho de raio-x Maca Computador Termómetros Estetoscópios Receitas médicas

Figura 6. Inventário. Fonte própria.

Consultório e sala de análises e imagiologia	
O que vamos fazer:	Quem faz:
Raio-x	M, B, Dm
Aparelho de raio-x	Leo, R
Maca	W, Lr e Ma
Computador	L e Me
Termómetros	V, Mq, S
Estetoscópios	Mh e Bj
Receitas médicas	Gu, Ri e H

Figura 7. Instrumento de pilotagem - divisão de tarefas. Fonte própria.

À tarde, por volta das 13 horas, quando as crianças regressaram do recreio, reuni-as na zona do tapete para falar com elas sobre a distribuição de tarefas em relação ao projeto do hospital. Mostrei-lhes o que tinha feito com as crianças M, B, Ri e Me, no que diz respeito ao inventário dos materiais que temos e no que diz respeito aos materiais que iríamos construir para o consultório e para a sala da imagiologia, pedindo voluntários para a construção de tais materiais. (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 51, dia 13/12/2018).

Em relação à construção de materiais, embora pudessem ser muitas vezes sugestões do adulto, tiveram que ser negociadas e aceites pelas crianças que, ainda assim, tiveram que tomar mais decisões acerca do que iriam fazer, conforme ilustram as seguintes notas de campo:

Reuni-me com as crianças que se disponibilizaram para construir os raio-x e construímos estes materiais. As crianças decidiram fazer o raio-x de uma mão, de um pé, da cabeça e do tronco. Propus-lhes desenharmos em cartolina preta com lápis branco e posteriormente recortarmos, colando papel celofane incolor, sugestão que foi negociada e aceite. (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 51, dia 13/12/2018).

À tarde reuni-me com as crianças Ri, H e Gu para construir as receitas médicas para o projeto. Mostrei um exemplo de receita, para que as crianças recordassem no que é que consistia e, posteriormente, pedi-lhes que cada uma fizesse um símbolo à sua escolha para o nosso hospital. Depois de fazerem tal símbolo, desenharam também os códigos de barras das receitas e Mh escreveu "Receita Médica", "Nome" e "R:" (o "R" indica o sítio na folha onde se deve começar a escrever a receita). Após a realização das receitas com as crianças Ri, H e Gu, Mp dirigiu-se até mim e pediu-me para fazer o mesmo. Dei

essa possibilidade à criança. (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 55, dia 04/01/2019).

À medida que o projeto foi decorrendo e apesar de, pontualmente, se registrar uma ou outra decisão de não participação, as crianças mostraram-se sempre muito atentas; aparecia sempre outra criança a querer ocupar o lugar da que desistia no momento, revelando assim o interesse pelo que se estava a fazer e a capacidade de iniciativa para o querer fazer, para tomar uma decisão de forma autónoma, neste caso de substituição de um colega numa ou noutra tarefa:

Reuni-me com as crianças que quiseram construir estetoscópios (Mh e Ge) e com cartão, tubos, arame, cola (fita cola, cola líquida e cola quente), balões, papel eva e garrafas de água, criámos estetoscópios. As crianças, contornaram, recortaram, colaram e realizaram enfiamentos nesta criação. Inicialmente, as crianças que no planeamento tinham dito que queriam fazer os estetoscópios eram Mh e Bj, no entanto, antes da realização dos mesmos, Bj referiu que não queria fazer e Ge questionou-me se o poderia fazer. (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 52, dia 14/12/2018).

Reuni com L e Me para construir o computador para o hospital. Foram estas crianças que referiram que queriam construir este material. Para tal, foram utilizadas placas de cartão, cola líquida, papel eva preto para o computador, papel eva cinzento para as teclas do mesmo. As crianças colaram estes materiais e deram a ideia de se construir um ecrã para o computador. Tal ideia foi realizada. Mp participou na realização de um desenho para o ecrã do computador. (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 56, dia 07/01/2019).

Ao longo do projeto, as crianças apresentaram sugestões (muito válidas, na minha ótica), não só em função da construção dos materiais como do planeamento do espaço físico e sua organização, continuando a tomada de decisões a ser uma constante: “*podemos meter ali o hospital, ali a cama do hospital, ali a bata...*” (H). Esta resposta foi dada na entrevista pelo H no âmbito das suas decisões sobre o que iria ser feito no hospital e que foi possível verificar ao analisarem-se os registos fotográficos relativos à delimitação do espaço físico com a fita cola (cf. Figuras 8-10).



Figura 8. Delimitação do espaço.
Fonte própria.



Figura 9. Delimitação do espaço.
Fonte própria.



Figura 10. Delimitação do espaço.
Fonte própria.

Tal como o H, a maioria das crianças fizeram escolhas, tomaram decisões não só em relação à organização do espaço físico, como em relação à arrumação e etiquetagem de materiais para uma mais fácil utilização e arrumação depois da sua utilização.

O Dd, M e Ri vieram ter comigo a pedir ajuda para arrumarem os materiais, visto que não sabiam onde é que se arrumavam. Perguntei-lhes que solução é que poderíamos arranjar para que as crianças soubessem sempre onde arrumar os materiais, ao que M respondeu que poderíamos tirar fotos e colar nos sítios corretos. Mais tarde, reuni-me com a criança Ma que se disponibilizou para tirar fotos aos materiais do hospital para o efeito (etiquetagem). (cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 57, dia 08/01/2019).

Ao longo do tempo, as crianças foram levando materiais para o JI de forma a equipar o melhor possível o espaço, tais como seringas, compressas, caixas vazias de medicamentos, luvas, ligaduras, entre outros materiais. Por exemplo, M, quando regressou ao JI depois de ter estado doente, levou um desenho alusivo à doença – varicela, para integrar no projeto, o que foi demonstrativo do seu interesse pelo tema, pelo querer participar, conforme se pode constatar pela Figura 11:

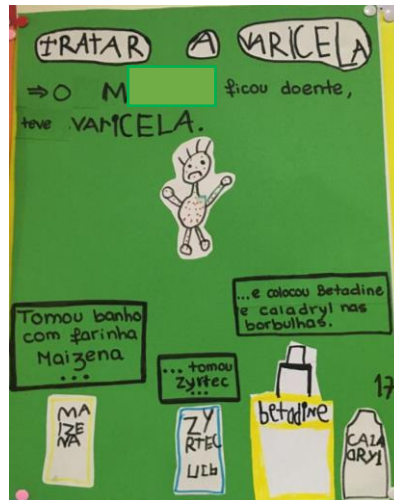


Figura 11. Cartaz - projeto do Hospital. Fonte própria.

Para a inauguração do espaço – a de 14 de janeiro de 2019, realizou-se o corte da fita vermelha por uma criança que foi sorteada para tal, visto que havia muitas a quererem fazê-lo, ficando o espaço disponível para ser usado, mas com a assistência de todas as outras (cf. Figura 12).



Figura 12. Inauguração do hospital da sala. Fonte própria.

Esta metodologia de sorteio foi muito bem aceite por todos, dado que parecem compreender os valores de uma cidadania democrática, conforme defende Niza (2013):

É através de um sistema de organização cooperada que as decisões sobre as atividades, os meios, os tempos, as responsabilidades e a sua regulação se partilham em negociação progressiva e direta e que o treino democrático se processa de maneira explícita no Conselho Instituinte (p. 145).

Posteriormente e numa tentativa de avaliação do projeto, foi dinamizado um momento de reflexão conjunta, no qual as crianças expressaram verbalmente a sua

satisfação quanto à sua participação, aos seus ganhos (apesar do trabalho que tiveram), pois puderam aprender, brincar e ter um espaço do seu interesse.

Reuni com as crianças na área do tapete para fazer com as mesmas a avaliação do projeto do hospital. Li-lhes a chuva de ideias em relação ao que tinham dito anteriormente, tendo em conta o que pensavam saber e as crianças foram corrigindo alguns aspetos que eram mencionados . . . Depois, pedi-lhes que dessem a sua opinião sobre o projeto, se tinham gostado de fazer, ou não, o que tinham aprendido com o mesmo e obtive as seguintes respostas:

“Foi muito fixe porque o hospital pode ficar para sempre na sala.” (Me);

“Gostei muito” (W, E, Gu);

“Achei legal, tem coisas que eu mais gosto de fazer, cirurgir” (Bj);

“Gostei muito de ter ido ao hospital da biblioteca!” (S);

“Gostei muito do hospital daqui [da sala]!” (Mh);

“Achei o hospital fantástico porque gostei de fazer o projeto para aprender coisas” (M);

“Gostei de fazer a entrevista à mãe do Dd” (Ri, M, S, Mh);

“Achei maravilhoso! Gostei de fazer o projeto e tive imenso trabalho.” (E);

“Foi muito bonito! Não comuniquei o projeto porque não tive tempo! Fiquei a brincar no tapete.” (Dm).” (Cf. Anexo J, Tabela J1, excerto da Nota de Campo nº 62, dia 15/01/2019).

Da análise de conteúdo realizada às entrevistas, pode concluir-se que todos gostaram de mudar o espaço, referindo a maioria porque queriam brincar no hospital e porque gostam mais assim: *“Sim, poqui eu gostei. Poqui eu adorei”* (V). Quando questionados acerca do que é que tinham gostado mais de fazer, a preferência situa-se na construção dos materiais; seguem-se as respostas sobre o brincar e a pesquisa realizada, o que vai ao encontro do possível desinteresse e/ou do não querer participar na pesquisa. Em relação à construção de materiais, à exceção de 2 crianças que referem não o ter feito, todos os outros dizem ter gostado de o fazer: *“Gostei, porque foi divertido construir coisas”* (E); *“Gostei, gostei, muito, muito, muito!”* (H).

Todas as crianças do grupo envolvidas na investigação referiram que gostavam de poder fazer isto mais vezes, ou seja, de participar mais vezes na organização do espaço porque... Voltam a surgir os conceitos de que é mais divertido, porque gostam de mudar, porque é mais *fixe*, e depois dão sugestões de mudar outras áreas e fazerem uma sala de espera, de mudar a biblioteca e renovarem os livros e uma das crianças

vai mais longe, considerando que este poderá ser o caminho para preparar o seu crescimento: “*Sim, porque quando sermos mais grandes, podemos arranjar as coisas*” (Ge).

Também a auxiliar de ação educativa considerou que a participação das crianças foi muito positiva na medida em que lhes foi permitido tomar decisões e atribuir responsabilidades como se da vida real se tratasse:

Em relação à participação no seu geral, acho que é positivo eles participarem porque primeiro, sabem o que vão fazer, são eles que decidem. Depois, têm responsabilidade, são responsabilizados, ou seja, é como se fosse a vida real, é como se a sala tivesse o mesmo papel da realidade para eles e assim eles já estão a aprender a viver com organização, fazer tarefas, ter responsabilidades, como na realidade. (Excerto da entrevista realizada à auxiliar de ação educativa).

Para a educadora cooperante, a participação das crianças na construção do cenário pedagógico é muito importante, pois permite-lhes novas aprendizagens em cada área e, acrescenta: *esta organização tem que ser estruturante, onde os materiais e instrumentos de pilotagem, auxiliares da organização, se encontrem expostos e ao alcance das crianças, de modo a facilitar uma utilização autónoma. (Excerto da entrevista realizada à educadora cooperante).*

3.5 Conclusões da investigação

Com a triangulação dos dados obtidos nas notas de campo, nas reflexões realizadas, nas entrevistas e fotografias, foi possível concluir que, quer na fase do planeamento, quer na construção/alteração do espaço, assistimos a momentos de participação das crianças na reorganização do espaço educativo, mais concretamente da área do faz de conta, mas também a momentos de não participação.

A participação verificada pode ter sido, eventualmente e em parte, incentivada pelo adulto. Contudo, as crianças tiveram um papel ativo ao dar opiniões, ao fazerem escolhas, na tomada de decisões, com partilha de pontos de vista e de poder, com possibilidade de assumir o controlo num determinado momento ou situação, o que resultou, na minha perspetiva. Vivenciaram experiências democráticas que souberam respeitar, num ambiente de aprendizagem e de construção social. Mas, houve momentos em que a participação de algumas crianças se mostrou mais autónoma, tomando decisões sem a ajuda do adulto, como foi o caso de H e M, na delimitação do espaço físico e no término da construção do computador e dos termómetros.

A preferência das crianças na participação na organização do espaço foi para a construção dos materiais na medida em que, provavelmente, foi quando começaram a “dar forma” ao “seu” projeto, aos seus interesses.

Em relação à não participação, foi sempre assegurado este direito, pois todas as crianças tinham liberdade de não participar nas atividades. A não participação verificou-se mais em momentos de pesquisa, mas também aconteceu na construção de materiais. Com efeito, esteve associada sobretudo a crianças que não estão tão adaptadas ao MEM por ser a primeira vez que estão a frequentar este JI com esta educadora cooperante. Esta inferência poderá levar a concluir que é necessário encontrar estratégias mais estimulantes para a pesquisa de um projeto, tanto mais que a visita de estudo e a entrevista à enfermeira convidada tiveram um grande impacto e adesão total por parte das crianças. Como sugestão dada por uma das crianças na sua resposta à entrevista, a biblioteca da escola/JI também deveria ser renovada com livros novos: *“Gostava de mudar a biblioteca, porque quero meter outros livros”* (R).

Quanto ao adulto em todo este processo, o mesmo deve respeitar a não participação, deve promover a participação, ter um papel de orientador, mediador, negociador, valorizar as competências das crianças e de cada uma, estimular a criatividade, saber ouvir, dialogar, interagir, reconhecendo-as como agentes no seu processo de aprendizagem.

Em suma, o grupo de crianças que participou neste estudo demonstrou ter presente o que, para o mesmo, significa participar: fazer juntos, é construir, é jogar e brincar. Tiveram a oportunidade de reorganizar um espaço da sala de atividades, com o seu trabalho onde, hoje, podem brincar e ser felizes – *“Gostei de serem os meninos a mudarem o espaço porque assim faz todos os meninos ficarem feliz”* (E), conforme ilustram as Figuras 13 e 14:



Figura 13. Brincar no hospital da sala - área do faz de conta. Fonte própria.



Figura 14. Brincar no hospital da sala - área do faz de conta. Fonte própria.

4 CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE COMO EDUCADORA DE INFÂNCIA EM CONTEXTO

No presente capítulo, irei refletir acerca da construção da minha identidade profissional enquanto estagiária ao longo dos dois estágios, em creche e JI, tendo como base as notas de campo, as reflexões diárias e semanais realizadas ao longo de todo o percurso e que irão sustentar e enriquecer o que por mim for evidenciado.

A identidade de um indivíduo começa a ser construída desde que nasce (Sarmiento, 2009); a identidade profissional desenvolve-se através da identidade de cada indivíduo, mas também através da prática, da experiência, do contacto com outros profissionais e com situações mais ou menos positivas (Santos, 2005). “A construção da identidade profissional requer sempre a acção directa dos elementos do grupo profissional, num processo de permanente relação com múltiplas condições: históricas, políticas, culturais, sociais e organizacionais.” (Sarmiento, 2009, p. 48).

É por este motivo que considero que as minhas PPS's (I e II) contribuíram, de forma significativa, para a minha formação e para o início da construção da minha identidade profissional, visto que o meu percurso ainda agora está a começar, pelo que este processo vai sendo construído com a experiência que se vai adquirindo ao longo do tempo.

Posto isto, a identidade de um profissional, neste caso, de uma educadora de infância, constrói-se no contacto com os diferentes contextos, nas interações que são estabelecidas com os outros profissionais, comunidade, famílias e crianças, o que possibilita um conjunto de aprendizagens; estas começam a “moldar” a sua postura, a sua maneira de ser e, conseqüentemente, a sua identidade. Todos estes intervenientes, as suas histórias de vida e contextos influenciam a posição do/a educador/a de infância em relação à sua prática que deve ser adaptada aos mesmos (Sarmiento, 2009). Assim, os valores, intenções e até mesmo a prática de um/a educador/a deve ser flexível e construída ao longo do tempo.

Na profissão de educador/a de infância, é necessário ter presente a importância do trabalho em equipa, a existência de um bom clima entre os diferentes elementos da equipa, de forma a que o trabalho elaborado seja proveitoso para todos os intervenientes do contexto (equipa educativa, crianças, famílias e comunidade). Assim, é fundamental a integração do indivíduo num grupo social, atendendo a que a identidade profissional “desenvolve-se a partir do cruzamento entre a identidade individual e a

identidade coletiva, o que implica “um certo trabalho na estrutura da identidade pessoal e no estilo de vida do actor” (Lopes, citado por Sarmiento, 2009, p. 49).

Em relação ao início das duas PPS's, pretendo referir que as comecei com alguma insegurança, estava com algum receio de não estabelecer boas relações com as equipas educativas e com os dois grupos de crianças. No entanto, tal insegurança e preocupação foram-se desvanecendo ao longo dos estágios, na medida em que contactei com *excelentes* profissionais, que me colocaram sempre à vontade, acabando por se gerar um bom clima e ambiente, o que fez com que eu me sentisse parte da equipa, quer das salas, quer dos estabelecimentos, fazendo toda a diferença no meu desempenho enquanto futura educadora.

Nos dois locais, era privilegiado o trabalho em equipa, a comunicação através de diálogo aberto e a cooperação, valores sempre presentes, com o intuito de se melhorar a cada dia a prática perante aqueles grupos de crianças com os quais contactei. Assim sendo, expus sempre as minhas dúvidas, as minhas ideias e opiniões, sem medo de errar porque, ao errar, também adquirimos um conjunto de aprendizagens que, de certa forma, “moldam” a nossa prática.

Nos dois contextos em que estive, existia um envolvimento dos elementos da equipa da sala na reflexão sobre a semana, nas reuniões de sala e “na reflexão sobre o processo pedagógico e as aprendizagens das crianças, apoiada em registos e documentos, permite que haja articulação e coerência entre práticas no processo educativo.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 19), o que “é indispensável para desenvolver uma ação articulada, que se integra na dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 29) e este é, sem dúvida, um dos princípios que pretendo ter em conta na minha prática enquanto futura educadora de infância.

Outro dos princípios que terei presente na minha prática será a articulação entre a escola e a família que “é uma dimensão fundamental da construção do currículo em Educação de Infância, situação que os educadores conhecem, defendem e promovem, como condição imprescindível para o desenvolvimento (mais) integrado e sustentado das crianças que diariamente lhes são confiadas” (Matos, 2012, p. 47). Quer os profissionais da educação, quer as famílias, devem trabalhar em parceria, visto que trabalham para a educação, o desenvolvimento e segundo os interesses da mesma criança. Tal contacto irá permitir ao/à educador/a conhecer o contexto em que cada criança se encontra inserida e adaptar a sua intervenção ao mesmo.

“Um diálogo que facilite relações de confiança mútua permite aos pais/famílias expor as suas opiniões, expectativas e dúvidas e ser esclarecidos sobre as opções tomadas pelo/a educador/a” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 19). Todos estes aspetos irão contribuir para a formação de um bom ambiente entre JI e famílias, pelo que será um facilitador para a partilha de informações, para o sentimento de pertença na equipa e proporcionará cuidados de qualidade às crianças.

De acordo com a associação *Child Development Associate Consortium* (citada por Sarmiento, 2009), o/a educador/a de infância, para que desempenhe bem a sua função enquanto docente, deve ter em conta um conjunto de aspetos que passam por criar uma relação saudável e positiva com as crianças e suas famílias, respondendo sempre às suas necessidades e tendo sempre em conta o desenvolvimento holístico de cada uma, tentando proporcionar-lhes diversas experiências de aprendizagens. E este foi outro dos princípios que tive sempre em conta nos meus dois estágios e que irei levar para o futuro, uma vez que cada criança é um ser único, com as suas próprias vontades, interesses, necessidades e é papel do/a educador/a conseguir adaptar a sua prática a cada uma delas, promovendo então a inclusão das mesmas no grupo. Para tal, utilizei várias estratégias como criar uma relação de empatia, demonstrando-me sempre disponível para as mesmas, o que fez com que, ao longo do tempo me vissem como uma figura de referência, com quem pudessem contar e que, conseqüentemente, lhes transmitia segurança, recorrendo também a mim quando necessitavam de algum apoio, ou apenas quando queriam brincar.

Relativamente ao brincar, “atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.10), este foi assumido por mim como uma estratégia facilitadora de interação com os dois grupos de criança e, conseqüentemente, como um princípio, na medida em que defendo que através do brincar as crianças adquirem um conjunto de aprendizagens dos vários domínios. É nestes momentos que as crianças compreendem melhor o mundo que as rodeia.

A criança foi buscar o aparelho do raio-x, acendeu a luz, apontou para a minha mão e, posteriormente, B colocou a película de raio-x com a imagem da mão no visor de raio-x, e eu perguntei:

Eu: “*Senhor doutor, o que é que a minha mão tem?*”

L: “*A tua mão está um bocadinho partida.*”

Eu: “*A sério? E agora, o que é que eu tenho de fazer?*”

L: *“Agora vou dar-te uma injeção.”*

L foi buscar o soro e uma seringa, e deu-me uma “injeção” na mão. Depois foi buscar uma ligadura e colocou-a à volta da minha mão.

Eu: *“E agora, senhor doutor? Como tenho a mão partida e para ficar melhor, tenho de tomar algum medicamento?”*.

L: *“Não, isso amanhã passa, amanhã já está bom. Agora deixa-me ver a tua garganta.”* L foi buscar uma espátula e pediu-me para abrir a boca (Excerto da Nota de Campo nº 69, dia 25/01/2019).

Outro aspeto que pretendo referir e que considero que foi bastante positivo para a minha formação foi o facto de, nos meus dois estágios, ter tido a possibilidade de contactar com dois modelos pedagógicos, o *HighScope* e o *MEM*. O primeiro modelo mencionado ainda estava em fase de implementação na creche, pelo que não o experienciei na sua totalidade; no entanto, pude conhecer e compreender algumas das suas ideias. No que diz respeito ao *MEM*, modelo implementado pela educadora cooperante de JI, considero que realizei aprendizagens a nível dos ideais defendidos e de como é implementado, tornando, efetivamente as crianças em seres ativos, responsáveis pelas suas próprias aprendizagens numa sociedade democrática. Os modelos pedagógicos orientam os educadores na sua prática profissional, conduzindo-os no trabalho a desenvolverem com as crianças e apesar de, no curso, termos tido uma unidade curricular na qual tais modelos foram abordados no seu geral, foi efetivamente na prática que, ao contactar com os mesmos, consegui adquirir um conjunto de aprendizagens mais significativas que irei ter em conta enquanto futura educadora de infância, como por exemplo, privilegiar o trabalho em pequenos grupos, visto que é uma mais-valia quer para as crianças, quer para os adultos, uma vez que é possível dar um maior apoio às crianças e, conseqüentemente, responder aos seus interesses e necessidades.

Pretendo também realçar a importância da reflexão sobre a prática. Considero que a reflexão é algo que tem de estar sempre presente, para se conseguir avaliar, melhorar e adaptar a prática às necessidades e interesses do grupo. A avaliação é um elemento bastante importante e estruturante da prática de um/a educador/a de infância, pois o/a docente, enquanto o profissional que gere um currículo, deve apropriar-se do mesmo, como um “elemento regulador e aperfeiçoador da intervenção educativa” (Carvalho & Portugal, 2017, p. 21). E foi isso que fiz ao longo das minhas PPS’s, através das reflexões diárias e semanais fundamentadas, pois que “o educador só será capaz

de desenvolver competências se tiver um espírito de matriz reflexiva, sendo capaz de refletir, analisar e criticar as ações educativas para posteriormente agir adequadamente” (Lacerda & Pereira, 2017, p. 431).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo representa o encerramento de um ciclo que durou 5 anos, o ensino superior na área em que, desde “pequenina”, me revejo. Desde essa altura que, quando me questionavam sobre o que queria ser quando fosse grande, eram duas as respostas, ou educadora de infância ou médica pediatra, na medida em que ambas as profissões envolviam o melhor do mundo, as crianças.

Este percurso resume-se como sendo um caminho cheio de altos e baixos, que foi difícil, mas que ao mesmo tempo valeu a pena! Foram trabalhos e mais trabalhos, horas e horas sem dormir, mas que, sem dúvida, foram os melhores anos da minha vida académica, uma vez que moldaram a minha identidade pessoal e profissional, das quais fazem parte os meus princípios, intenções e me fizeram estar mais predisposta e com uma visão diferente sobre o que é a educação de infância e a perceção que tenho sobre as crianças.

As experiências que para mim foram mais significativas foram as duas práticas profissionais supervisionadas, visto que fui posta à prova, tive a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos que tinha adquirido teoricamente e também pude errar e de aprender com esses erros, tornando-me assim mais reflexiva e questionando-me sempre acerca das minhas ações e opções.

No que diz respeito ao primeiro estágio, na valência de creche, este foi uma surpresa para mim, visto que tinha presente que as dimensões do cuidar e do educar eram indissociáveis (Dias, 2012), mas quando as observei e tive a oportunidade de as colocar em prática, percebi então o significado e a importância que representavam e que lhes eram atribuídos. Outro dos aspetos que pretendo referir é a importância da existência de um bom clima e ambiente entre a equipa educativa não só da sala, mas também do estabelecimento, uma mais-valia para as crianças e para as famílias, visto que resultava num verdadeiro e excelente trabalho em equipa, como principal enfoque o bem-estar das crianças.

Relativamente ao segundo e último estágio, na valência de JI, o que destaco foi o facto de os ideais da educadora cooperante coincidirem com os meus, na medida em que implementa na sua prática o MEM, modelo que privilegia o trabalho de projeto, em que nem todas as crianças são obrigadas a participar, mas apenas as que efetivamente

o querem fazer, tornando-se então em seres democratas e interventivos na sociedade, construindo aprendizagens resultantes das suas vivências.

Tal aspeto esteve intimamente relacionado com a investigação apresentada anteriormente, em que, no meu entender, provei que se deve dar voz às crianças, visto que as mesmas têm capacidade para participarem e tomarem decisões, tendo em conta os seus interesses, necessidades, opiniões, sobre a sua vida como foi o caso da reorganização da área do faz de conta realizada com as mesmas, transformando um supermercado num hospital.

Em suma, pretendo referir que tais experiências vivenciadas por mim, todas as crianças e equipas com quem contactei foram cruciais para o meu percurso e que me fizeram refletir sobre que educadora quero e pretendo ser no futuro, apercebendo-me que é uma questão a que não tenho uma resposta definitiva, uma vez que tenho plena noção que irei estar sempre a aprender e a reformular a minha prática, ao longo da minha carreira.

REFERÊNCIAS

- Agostinho, K. A. (2010). Formas de participação das crianças na educação infantil (Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga). Consultada em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11195/1/Tese.pdf>
- APEI. (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. Consultada em <http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação* (pp. 15-80). Portugal: Porto Editora.
- Carvalho, C. M. & Portugal, G. (2017). *Avaliação em creche: Crechendo com qualidade*. Porto: Porto Editora.
- Costa, A. F. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 129-148). Porto: Edições Afrontamento.
- Dias, D. (2012). *O educuidar na creche e jardim-de-infância* (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal.
- Direção-Geral da Educação. (s.d.). TEIP: Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária. Consultado a 25 de novembro de 2018, em <http://www.dge.mec.pt/teip>
- Ferreira, M. (2004). «À porta do ji do Várzea» ou ... retratos da heterogeneidade social que envolve e contém o grupo de crianças. In M. Ferreira, «*A gente gosta é de brincar com os outros meninos!*»: *Relações sociais entre crianças num jardim de infância* (pp. 65-78). Porto: Edições Afrontamento.
- Folque, M. A. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*, 5(5), 5-12.

- Folque, M. A. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: O modelo pedagógico do movimento da escola moderna* (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Forneiro, L. I. (1998). Capítulo 11: A organização dos espaços na educação infantil. In M. Zabalza, *Qualidade em educação infantil* (pp. 229 - 281). Brasil: Artmed Editora.
- Fundação das Nações Unidas para a Infância. (1989). A convenção dos direitos da criança. Consultado a 25 de novembro de 2018, em https://www.unicef.pt/media/1206/0-convencao_direitos_crianca2004.pdf
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Houaiss, A., Villar, M. S., Franco, F. M. M., Almeida, J. A. A. & Casteleiro, J. M. (2002). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Lacerda, M. & Pereira, M. (2017). Pensar a creche no mestrado em educação pré - escolar. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación, Extr.*, 427-433.
- Lansdown, G. (2005). Can you hear me? The right of young children to participate in decisions affecting them. *Early Childhood Development*, 36.
- Lansdown, G. (2010). The realisation of children's participation rights: Critical reflections. In B. Percy-Smith & N. Thomas (Eds.), *A handbook of children and young people's participation: Perspectives from theory and practice* (pp. 11-23). Londres: Routledge.
- Lopes, L., Correia, N. & Aguiar, C. (2016). Implementação do direito de participação das crianças em contexto de jardim de infância: As perceções dos educadores. *Revista Portuguesa de Educação*, 29(2), 81-108.
- Matos, M. (2012). Reuniões de pais e trabalho com famílias. *Cadernos de Educação de Infância*, 97, 47-50.

- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de educação*, 2(2), 49-65.
- Niza, S. (2013). O Modelo curricular de educação pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação* (4.ª ed., pp. 141-160). Porto, Porto Editora.
- Parente, M. (2004). *A construção de práticas alternativas de avaliação na pedagogia da infância: Sete jornadas de aprendizagem* (Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga). Consultada em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/888/1/TESE_CD_IEC_UM.pdf
- Post, J. & Hohmann, M. (2004). *Educação de bebés em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Resendes, L. G. & Soares, J. (2002). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. M. & Cabral, S. M. C. (2015). "Aqui nós participamos!": A participação das crianças na educação de infância. In S. Pereira, M. Rodrigues, A. Almeida, C. Pires, C. Tomás & C. Pereira (Orgs.), *Atas do II encontro de mestrados em educação e ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa* (pp. 229-239). Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.
- Sá, V. (2002). *A (não) participação dos pais na escola: a eloquência das ausências* (pp. 133-153). Consultado a 12 de março de 2018, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/16558>
- Saint-Exupéry, A. (2001). *O príncipezinho* (20.ª ed., J. M. Varela, Trad.). Lisboa: Editorial Presença.
- Santos, C. (2005). A construção social do conceito de identidade profissional. *Interações*, 8, 123-144.

- Sarmiento, T. (2009). As identidades profissionais em educação de infância. *Locus Soci@l*, 2, 46-64.
- Silva, A. H. & Fossá, M. I. T. (2013). Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. In *IV Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade* (pp. 1-14). Brasília: ANPAD.
- Silva, I. L. (coord.), Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Soares, N. F. (2006). A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras*, 6(1), 25-40.
- Tomás, C. (2007). "Participação não tem idade": Participação das crianças e cidadania da infância. *Contexto & Educação*, 78, 45-68.
- Tomás, C. (2011). «*Há muitos mundos no mundo*» - *Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Porto: Edições Afrontamento.
- Tomás, C. & Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. Consultado em <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/1116>
- Vala, A. (2012). O contexto educativo e a aprendizagem na educação pré-escolar. *Escola moderna: Revista do Movimento da Escola Moderna*, 5(42), 5-12.
- Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds), *Metodologias das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- Vasconcelos, T. (2007). A importância da educação na construção da cidadania. *Saber (e) Educar*, 12, 109-117.
- Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., ... Alves, S. (2011). *Trabalho por projectos na educação de infância: Mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Yin, R. (2001). *Estudo de Caso: Planeamento e Métodos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Zabalza, A. (1992) *Didática da educação infantil: Organização dos espaços*. Amadora: Edições Asa.

Documentos consultados:

Projeto Educativo do Estabelecimento (2016-2019).

Fichas das crianças e processos de matrícula.

ANEXOS

Anexo A. Organograma do estabelecimento

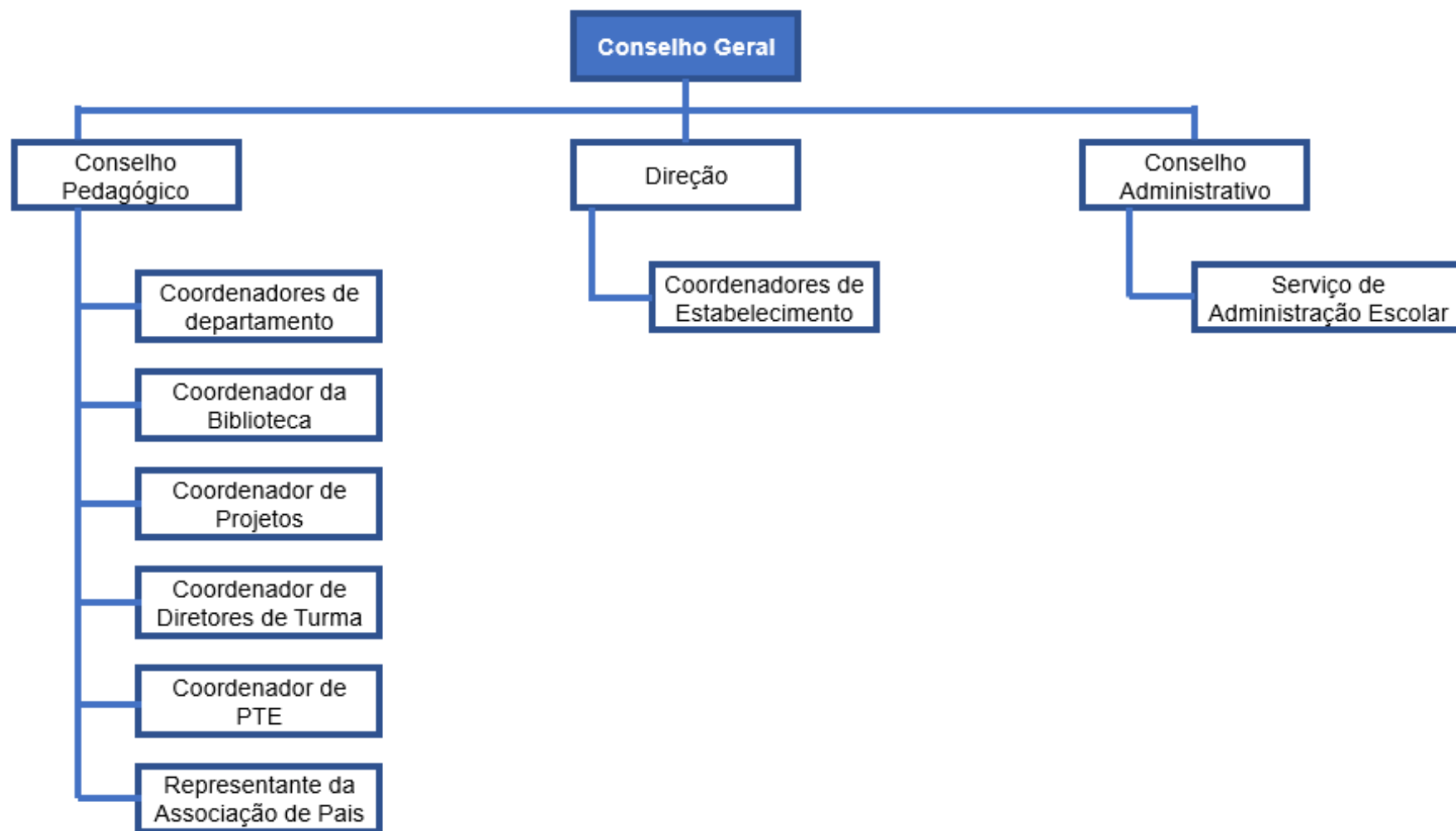


Figura 1. Organograma. Fonte própria.

Anexo B. Agenda semanal

A nossa agenda Semanal...










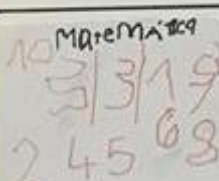

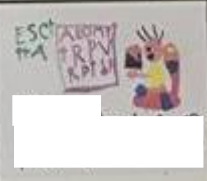



Segunda feira	Terça feira	Quarta feira	Quinta feira	Sexta feira
Reunião de planeamento	Reunião de planeamento	Reunião de planeamento	Reunião de planeamento	Reunião de planeamento
Áreas e projetos	Áreas e projetos	Áreas e projetos	Áreas e projetos	Áreas e projetos
				
		Almoço		
Hora do Canto	Hora do canto	Hora do canto	Hora do canto	Hora do canto
				
Áreas e projetos	Áreas e projetos	Áreas e projetos	Áreas e projetos	
Reunião de avaliação	Reunião de avaliação	Reunião de avaliação	Reunião de avaliação	Reunião em conselho

Figura 1. Agenda semanal. Fonte própria.

**Anexo C. Autorização para levantamento de informações sobre
as crianças e para tirar fotografias**

Caras famílias, sou a Ana Filipa Dias, aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa e frequento o Mestrado em Educação Pré-Escolar. Encontro-me a realizar o estágio profissionalizante que decorrerá entre o dia 1 de outubro de 2018 e o dia 21 de janeiro de 2019. Irei realizar algumas atividades com as crianças da sala de atividades em que os/as vossos/as educandos/as se encontram e por isso venho por este meio pedir-vos a vossa colaboração para a participação em algumas atividades que possam ser articuladas entre vós e o jardim de infância. Neste sentido, ser-me-ia útil captar registos fotográficos ou vídeos das atividades que dinamizar.

Para além disso, venho ainda por este meio solicitar o vosso consentimento para que me possam ser fornecidas informações sobre o contexto familiar do seu educando como as idades, nacionalidades, habilitações literárias, profissões e situações laborais dos progenitores, a tipologia e a dimensão do agregado familiar da criança.

É de salientar que as fotografias e as informações que irei levantar, serão apenas utilizadas no meu relatório de estágio, sendo que a identidade das crianças e das famílias será ocultada e, desta forma, a sua privacidade respeitada.

Agradeço que, caso estejam de acordo e autorizem a **captação de fotografias** meramente para fins académicos, assinalem com uma cruz no respetivo local e assinem.

Nome da criança	Autorizo	Não autorizo	Assinatura do/ encarregado/a de educação

Agradeço que, caso estejam de acordo e autorizem o **levantamento de informações acerca do contexto familiar da criança** meramente para fins académicos, assinalem com uma cruz no respetivo local e assinem.

Nome da criança	Autorizo	Não autorizo	Assinatura do/ encarregado/a de educação

Muito obrigada,

Data: ___/___/_____

Anexo D. Caracterização das famílias

Tabela 1

Caracterização das famílias.

Criança	Progenitor	Nacionalidade	Idade	Habilitações Literárias	Profissão	Situação Laboral	Tipologia Agregado	Dimensão Agregado
Bj	Mãe	Portuguesa	33	12º ano	- ¹	Desempregada	Nuclear	5 (C+M+P+I+I)
	Pai	Brasileira	30	12º ano	Motorista	Empregado		
B	Mãe	Brasileira	42	12º ano	Doméstica	- ¹	Nuclear	5 (C+M+P+I+I)
	Pai	Portuguesa	44	7º ano	Técnico de ar condicionado	Empregado		
Dd	Mãe	Portuguesa	37	Licenciatura	Enfermeira	Empregada	Nuclear	3 (C+M+P)
	Pai	Portuguesa	46	12º ano	Técnico informático	Empregado		
Dm	Mãe	Brasileira	36	Publicitária	- ¹	Desempregada	Nuclear	3 (C+M+P)
	Pai	Brasileira	33	Licenciatura	Técnico de próteses médicas e dentárias	Empregado		
E	Mãe	Angolana	33	12º ano	Operadora fabril	Empregada	Alargado	3 (C+M+T)
	Pai	Portuguesa	- ¹	- ¹	- ¹	- ¹		
Ge	Mãe	Guineense	27	11º ano	Trabalhadora de limpezas	Empregada	Nuclear	2 (C+M)
	Pai	Portuguesa	- ¹	- ¹	- ¹	- ¹		
Gu	Mãe	Portuguesa	27	12º ano	Empregada de bar	Empregada	Nuclear	4

¹ Sem dados facultados.

	Pai	Portuguesa	-1	-1	-1	-1		(C+M+Pa+I)
H	Mãe	Portuguesa	36	9º ano	Secretária	Empregada	Nuclear	4
	Pai	Portuguesa	37	12º ano	Comissário de bordo	Empregado		(C+M+P+I)
I	Mãe	Portuguesa	23	9º ano	Empregada de supermercado	Empregada	Nuclear	2
	Pai	-1	-1	-1	-1	-1		(C+M)
J	Mãe	Portuguesa	38	11º ano	Trabalhadora de limpezas	Empregada	Nuclear	2
	Pai	Portuguesa	38	-1	-1	-1		(C+M)
L	Mãe	Cabo-verdiano	46	4º ano	Empregada Doméstica	Empregada	Nuclear	4
	Pai	Cabo-verdiano	48	5º ano	Segurança	Empregado		(C+M+P+I)
Leo	Mãe	Portuguesa	37	12º ano	Auxiliar de cuidados de crianças	Empregada	Nuclear	6
	Pai	Portuguesa	38	-1	Assistente operacional	-1		(C+M+P+I+I+I)
Lr	Mãe	Portuguesa	39	9º ano	-1	Desempregada	Nuclear	4
	Pai	Portuguesa	42	10º ano	Montador de andaimes	Empregado		(C+M+I+I)
Mh	Mãe	Bangladesh	35	-1	Comerciante	Empregada	Nuclear	4
	Pai	Bangladesh	37	-1	Empregado de balcão/cantoneiro	Empregado		(C+M+P+I)

Mg	Mãe	Portuguesa	25	12º ano	Auxiliar de Ação Educativa	Empregada	Nuclear	3 (C+M+P)
	Pai	Portuguesa	33	6º ano	Operador de frescos num supermercado	Empregado		
Mp	Mãe	Portuguesa	31	Licenciatura	Gerente de loja	Empregada	Nuclear	2 (C+M)
	Pai	Portuguesa	26	9º ano	Lojista	Empregado		
Ma	Mãe	Portuguesa	42	12º ano	Assistente Técnica no Hospital	Empregada	Nuclear	4 (C+M+P+I)
	Pai	Portuguesa	38	12º ano	Operador de Publicidade	Empregado		
M	Mãe	Portuguesa	41	11º ano	Secretária	Empregada	Nuclear	3 (C+M+P)
	Pai	Portuguesa	44	9º ano	Gestor de Projeto	Empregado		
Me	Mãe	._2	._2	._2	._2	._2	._2	._2
	Pai	._2	._2	._2	._2	._2		
R	Mãe	._2	._2	._2	._2	._2	._2	._2
	Pai	._2	._2	._2	._2	._2		
Rp	Mãe	Portuguesa	35	9º ano	Empregada de balcão	Empregada	Nuclear	3 (C+M+P)
	Pai	Brasileira	39	10º ano	._1	Desempregado		
Ri	Mãe	Portuguesa	42	Licenciatura	Consultora	Empregada	Nuclear	4 (C+M+P+I)
	Pai	Portuguesa	48	9º ano	._1	Desempregado		

² Dados não autorizados a serem recolhidos e utilizados.

S	Mãe	Portuguesa	31	11º ano	Assistente dentária	Empregada	Nuclear	2 (C+M)
	Pai	Portuguesa	33	12º ano	Motorista	Empregado		
V	Mãe	Brasileira	28	12º ano	Esteticista	Empregada	-1	-1
	Pai	Brasileira	40	-1	Trabalha na construção civil	Empregado		
W	Mãe	Guineense	41	10º ano	Empregada de limpeza	Empregada	Nuclear	3 (C+M+I)
	Pai	-1	-1	-1	-1	-1		

Nota. Fonte própria: tabela construída com base nas fichas das crianças e nos seus processos de matrícula

Legenda:

- C – Criança
- M – Mãe
- P – Pai
- I – Irmão/irmã
- T – Tio/tia
- Pa - Padrasto

Anexo E. Caracterização das crianças

Tabela 1

Caracterização das crianças

Criança	Sexo	Nacionalidade	Idade		Frequência no JI
			1 de outubro de 2018	21 de janeiro de 2019	
Bj	Masculino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
B	Masculino	Portuguesa	4 anos	4 anos	1º ano
Dd	Masculino	Portuguesa	4 anos	4 anos	1º ano
Dm	Masculino	Brasileira	4 anos	4 anos	1º ano
E	Masculino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
Ge	Masculino	Guineense	5 anos	5 anos	2º ano
Gu	Masculino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
H	Feminino	Portuguesa	4 anos	4 anos	1º ano
I	Masculino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
J	Masculino	Portuguesa	4 anos	4 anos	1º ano
L	Masculino	Portuguesa	5 anos	6 anos	2º ano
Leo	Masculino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
Lr	Feminino	Portuguesa	4 anos	4 anos	1º ano
Mh	Feminino	Bangladesh	5 anos	5 anos	2º ano
Mg	Feminino	Portuguesa	3 anos	4 anos	1º ano
Mp	Feminino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
Ma	Feminino	Portuguesa	4 anos	5 anos	2º ano
M	Masculino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
Me	Feminino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
R	Masculino	Portuguesa	3 anos	4 anos	1º ano
Rp	Masculino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
Ri	Feminino	Portuguesa	4 anos	4 anos	1º ano
S	Feminino	Portuguesa	5 anos	5 anos	2º ano
V	Feminino	Brasileira	4 anos	4 anos	1º ano
W	Feminino	Guineense	5 anos	5 anos	2º ano

Nota. Fonte própria: tabela construída com base nas fichas das crianças, nos seus processos de matrícula e em informações fornecidas pela educadora em conversas informais

Anexo F. Autorização para a realização do portfólio de M

Cara família, tal como é do vosso conhecimento sou a Ana Filipa Dias, aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa e frequento o Mestrado em Educação Pré-Escolar. Durante este estágio, terei de elaborar um portefólio com uma criança, cujos principais objetivos são documentar e avaliar a evolução do desenvolvimento e aprendizagens da criança e obter informações acerca da mesma que permitam planear uma ação educativa de qualidade e personalizada.

Assim, tendo em conta as orientações da educadora da sala e a empatia que estabeleci com o vosso filho, venho desta forma pedir autorização para realizar o meu portefólio com o mesmo. É de salientar que, caso autorizem, os registos fotográficos que irei utilizar serão somente para fins académicos, ou seja, farão apenas parte do meu portefólio de estágio, sendo que a identidade da criança e o anonimato das informações acerca da mesma serão preservados e, desta forma, a sua privacidade respeitada. Este portefólio ser-vos-á ainda entregue sem a ocultação de dados.

Agradeço que, caso estejam de acordo e autorizem, assinalem com uma cruz no respetivo local e assinem.

Muito obrigada,

Data: ____/____/____

Nome da criança	Autorizo	Não autorizo	Assinatura do/ encarregado/a de educação

Anexo G. Carta de apresentação às famílias



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA



POLITÉCNICO
DE LISBOA

Caras famílias, sou a Ana Filipa Dias, aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa, frequento o Mestrado em Educação Pré-Escolar e encontro-me a realizar o estágio profissionalizante de iniciação à prática. Durante este período de estágio, que decorrerá entre os dias 1 de outubro de 2018 e 21 de janeiro de 2019, irei realizar algumas atividades e/ou projetos com as crianças da Sala A.

Sempre que tiverem alguma dúvida acerca do meu trabalho poderão contactar-me, quando necessitarem, aqui no jardim.

Com os melhores cumprimentos,

Ana Filipa Dias



Anexo H. Guiões de entrevista

Tabela 1

Guião de entrevista às crianças

Bloco Temático	Questões	Observações
Conceito de participação	O que é que achas que é participar?	
Participação no planeamento e na construção/alteração do espaço	Participaste no projeto do hospital? Se sim, de que forma?	Esta questão está aberta a todos os tipos de resposta possíveis, podendo-se enquadrar na participação da criança a nível do planeamento, da construção/alteração do espaço, da comunicação/divulgação do projeto e na avaliação do mesmo.
	Ajudaste a decidir o que iria ser feito no hospital? Se sim, de que forma?	
Avaliação do projeto	Gostaste de participar?	
	O que é que gostaste mais de fazer no projeto?	
	Gostaste de construir os materiais para o hospital?	
	Gostaste de mudar o espaço?	
	Preferias que fosse a educadora e a auxiliar de ação educativa a mudar a área do faz de conta, ou gostas mais assim, com a tua participação? Porquê?	
	Gostavas de fazer isto mais vezes? Porquê?	Possíveis sugestões de mudança de outras áreas da sala.

Nota. Fonte própria

Tabela 2

Guião de entrevista à educadora cooperante e à auxiliar de ação educativa

Bloco Temático	Questões	Observações
Conceito de participação	O que acha da participação das crianças na reorganização de um espaço da sala do Jardim de Infância face ao seu processo de aprendizagem?	
	Qual é o papel do adulto (educador/auxiliar de ação educativa) em todo este processo?	
Participação no planeamento e na construção/alteração do espaço	No seu entender acha que as crianças devem ou não participar na reorganização do espaço? Porquê?	
	Se sim, de que forma é que podem fazê-lo?	
Não participação	E as crianças que não querem participar, têm esse direito?	

Nota. Fonte própria

Anexo I. Roteiro ético

Tabela 1

Roteiro ético

Princípios éticos e deontológicos segundo Tomás (2011)	Carta ética APEI (2011)
<p>1. <u>Objetivos do trabalho</u></p> <p>De modo a informar os familiares acerca dos objetivos da investigação e de lhes pedir o consentimento para a realizar e divulgar dados apenas para fins académicos, foi-lhes enviado um <i>e-mail</i> para o efeito.</p> <p>A educadora cooperante e a auxiliar da sala foram informadas da questão problema e dos objetivos da investigação através de conversas informais ao longo da minha Prática Profissional Supervisionada e através das entrevistas que realizei.</p> <p>Inicialmente, as crianças não foram informadas explicitamente dos objetivos da investigação, mas ao longo da PPSII adotei comportamentos que ilustrassem tais objetivos, como por exemplo, realizando reuniões com as crianças de planificação da área a ser reformulada e, no final, apliquei-lhes entrevistas sobre a participação.</p>	<p style="text-align: center;">Princípios</p> <p>- “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1).</p> <p>- “O Respeito - enquanto exigência subjectiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa.” (p. 1).</p> <p style="text-align: center;">Compromissos</p> <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as crianças</u></p> <p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1).</p> <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as famílias</u></p> <p>- “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família.” (p. 2).</p> <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com a equipa de trabalho</u></p> <p>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.” (p. 2).</p>

<p>2. <u>Custos e benefícios</u></p> <p>A presente investigação não irá apresentar custos, mas benefícios, sendo que o principal benefício é demonstrar que as crianças são seres ativos, capazes de construir as suas próprias aprendizagens através da participação, neste caso, na reorganização da área do faz de conta.</p>	<p style="text-align: center;">Princípios</p> <ul style="list-style-type: none"> - “A Competência – enquanto saber integrado, cientificamente suportado e em permanente reconstrução.” (p. 1). - “A Responsabilidade – enquanto atitude dinâmica que permite dar resposta correcta, no sentido do bem do outro, e que exige uma mobilização pessoal atenta e solícita.” (p. 1). <p style="text-align: center;">Compromissos</p> <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as crianças</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (p. 1). - “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (p. 1). - “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem.” (p.1).
<p>3. <u>Respeito pela privacidade e confidencialidade</u></p> <p>De modo a respeitar a privacidade e confidencialidade das crianças foi realizada uma autorização para os familiares assinarem relativa ao pedido de consentimento para tirar fotografias às crianças e para recolher dados sobre as mesmas, indicando que os nomes de todas elas, tal como o nome do</p>	<p style="text-align: center;">Princípios</p> <ul style="list-style-type: none"> - “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1). - “O Respeito - enquanto exigência subjectiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa.” (p. 1).

estabelecimento não seriam mencionados, sendo substituídos por letras/iniciais. Para além disso, também realizei um pedido às crianças para lhes tirar fotografias. Numa cartolina criei duas colunas, sendo que numa delas encontrava-se o desenho de uma máquina fotográfica (que significava a autorização para tirar fotografias) e na outra, também o desenho de uma máquina fotográfica, mas com uma cruz por cima (que significava a não autorização para tirar fotografias). Assim sendo, cada criança tinha o seu identificador e colou na coluna que queria, dando ou não autorização, consoante a sua vontade (cf Figura K1).

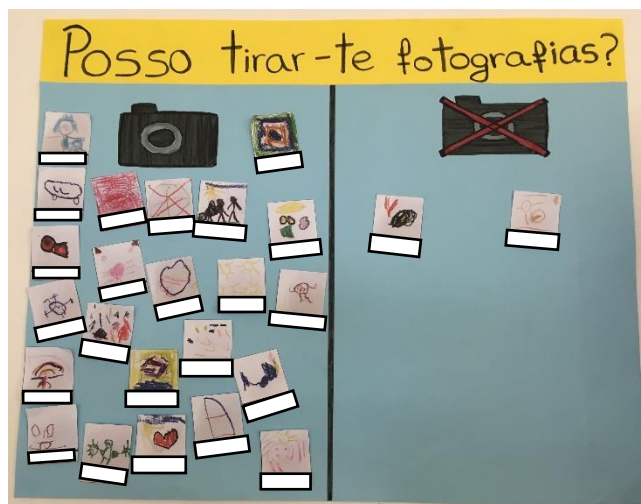


Figura 1. Consentimento destinado às crianças para lhes tirar fotografias. Fonte própria.

Compromissos

No compromisso com as crianças

- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1).
- “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.” (p. 2).
- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 2).

No Compromisso com as famílias

- “Respeitar as famílias e a sua estrutura, valorizando a sua competência educativa.” (p. 2).
- “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança.” (p.2).

<p>4. <u>Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a incluir</u></p> <p>Uma vez que a investigação realizada parte do projeto “Queremos fazer um hospital na sala!”, as crianças que fazem parte da investigação são as que quiseram participar voluntariamente na elaboração do projeto.</p>	<p style="text-align: center;">Princípios</p> <p>- “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1).</p> <p>- “O Respeito - enquanto exigência subjectiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa.” (p. 1).</p> <p style="text-align: center;">Compromissos</p> <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as crianças</u></p> <p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1).</p> <p>- “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem.” (p. 1).</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo.” (p. 2).</p>
<p>5. <u>Fundamentos</u></p> <p>Para a investigação e para a revisão da literatura foram utilizadas várias fontes bibliográficas, de modo a sustentarem teoricamente todas as minhas decisões em relação à investigação e às minhas ações.</p>	<p style="text-align: center;">Princípios</p> <p>- “A Competência – enquanto saber integrado, cientificamente suportado e em permanente reconstrução.” (p. 1).</p> <p>- “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1).</p>

	<p>- “O Respeito - enquanto exigência subjectiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa.” (p. 1).</p>
	<p>Compromissos</p>
	<p>_____</p>
<p>6. <u>Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</u></p>	<p>Princípios</p>
<p>A investigação é um estudo de caso de natureza qualitativa. Foi então identificado como objetivo geral da investigação</p>	<p>_____</p>
<p><i>identificar, compreender e analisar de que forma é que as crianças participam na reorganização da área do faz de conta</i></p>	<p>Compromissos</p>
<p>e como objetivos específicos:</p>	<p><u>No compromisso com as crianças</u></p>
<p>- <i>Compreender e analisar a participação das crianças no planeamento e tomada de decisões e/ou escolhas;</i></p>	<p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1).</p>
<p>- <i>Identificar e analisar a participação das crianças na construção dos materiais e/ou equipamentos necessários;</i></p>	<p>- “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem.” (p. 1).</p>
<p>- <i>Compreender e analisar o envolvimento das crianças na organização do espaço.</i></p>	<p>- “Cuidar da gestão da <i>aproximação</i> e da <i>distância</i> na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma.” (p. 2).</p>
	<p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo.” (p. 2).</p>

<p>7. <u>Consentimento informado</u></p> <p>Tal como mencionado anteriormente, no início da PPS foi realizada uma autorização para os familiares assinarem relativa ao pedido de consentimento para tirar fotografias às crianças e para recolher dados sobre as mesmas, indicando que os nomes de todas elas, tal como o nome do estabelecimento não seriam mencionados, sendo substituídos por letras/iniciais. Para além disso, também realizei um pedido às crianças para lhes tirar fotografias (algo já explicado). Relativamente à investigação, as famílias foram informadas da mesma e dos seus objetivos, explicitando que todos os dados recolhidos seriam utilizados apenas para fins académicos, sendo a privacidade de cada criança respeitada, através de um <i>e-mail</i>.</p>	<table border="1"> <tr> <th data-bbox="1090 236 2089 292">Princípios</th> </tr> <tr> <td data-bbox="1090 292 2089 651"> <ul style="list-style-type: none"> - “A Responsabilidade – enquanto atitude dinâmica que permite dar resposta correcta, no sentido do bem do outro, e que exige uma mobilização pessoal atenta e solícita.” (p. 1). - “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1). - “O Respeito - enquanto exigência subjectiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa.” (p. 1). </td> </tr> <tr> <th data-bbox="1090 651 2089 707">Compromissos</th> </tr> <tr> <td data-bbox="1090 707 2089 1260"> <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as crianças</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1). - “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.” (p. 2). - “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 2). <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as famílias</u></p> </td> </tr> </table>	Princípios	<ul style="list-style-type: none"> - “A Responsabilidade – enquanto atitude dinâmica que permite dar resposta correcta, no sentido do bem do outro, e que exige uma mobilização pessoal atenta e solícita.” (p. 1). - “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1). - “O Respeito - enquanto exigência subjectiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa.” (p. 1). 	Compromissos	<p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as crianças</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1). - “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.” (p. 2). - “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 2). <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as famílias</u></p>
Princípios					
<ul style="list-style-type: none"> - “A Responsabilidade – enquanto atitude dinâmica que permite dar resposta correcta, no sentido do bem do outro, e que exige uma mobilização pessoal atenta e solícita.” (p. 1). - “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1). - “O Respeito - enquanto exigência subjectiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa.” (p. 1). 					
Compromissos					
<p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as crianças</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1). - “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.” (p. 2). - “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 2). <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as famílias</u></p>					

	- “Respeitar as famílias e a sua estrutura, valorizando a sua competência educativa.” (p. 2).
8. <u>Uso e relato das conclusões</u> e 10. <u>Informação às crianças e adultos envolvidos</u>	Princípios
Os princípios 8 e 10 serão garantidos através da construção do espaço e após, através da comunicação do projeto e do resultado final da reconstrução da área do faz de conta da sala. Os familiares das crianças serão convidados para virem à sala conhecer o novo espaço. Para além disso, serão afixados no expositor do corredor junto à sala os registos que foram feitos pelas crianças ao longo do projeto e também serão afixadas fotografias que documentem todo o processo de pesquisa e construção desta área, fotografias essas que ilustrem também os resultados e as conclusões da investigação.	- “ A Responsabilidade – enquanto atitude dinâmica que permite dar resposta correcta, no sentido do bem do outro, e que exige uma mobilização pessoal atenta e solícita.” (p. 1). - “ A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1).
	Compromissos
	<u>No compromisso com as crianças</u> - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (p. 1). <u>No compromisso com as famílias</u> - “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família.” (p. 2). <u>No compromisso com a equipa de trabalho</u> - “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.” (p. 2).
9. <u>Possível impacto nas crianças</u>	Princípios
Com a aplicação de tal investigação pretende-se que as crianças fiquem predispostas para o facto de que as mesmas são seres ativos, com voz ativa, essenciais no seu processo de	- “ A Responsabilidade – enquanto atitude dinâmica que permite dar resposta correcta, no sentido do bem do outro, e que exige uma mobilização pessoal atenta e solícita.” (p. 1).

<p>aprendizagem. Pretende-se que as crianças sejam capazes de expor as suas opiniões, dar sugestões, tomem decisões, que oiçam e respeitem os outros e negociem num processo de construção e de trabalho cooperado e em equipa, percebendo que vivem numa sociedade democrata.</p>	<p>- “A Integridade - enquanto conjunto de atributos pessoais que se revelam numa conduta honesta, justa e coerente.” (p. 1).</p> <p style="text-align: center;">Compromissos</p> <p style="text-align: center;"><u>No compromisso com as crianças</u></p> <p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p. 1).</p> <p>- “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem.” (p. 1).</p> <p>- “Cuidar da gestão da <i>aproximação</i> e da <i>distância</i> na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma.” (p. 2).</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo.” (p. 2).</p>
--	--

Nota. Fonte própria

Anexo J. Análise de conteúdo das notas de campo e das reflexões

Tabela 1

Análise de conteúdo das notas de campo e das reflexões

Categoria: Participação	Unidades de registo
<p>Subcategoria: Participação no planeamento – um processo democrático</p>	<p>“No dia 11 de dezembro, durante a realização do plano do dia, eu e a educadora cooperante conversámos com as crianças do grupo com o intuito de perceber que espaço do hospital é que iríamos construir na sala. Comecei por conversar com as crianças explicando-lhes que o hospital era muito grande e que por esse motivo não conseguiríamos construir um hospital inteiro na nossa sala e que, por esse motivo teríamos de construir uma ou duas salas no espaço da área do faz de conta. Após perguntei às crianças se alguma delas tinha uma ideia de um espaço para ser construído. Depois, senti a necessidade de as relembrar da ida ao hospital que estava na biblioteca da escola, pedindo a sua colaboração para pensar por que espaços é que tinham passado. Posto isto, mostrei-lhes imagens destes mesmos espaços e realizámos uma votação, sendo que todas as crianças do grupo, votaram apenas num dos espaços (sala de espera, triagem, consultório, sala de análises e imagiologia e sala de tratamentos). À medida que as crianças iam votando eu ia fazendo o registo dessa votação e no final realizámos a contagem dos votos, fizemos comparação entre os espaços que tinham mais ou menos votos e as crianças referiram que iríamos construir o consultório e a sala de análises e imagiologia porque eram as que apresentavam mais votos.” (Excerto da Nota de Campo nº 49, dia 11/12/2018).</p> <p>“À tarde, por volta das 13 horas, quando as crianças regressaram do recreio, reuni-as na zona do tapete para falar com elas sobre a distribuição de tarefas em relação ao projeto do hospital. Mostrei-lhes o que tinha feito com as crianças M, B, Ri e Me, no que diz respeito ao inventário dos materiais que temos e no que diz respeito aos materiais que iríamos construir para o consultório e para a sala da imagiologia, pedindo voluntários para a construção de tais materiais.” (Excerto da Nota de Campo nº 51, dia 13/12/2018).</p>

	<p>“Após, no momento de áreas e projetos, reuni-me com as crianças que se disponibilizaram para construir os raio-x e construímos estes materiais. As crianças decidiram fazer o raio-x de uma mão, de um pé, da cabeça e do tronco. Propus-lhes desenharmos em cartolina preta com lápis branco e posteriormente recortarmos, colando papel celofane incolor, sugestão que foi negociada e aceite.” (Excerto da Nota de Campo nº 51, dia 13/12/2018).</p> <p>“Às 14 horas e 30 minutos, durante o lanche, conversei com as crianças sobre o facto de termos mais do que um possíveis nomes [decisão do nome do hospital], mas que apenas poderíamos escolher um. Posto isto, sugeri fazermos uma votação. Escrevi numa cartolina esses nomes e perguntei criança a criança em que nome é que queria votar. Depois de todos terem votado, em conjunto com as crianças fiz a contagem dos votos, perguntei-lhes que nome é que tinha mais votos e quantos votos no total é que existiam para cada um dos nomes e o registo da mesma. No final, M dirigiu-se até mim a pedir-me para ser ele a fazer a placa com o nome do hospital.” (Excerto da Nota de Campo nº 54, dia 03/01/2019).</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação no planeamento – pesquisa - estratégias</p>	<p>“Quando voltámos à sala, só uma das crianças [do primeiro grupo de trabalho formado para o projeto do qual faziam parte Bj, Mp, R e V], (R) quis continuar o projeto, pelo que lhe mostrei uns ficheiros de imagens de médicos e médicos cirurgiões, para que a mesma visse que os médicos podem usar fardas de várias cores, questão levantada na chuva de ideias. A criança quis assim fazer o registo dessa ideia.” (Excerto da Nota de Campo nº 40, dia 27/11/2018).</p> <p>“inicieei a chuva de ideias com outro grupo (M, Ri, Mg e Dm). Após a realização da chuva de ideias, começámos a pesquisa. Dm foi à área do laboratório das ciências e</p>

matemática buscar lupas, ao que lhe perguntei se ele queria ou não continuar a fazer parte do projeto, explicando-lhe o que tinha explicado ao grupo no dia anterior, ao que a criança me disse que não queria fazer mais parte do projeto.” (Excerto da Nota de Campo nº 40, dia 27/11/2018).

“Neste dia, foi dada a continuação ao projeto do hospital, com os outros três grupos (grupo 3 – Lr, S, E e W; grupo 4 – Mh, I, Me e L; grupo 5 – B, Leo, H e Gu). Foram assim realizadas as chuvas de ideias e foi iniciada a pesquisa. A pesquisa foi realizada grupo a grupo. Disponibilizei às crianças um conjunto de ficheiros de imagens sobre o hospital, em termos de espaços existentes, profissionais que lá trabalham, instrumentos utilizados, veículos de transporte de doentes e de assistência e símbolos, mais concretamente o símbolo de emergência e o símbolo do hospital. As crianças realizaram registos, através de desenhos e legendagem dos mesmos, aquando da observação destes ficheiros.” (Excerto da Nota de Campo nº 41, dia 28/11/2018).

“Às 13 horas quando as crianças voltaram do recreio, depois da hora de almoço, visto que era dia de escrita e como S tinha dado sugestão nas chuvas de ideias, propus construirmos uma entrevista para a aplicarmos à mãe do Dd, uma vez que é enfermeira e estamos a realizar um projeto sobre o hospital. As crianças aceitaram a ideia e eu perguntei-lhes o que é que não sabiam sobre o hospital e que gostariam de saber. As crianças colocaram o dedo no ar e fui dando oportunidade a uma de cada vez para falar.” (Excerto da Nota de Campo nº 46, dia 05/12/2018).

“No dia 6 de dezembro na reunião da manhã, a educadora da sala explicou que no dia de hoje iríamos visitar um hospital, mas que não era um hospital verdadeiro. O projeto do hospital foi construído por algumas professoras do 1º ciclo em parceria com uma médica, para as crianças desse ciclo. No entanto, soubemos que este projeto estava a ser realizado e abriram uma vaga para que pudéssemos visitar o hospital da escola. Assim sendo, o grupo foi dividido em dois grupos e, enquanto um dos grupos se dirigiu

até à biblioteca, espaço onde estava o hospital, o outro ficou na sala a comer a fruta e nas áreas.” (Excerto da Nota de Campo nº 47, dia 06/12/2018).

“No dia 6 de dezembro dirigimo-nos com as crianças a um hospital que tinha sido contruído na biblioteca da escola. Tal hospital foi o produto de um projeto elaborado por umas professoras de 1º Ciclo que este ano não têm grupo, em conjunto com uma médica . . . Pretendo ainda mencionar que a ida ao Hospital da escola foi uma experiência verdadeiramente empolgante e rica em aprendizagens para as crianças, na medida em que, devido ao facto de simularem situações, puderam passar por todos os serviços existentes e perceber o seu funcionamento e os materiais utilizados em cada espaço, constatando para que serviam e como funcionavam.” (Excerto da reflexão diária de 06/12/2019).

“De seguida, reuni com a criança S. Relembrei-a que, como tinha dado a ideia, aquando da realização das chuvas de ideias, da mãe do Dd ir à sala para que lhe fizéssemos perguntas acerca do hospital, visto que é enfermeira, foi agendado um dia com a mesma para o efeito e construído um guião de entrevista à qual participou. Posto isto, perguntei-lhe se queria ser ela a fazer essas perguntas à mãe do Dd no dia seguinte, ao que a criança me respondeu que não queria. Respeitei a sua opinião e, após, reuni com as crianças Ri e M que disseram que queriam ser eles os entrevistadores. Nesta reunião, voltei a ler-lhes as questões, foram divididas tarefas a nível de quem pergunta o quê e de seguida, foram relidas novamente as questões.” (Excerto da Nota de Campo nº 54, dia 03/01/2019).

“Seguidamente, reuni-me então com as crianças Mg, V e S para a realização dos termómetros. Antes da elaboração dos mesmos, procurámos imagens na internet para que as crianças decidissem como é que iriam ser construídos os termómetros.” (Excerto da Nota de Campo nº 59, dia 10/01/2019).

Categoria: Participação	Unidades de registo
<p>Subcategoria: Participação no planeamento - dar ideias/opiniões</p>	<p>“No dia 13 na reunião de conselho da manhã, a educadora fez a proposta de mudar algo na sala, perguntando às crianças se gostariam ou não de fazer uma alteração em alguma das áreas, pelo que surgiu a ideia de se mudar a área do faz de conta. A educadora cooperante conversou com as crianças chegando a um consenso – iriam construir um hospital. Para além de tudo isto, uma das crianças (Mp) deu a ideia de irem à <i>kidzania</i> para ver como é que é um hospital pelo que todas as ideias das crianças foram ouvidas e negociadas. Este é um exemplo de que é possível ouvir as crianças, fazer com que as mesmas participem até mesmo na organização do ambiente educativo. Ou seja, a participação das crianças vai mais além da ideia do querer ou não fazer parte ou realizar uma atividade/proposta/projeto, mas também a este nível. No meu entender, as crianças são mais do que seres estáticos, são seres dotados de opiniões, com ideias muito válidas e com propostas que, grande parte das vezes, senão todas as vezes, são essenciais para o seu processo de aprendizagem.” (Excerto da reflexão diária de 13/11/2018).</p> <p>“Mp, tal como no dia anterior, refere que poderíamos ir à Kidzania. Bj afirma que tem em casa um jogo sobre médicos e a educadora disse que ele o podia trazer para a sala. M refere que poderíamos fazer “aquela cama do hospital”, e a educadora pergunta se é uma maca e a criança diz que sim. Bj refere que no hospital “há aqueles brinquedos para crianças”.” (Excerto da Nota de Campo nº 31, dia 14/11/2018).</p> <p>“A ideia da reorganização da área do faz de conta é algo que, no meu entender, tem estado a entusiasmar as crianças o que se pode constatar através da nota de campo transcrita em cima. As crianças têm tido várias ideias relacionadas com o que gostariam de fazer como por exemplo, fazer uma maca, o “carro dos bombeiros” e até mesmo ir à <i>kidzania</i>. Penso que a reorganização deste espaço poderá vir a dar um projeto com um</p>

grande potencial na medida em que, através da participação das crianças e o envolvimento das mesmas, será possível responder aos seus interesses.” (Excerto da reflexão diária de 14/11/2018).

“Quando chegou à área do faz de conta, pediu para que todas as crianças fizessem uma roda. Começou por lhes explicar o que tinha sido introduzido nesta área, como é que os materiais estavam arrumados, qual a disposição da área e disse-lhes que teríamos de fazer uma alteração naquele espaço para conseguirmos introduzir os materiais do hospital, inclusive foi falado em ser retirado o supermercado. As crianças começaram a dar ideias, como por exemplo, L referiu que poderiam fazer uma sala de espera e a educadora disse que era uma boa ideia” (Excerto da Nota de Campo nº 33, dia 16/11/2018).

“Uma vez que pretendo envolver as crianças no planeamento do espaço, tendo em conta as suas opiniões e o que querem construir no mesmo, pensei em falar com as crianças sobre este aspeto, de forma a recolher as suas sugestões sem lhes impor nada, nem condicionar as suas ideias. Uma vez que as crianças não estavam a conseguir responder com o que pretendia, decidi recorrer ao meu plano b que consistia em falar-lhes sobre a visita ao hospital da biblioteca, pedindo a sua colaboração para relembrar as diferentes salas por onde passaram, mostrando-lhes imagens das mesmas, e posteriormente, cada uma votou na área que queria construir . . . A dimensão da participação das crianças que pretendo incutir na minha prática não envolve só dar-lhes oportunidades de escolha, mas sim de pedir-lhes por exemplo ideias sobre o que vamos construir e como vamos construir tais espaços, ou seja, ter em conta as ideias, sugestões e opiniões das crianças em todo este processo de planeamento e foi por isso que no início deste momento transcrito em cima comecei por falar com as crianças com o intuito de perceber se alguma delas tinha alguma sugestão para a construção do espaço sem as limitar, mas fazendo-as perceber face ao espaço disponível o que é realmente exequível.” (Excerto da reflexão diária de 11/12/2018).

“Posteriormente, com M, B, Ri e Me, construí uma tabela tendo em conta os materiais que já tínhamos para o projeto, visto que eu e a criança Ma, tínhamos trazido tais materiais, e o que poderíamos construir no consultório e na sala de tratamentos e imagiologia.” (Excerto da Nota de Campo nº 51, dia 13/12/2018).

“À tarde, por volta das 13 horas e 30 minutos, depois da hora do conto, conversei com as crianças sobre o nome do hospital. Disse-lhes que tal como as pessoas, os hospitais também têm nomes, para que seja possível distinguirem-se uns dos outros e, contudo, procurei saber se as crianças queriam dar algum nome ao nosso hospital da sala, ao que as mesmas me responderam que sim. Após, pedi-lhes algumas sugestões relativas a nomes, caso alguém tivesse alguma ideia. As crianças deram sugestões como “Laço”, “Paris”, “Santa Sofia”, “Brasil”, “Corações” e “Santarém”. A educadora explicou que não estávamos nem em Paris, nem no Brasil e nem em Santarém, estávamos sim em A e que não fazia sentido dar nenhum desses nomes ao hospital, mas que “A” poderia ser.” (Excerto da Nota de Campo nº 54, dia 03/01/2019).

“Após o lanche da manhã reuni com as crianças Lr, Dm e Ma para a pintura da maca para o hospital. As crianças utilizaram rolos e tinta branca para pintarem uma paleta. Inicialmente, iriam construir a maca as crianças W, I, Lr, Ma e S, no entanto, duas delas estavam a faltar (I e S) e a outra criança mencionou que não queria fazer (W). Posto isto, Dm disponibilizou-se para o efeito. Depois da pintura da mesma, e enquanto secava, reuni com L e Me para construir o computador para o hospital. Foram estas crianças que referiram que queriam construir este material. Para tal, foram utilizadas placas de cartão, cola líquida, papel eva preto para o computador, papel eva cinzento para as teclas do mesmo. As crianças colaram estes materiais e deram a ideia de se construir um ecrã para o computador. Tal ideia foi realizada. Mp participou na realização de um desenho para o ecrã do computador.” (Excerto da Nota de Campo nº 56, dia 07/01/2019).

	<p>“Dd, M e Ri vieram ter comigo a pedir ajuda para arrumarem os materiais, visto que não sabiam onde é que se arrumavam. Posteriormente perguntei-lhes que solução é que poderíamos arranjar para que as crianças soubessem sempre onde arrumar os materiais, ao que M respondeu que poderíamos tirar fotos e colar nos sítios corretos. Mais tarde, reuni-me com a criança Ma que se disponibilizou para tirar fotos aos materiais do hospital para o efeito (etiquetagem).” (Excerto da Nota de Campo nº 57, dia 08/01/2019).</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação no planeamento – tomar decisões</p>	<p>“No dia 13 de novembro, a educadora cooperante, na reunião da manhã, perguntou às crianças se gostavam de mudar algo na sala. M referiu que gostava de fazer um pingo doce, no entanto, a educadora respondeu, dizendo que isso já tinha sido feito no ano anterior. M a este comentário disse que então poderiam fazer um mini-preço, ao que a educadora respondeu que isso, tal como o pingo doce era um supermercado. Surge então a ideia de se fazer um hospital, ao que todas as crianças disseram que sim. Mp referiu que poderiam ir à <i>kidzania</i> e M disse que tinham de negociar.” (Excerto da Nota de Campo nº 30, dia 3/11/2018).</p> <p>“Depois da realização da carta a educadora pergunta ao grupo se alguém se lembra do que tinha sido falado ontem em relação às alterações na sala e M respondeu:</p> <p>M: “Dissemos que íamos fazer um hospital e um carro dos bombeiros”.</p> <p>Educadora: “Mas podemos votar para ver se todos querem fazer um hospital ou se preferem fazer outra coisa.”</p> <p>A educadora perguntou a todas as crianças, uma a uma se queriam ou não fazer um hospital. E disse que não queria, queria “brincar aos médicos” e a educadora explicou-lhe que os médicos trabalham no hospital e Ma também diz que não e a educadora questiona-a ouvindo a sua explicação. A educadora percebe que Ma acha</p>

que iriam fazer um hospital verdadeiro e explicou-lhe que ela não se preocupasse que era só algo para brincar. Ma aceitou.” (Excerto da Nota de Campo nº 31, dia 14/11/2018).

“À tarde, e para perceber quem queria ou não participar no projeto do hospital, expliquei às crianças que para fazermos o hospital na sala primeiro teríamos de fazer uma pesquisa sobre o hospital, o que é que lá existe, quem é que lá trabalha e expliquei que nem todos teriam de fazer parte do projeto, mas que no final, todos poderiam brincar na área do faz de conta (área a ser reformulada). Após, questionei o grupo com o intuito de perceber quem queria ou não participar no projeto, ao que me disseram que queriam participar no total 21 crianças.” (Excerto da Nota de Campo nº 39, dia 26/11/2018).

“No dia 13 de dezembro, a criança M regressou ao JI. Tinha estado em casa com varicela. Quando entrou na sala mostrou-me um desenho que tinha feito em casa e explicou-me que se tinha desenhado a ele próprio com pintinhas, que eram as borbulhas e que ao lado estavam desenhados os medicamentos que tinha tomado. Para além disso, referiu ainda que tinha ido ao médico e que gostava de colocar esse desenho no projeto do hospital.” (Excerto da Nota de Campo nº 51, dia 13/12/2018).

“Reuni-me com as crianças que quiseram construir estetoscópios (Mh e Ge) e com cartão, tubos, arame, cola (fita cola, cola líquida e cola quente), balões, papel eva e garrafas de água, criámos estetoscópios. As crianças, contornaram, recortaram, colaram e realizaram enfiamentos nesta criação. Inicialmente, as crianças que no planeamento tinham dito que queriam fazer os estetoscópios eram Mh e Bj, no entanto, antes da realização dos mesmos, Bj referiu que não queria fazer e Ge questionou-me se o poderia fazer. Questionei também Mp se queria construir os estetoscópios, uma vez que antes da construção destes materiais, a criança tinha dito que queria fazer. No momento expliquei-lhe que tinha de aguardar um momento porque não conseguia dar apoio a todos ao mesmo tempo, mas quando lhe voltei a perguntar se sempre queria fazer, a criança respondeu que não.” (Excerto da Nota de Campo nº 52, dia 14/12/2018).

“Na hora dos projetos, reuni com as crianças V, W, H e Mg para organizar o espaço onde irá ser construído o hospital. Dirigi-me com as crianças à área do faz de conta e perguntei-lhes então onde é que iria ficar o consultório e, posteriormente a sala de análises e imagiologia. As crianças observaram o espaço disponível e decidiram onde é que iria ficar cada uma destas áreas.

Após, estes espaços foram delimitados no chão pelas crianças, utilizando como recurso fita cola. As crianças decidiram e delimitaram então onde é que iria ficar o consultório, mais precisamente, a secretária do médico, a sua cadeira e os materiais lá existentes. E, posteriormente escolheram onde é que iria ficar a sala da imagiologia e de análises, delimitando o espaço para a maca e para o visor de raio-x. Foi ainda combinado com estas crianças que o móvel que estava a ser utilizado para o supermercado poderia ser adaptado para a secretária do médico.

H: “Aqui fica a mesa do médico.”

V: “E aqui as cadeiras, a do médico e a do doente! Eu quero ser médica!”

W: “Aqui fica a maca, Mg, deita-te aqui para eu saber o tamanho!”

W: “Aquilo do raio-x fica onde?”

Mg: “Fica aqui!”. Mg agarrou na fita cola e colou-a na parede.” (Excerto da Nota de Campo nº 54, dia 03/01/2019).

“Entre as divulgações reuni-me com a criança Me que veio ter comigo a referir que faltava acabar o computador. Perguntei-lhe o que faltava e a mesma respondeu que era fazer as letras nas teclas. A proposta da criança foi realizada.” (Excerto da Nota de Campo nº 58, dia 09/01/2019).

“Ainda durante o período da manhã M veio ter comigo a dizer que queria fazer algo para o projeto do hospital ao que lhe disse que faltava construir a tabuleta com o nome do mesmo. A criança disse que queria ser ele a escrever o nome.” (Excerto da Nota de Campo nº 58, dia 09/01/2019).

	<p>“Ainda no período da manhã a criança Me acabou de construir o computador. Me decidi que iria desenhar as letras e os números nas teclas do computador.” (Excerto da Nota de Campo nº 59, dia 10/01/2019).</p>
Categoria: Participação	Unidades de registo
<p>Subcategoria: Participação na construção/alteração do espaço – construção de materiais</p>	<p>“Após, no momento de áreas e projetos, reuni-me com as crianças que se disponibilizaram para construir os raio-x e construímos estes materiais. As crianças decidiram fazer o raio-x de uma mão, de um pé, da cabeça e do tronco. Propus-lhes desenharmos em cartolina preta com lápis branco e posteriormente recortarmos, colando papel celofane incolor, sugestão que foi negociada e aceite.” (Excerto da Nota de Campo nº 51, dia 13/12/2018).</p> <p>“Reuni-me com as crianças que quiseram construir estetoscópios (Mh e Ge) e com cartão, tubos, arame, cola (fita cola, cola líquida e cola quente), balões, papel eva e garrafas de água, criámos estetoscópios. As crianças, contornaram, recortaram, colaram e realizaram enfiamentos nesta criação. Inicialmente, as crianças que no planeamento tinham dito que queriam fazer os estetoscópios eram Mh e Bj, no entanto, antes da realização dos mesmos, Bj referiu que não queria fazer e Ge questionou-me se o poderia fazer. Questionei também Mp se queria construir os estetoscópios, uma vez que antes da construção destes materiais, a criança tinha dito que queria fazer. No momento expliquei-lhe que tinha de aguardar um momento porque não conseguia dar apoio a todos ao mesmo tempo, mas quando lhe voltei a perguntar se sempre queria fazer, a criança respondeu que não.” (Excerto da Nota de Campo nº 52, dia 14/12/2018).</p> <p>“Neste dia comecei por me reunir com algumas das crianças do projeto com o intuito de se planear onde vai ser construído o consultório e a sala de análises e imagiologia tendo em conta o espaço disponível na área do faz de conta. Para tal, conversei com as</p>

crianças para perceber as suas ideias, opiniões em relação a este aspeto, com o objetivo de chegar a um consenso por parte do grupo em relação a tal organização. Penso que o facto de as crianças terem esta oportunidade de participarem na organização de espaços é fundamental para a construção de aprendizagens a vários níveis, para além da orientação no espaço.

Com o objetivo de que tal organização do espaço fosse mais visual para as crianças, dei a ideia de se utilizar uma fita cola com cor para que se colasse no chão e/ou paredes os locais onde queriam colocar os materiais a construir, promovendo, deste modo, a participação das crianças nesse planeamento.” (Excerto da reflexão diária de 03/01/2019).

“À tarde reuni-me com as crianças Ri, H e Gu para construir as receitas médicas para o projeto. Mostrei um exemplo de receita, para que as crianças recordassem no que é que consistia e, posteriormente, pedi-lhes que cada uma fizesse um símbolo à sua escolha para o nosso hospital. Depois de fazerem tal símbolo, desenharam também os códigos de barras das receitas e Mh escreveu “Receita Médica”, “Nome” e “R:” (o “R” indica o sítio na folha onde se deve começar a escrever a receita). Após a realização das receitas com as crianças Ri, H e Gu, Mp dirigiu-se até mim e pediu-me para fazer o mesmo. Dei essa possibilidade à criança.” (Excerto da Nota de Campo nº 55, dia 04/01/2019).

“Após o lanche da manhã reuni com as crianças Lr, Dm e Ma para a pintura da maca para o hospital. As crianças utilizaram rolos e tinta branca para pintarem uma paleta. Inicialmente, iriam construir a maca as crianças W, I, Lr, Ma e S, no entanto, duas delas estavam a faltar (I e S) e a outra criança mencionou que não queria fazer (W). Posto isto, Dm disponibilizou-se para o efeito. Depois da pintura da mesma, e enquanto secava, reuni com L e Me para construir o computador para o hospital. Foram estas crianças que referiram que queriam construir este material. Para tal, foram utilizadas placas de cartão, cola líquida, papel eva preto para o computador, papel eva cinzento para as teclas do mesmo. As crianças colaram estes materiais e deram a ideia de se

construir um ecrã para o computador. Tal ideia foi realizada. Mp participou na realização de um desenho para o ecrã do computador.” (Excerto da Nota de Campo nº 56, dia 07/01/2019).

“No dia 7 de janeiro de 2019, durante o período da manhã reuni-me com algumas das crianças para construir a maca e o computador para o projeto do hospital. Tal como referido anteriormente noutras reflexões e reflexões de atividades, os materiais a serem construídos para o hospital e a distribuição das tarefas foram as crianças que as fizeram e que tomaram decisões perante os materiais que gostariam de construir. Assim sendo, aquando da construção da maca iria reunir com cinco, no entanto só reuni com três, visto que duas delas estavam a faltar e outra mencionou que não queria fazer. A sua opinião foi respeitada e a criança não foi assim obrigada a realizar a proposta contrariada. Dm apercebeu-se e pediu-me para participar ele na construção deste material ao que lhe foi dada resposta afirmativa.” (Excerto da reflexão diária de 07/01/2019).

“reuni com L e Me para construir o computador para o hospital. Foram estas crianças que referiram que queriam construir este material. Para tal, foram utilizadas placas de cartão, cola líquida, papel eva preto para o computador, papel eva cinzento para as teclas do mesmo. As crianças colaram estes materiais e deram a ideia de se construir um ecrã para o computador. Tal ideia foi realizada. Mp participou na realização de um desenho para o ecrã do computador.” (Excerto da Nota de Campo nº 56, dia 07/01/2019).

“Entre as divulgações reuni-me com a criança Me que veio ter comigo a referir que faltava acabar o computador. Perguntei-lhe o que faltava e a mesma respondeu que era fazer as letras nas teclas. A proposta da criança foi realizada.” (Excerto da Nota de Campo nº 58, dia 09/01/2019).

	<p>“Ainda durante o período da manhã M veio ter comigo a dizer que queria fazer algo para o projeto do hospital ao que lhe disse que faltava construir a tabuleta com o nome do mesmo. A criança disse que queria ser ele a escrever o nome.” (Excerto da Nota de Campo nº 58, dia 09/01/2019).</p> <p>“No dia 10 de janeiro, no plano do dia, a criança M referiu que hoje tínhamos de acabar o computador e fazer o termómetro para o projeto do hospital.” (Excerto da Nota de Campo nº 59, dia 10/01/2019).</p> <p>“Ainda no período da manhã a criança Me acabou de construir o computador. Me decidi que iria desenhar as letras e os números nas teclas do computador.” (Excerto da Nota de Campo nº 59, dia 10/01/2019).</p> <p>“Mais tarde reuni com as crianças Leo e R para a construção da máquina do raio-x. Estas foram as crianças que à priori referiram que queriam construir a tal máquina. No entanto, Me referiu que também queria ajudar na construção e foi-lhe dada essa oportunidade.” (Excerto da Nota de Campo nº 59, dia 10/01/2019).</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação na construção/alteração do espaço – planeamento e finalização do espaço físico</p>	<p>“Na hora dos projetos, reuni com as crianças V, W, H e Mg para organizar o espaço onde irá ser construído o hospital. Dirigi-me com as crianças à área do faz de conta e perguntei-lhes então onde é que iria ficar o consultório e, posteriormente a sala de análises e imagiologia. As crianças observaram o espaço disponível e decidiram onde é que iria ficar cada uma destas áreas.</p> <p>Após, estes espaços foram delimitados no chão pelas crianças, utilizando como recurso fita cola. As crianças decidiram e delimitaram então onde é que iria ficar o consultório, mais precisamente, a secretária do médico, a sua cadeira e os materiais lá existentes. E, posteriormente escolheram onde é que iria ficar a sala da imagiologia e de análises,</p>

	<p>delimitando o espaço para a maca e para o visor de raio-x. Foi ainda combinado com estas crianças que o móvel que estava a ser utilizado para o supermercado poderia ser adaptado para a secretária do médico.</p> <p>H: “Aqui fica a mesa do médico.”</p> <p>V: “E aqui as cadeiras, a do médico e a do doente! Eu quero ser médica!”</p> <p>W: “Aqui fica a maca, Mg, deita-te aqui para eu saber o tamanho!”</p> <p>W: “Aquilo do raio-x fica onde?”</p> <p>Mg: “Fica aqui!”. Mg agarrou na fita cola e colou-a na parede.” (Excerto da Nota de Campo nº 54, dia 03/01/2019).</p> <p>“Dd, M e Ri vieram ter comigo a pedir ajuda para arrumarem os materiais, visto que não sabiam onde é que se arrumavam. Posteriormente perguntei-lhes que solução é que poderíamos arranjar para que as crianças soubessem sempre onde arrumar os materiais, ao que M respondeu que poderíamos tirar fotos e colar nos sítios corretos. Mais tarde, reuni-me com a criança Ma que se disponibilizou para tirar fotos aos materiais do hospital para o efeito (etiquetagem).” (Excerto da Nota de Campo nº 57, dia 08/01/2019).</p> <p>“Ainda durante o período da manhã M veio ter comigo a dizer que queria fazer algo para o projeto do hospital ao que lhe disse que faltava construir a tabuleta com o nome do mesmo. A criança disse que queria ser ele a escrever o nome.” (Excerto da Nota de Campo nº 58, dia 09/01/2019).</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação na construção/alteração do espaço – outro tipo de participação</p>	<p>“A criança Ma, quando chegou à sala entregou-me um saco que tinha trazido com instrumentos do hospital (máscaras, toucas, seringas, sapatos), que disse que era para o projeto.” (Excerto da Nota de Campo nº 40, dia 27/11/2018).</p>

	<p>“Ainda na reunião da manhã, após a realização do plano do dia, a educadora perguntou quem tinha escrito no instrumento de pilotagem “quero contar, mostrar ou escrever” ao que M colocou o dedo no ar. A criança tinha trazido de casa para a escola uma seringa que referiu que era para o projeto do hospital.” (Excerto da Nota de Campo nº 42, dia 29/11/2018).</p> <p>“Nesta reunião, M quis mostrar que tinha trazido uma seringa para o projeto do hospital. O facto de esta criança ter trazido uma seringa para mostrar é, no meu entender, um sinal de que o projeto está a correr bem, de que, pelo menos esta criança está interessada e empenhada no projeto e na sua elaboração. Já na terça-feira anterior, dia 27, Ma tinha trazido um saco cheio de materiais que a mãe tinha trazido para o projeto do hospital da sala.” (Excerto da reflexão diária de 29/11/2019).</p> <p>“No dia 8 de janeiro, quando a criança S chegou à sala trazia um conjunto de materiais para o projeto do hospital. Após a realização do “Plano do dia”, no momento do instrumento “Quero contar, mostrar ou escrever” a criança quis mostrar às restantes o que tinha trazido (toucas, luvas, pensos, máscaras, compressas, entre outros materiais).” (Excerto da Nota de Campo nº 57, dia 08/01/2019).</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação na avaliação do projeto – reflexão com as crianças sobre as aprendizagens adquiridas</p>	<p>“À tarde, por volta das 13 horas reuni com as crianças na área do tapete para fazer com as mesmas a avaliação do projeto do hospital. Li-lhes a chuva de ideias em relação ao que tinham dito anteriormente, tendo em conta o que pensavam saber e as crianças foram corrigindo alguns aspetos que eram mencionados. Por exemplo, referi que tinham dito que “Os médicos dão picas”, e as crianças mencionaram que não se diz picas, mas sim vacinas ou injeções, ou então “Os médicos usam uma coisa na boca que parece papel e usam luvas”, ao que as crianças disseram que a “coisa na boca que se parece papel” é uma máscara, entre outros exemplos. Após a leitura do que tinha sido referido</p>

pelas crianças aquando da realização do projeto, perguntei-lhes se tudo o que tinham dito estava certo ou errado, ao que me responderam que existiam partes que não estavam corretas. Depois, pedi-lhes que dessem a sua opinião sobre o projeto, se tinham gostado de fazer, ou não, se tinham aprendido alguma coisa com o mesmo e obtive as seguintes respostas:

“Foi muito fixe porque o hospital pode ficar para sempre na sala.” (Me).

“Gostei muito” (W, E, Gu).

“Achei legal, tem coisas que eu mais gosto de fazer, cirurgir” (Bj).

“Gostei muito de ter ido ao hospital da biblioteca!” (S).

“Gostei muito do hospital daqui [da sala]!” (Mh).

“Achei o hospital fantástico porque gostei de fazer o projeto para aprender coisas.” (M).

“Gostei de fazer a entrevista à mãe do Dd” (Ri, M, S, Mh).

“Achei maravilhoso! Gostei de fazer o projeto e tive imenso trabalho.” (E).

“Foi muito bonito! Não comuniquei o projeto porque não tive tempo! Fiquei a brincar no tapete.” (Dm).” (Excerto da Nota de Campo nº 62, dia 15/01/2019).

“No dia 21 de janeiro, Dm, Ri, Me, H e Mp estavam na área do faz de conta a brincar no hospital. Me estava vestida com a bata branca, era a médica. Mp era uma doente e estava deitada na maca. Ri foi à cozinha buscar um tabuleiro com comida e entregou-o a Mp que lhe diz que está no hospital porque está muito doente e também porque a filha (H), não quer saber dela. Posteriormente, Me fez o mesmo que Ri, foi à cozinha e entregou comida a MP. Ao mesmo tempo, Dm dirigiu-se com um bebé ao consultório, colocou-lhe a máscara na cara, de seguida, foi buscar uma seringa e deu-lhe uma injeção.” (Excerto da Nota de Campo nº 66, dia 21/01/2019).

“Me estava na área do faz de conta, mais precisamente no hospital, vestida de médica. A criança dirigiu-se até mim e disse, “Ana, eu sou médica, ouvo o coração, desinfeto feridas e tiro sangue.”.” (Excerto da Nota de Campo nº 68, dia 23/01/2019).

	<p>“Na minha opinião, tal diálogo entre mim e a criança demonstrou que a criança tinha aprendido algo com o projeto do hospital, mais precisamente sobre a função de um médico e para que serve cada material que me estava a mostrar e, neste sentido, este é um bom exemplo de que o projeto correu bem e que as crianças adquiriram alguma aprendizagem com o mesmo.” (Excerto da reflexão diária de 23/01/2019).</p>
<p>Categoria: Não participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategorias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeito pelas crianças que não querem participar - Perceção sobre os motivos das crianças 	<p>“inicie a chuva de ideias com outro grupo (M, Ri, Mg e Dm). Após a realização da chuva de ideias, começámos a pesquisa. Dm foi à área do laboratório das ciências e matemática buscar lupas, ao que lhe perguntei se ele queria ou não continuar a fazer parte do projeto, explicando-lhe o que tinha explicado ao grupo no dia anterior, ao que a criança me disse que não queria fazer mais parte do projeto.” (Excerto da Nota de Campo nº 40, dia 27/11/2018).</p> <p>“Reuni-me com as crianças que quiseram construir estetoscópios (Mh e Ge) e com cartão, tubos, arame, cola (fita cola, cola líquida e cola quente), balões, papel eva e garrafas de água, criámos estetoscópios. As crianças, contornaram, recortaram, colaram e realizaram enfiamentos nesta criação. Inicialmente, as crianças que no planeamento tinham dito que queriam fazer os estetoscópios eram Mh e Bj, no entanto, antes da realização dos mesmos, Bj referiu que não queria fazer e Ge questionou-me se o poderia fazer. Questionei também Mp se queria construir os estetoscópios, uma vez que antes da construção destes materiais, a criança tinha dito que queria fazer. No momento expliquei-lhe que tinha de aguardar um momento porque não conseguia dar apoio a todos ao mesmo tempo, mas quando lhe voltei a perguntar se sempre queria fazer, a criança respondeu que não.” (Excerto da Nota de Campo nº 52, dia 14/12/2018).</p>

“De seguida, reuni com a criança S. Relembrei-a que, como tinha dado a ideia, aquando da realização das chuvas de ideias, da mãe do Dd ir à sala para que lhe fizéssemos perguntas acerca do hospital, visto que é enfermeira, foi agendado um dia com a mesma para o efeito e construído um guião de entrevista à qual participou. Posto isto, perguntei-lhe se queria ser ela a fazer essas perguntas à mãe do Dd no dia seguinte, ao que a criança me respondeu que não queria. Respeitei a sua opinião e, após, reuni com as crianças Ri e M que disseram que queriam ser eles os entrevistadores. Nesta reunião, voltei a ler-lhes as questões, foram divididas tarefas a nível de quem pergunta o quê e de seguida, foram relidas novamente as questões.” (Excerto da Nota de Campo nº 54, dia 03/01/2019).

“No dia 7 de janeiro de 2019, durante o período da manhã reuni-me com algumas das crianças para construir a maca e o computador para o projeto do hospital. Tal como referido anteriormente noutras reflexões e reflexões de atividades, os materiais a serem construídos para o hospital e a distribuição das tarefas foram as crianças que as fizeram e que tomaram decisões perante os materiais que gostariam de construir. Assim sendo, aquando da construção da maca iria reunir com cinco, no entanto só reuni com três, visto que duas delas estavam a faltar e outra mencionou que não queria fazer. A sua opinião foi respeitada e a criança não foi assim obrigada a realizar a proposta contrariada. Dm apercebeu-se e pediu-me para participar ele na construção deste material ao que lhe foi dada resposta afirmativa.” (Excerto da reflexão diária de 07/01/2019).

Nota. Fonte própria

Anexo K. Análise de conteúdo das entrevistas às crianças

Tabela 1

Análise de conteúdo das entrevistas às crianças

Categoria: Participação	Unidades de registo
Subcategoria: Definição do conceito de participação	
<p>Questão: O que é que achas que é participar?</p>	<p><i>É participar num projeto, aprender. (M)</i></p> <p><i>É o E, a Ma, a Me, a W, o Ge, o M... é para eles fazerem. (Ri)</i></p> <p><i>Participar é uma pessoa de equipa, estão a ajudar. É se eu quero fazer. (Bj)</i></p> <p><i>É participar no projeto, quer dizer que quero. (S)</i></p> <p><i>É entrar no projeto. (Mg)</i></p> <p><i>Quer dizer que quero fazer. (Gu)</i></p> <p><i>Participar? É entrar no projeto. (Dm)</i></p> <p><i>É juntar os amigos para o projeto. (Ge)</i></p> <p><i>Se eu quero fazer o projeto. (Ma)</i></p> <p><i>É se eu quero fazer. (B)</i></p> <p><i>Quer dizer que eu quero participar no projeto. (V)</i></p> <p><i>Que dize que já fizemos o hospital. (H)</i></p> <p><i>Eu acho que é muito bem. É se eu quero fazer o projeto. (W)</i></p>

	<p><i>É constulili [é construir]. (I)</i></p> <p><i>Quer dizer que é para se portar bem. Ser amigos. Ser bom para as crianças. (Me)</i></p> <p><i>É brincar juntos e também podemos brincar onde nós quisermos. Quer dizer fazer juntos e ser amigos. (Mp)</i></p> <p><i>É brincarre. (Leo)</i></p> <p><i>É um jogo, porque participar é quando uma pessoa está fora e volta para o jogo. Quer dizer que é trabalhar. (E)</i></p> <p><i>Não sei ainda. (Mh)</i></p> <p><i>Não sei. (R)</i></p> <p><i>Não sei. (Lr)</i></p> <p><i>Eu não sei. (L)</i></p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação no planeamento (um processo democrático; pesquisa – estratégias; dar ideias/opiniões; tomar decisões)</p>	
<p>Questão: Participaste no projeto do hospital? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>Participei, tu não te lembras? Fiz desenhos, fiz o carro do INEM, a ambulância do INEM, apresentei e não me lembro de mais. (M)</i></p> <p><i>Sim, porque me disseste que eu vou. Eu fiz perguntas à mãe do Dd e fiz mais coisas, mas não me lembro. (Ri)</i></p> <p><i>Sim, eu falei, eu quero! Fiz desenhos, pesquisas. (Bj)</i></p>

	<p><i>Participei! Fiz um hospital, um desenho do hospital, um doutor. (E)</i></p> <p><i>Sim, procurei coisas dos médicos, enfermeiros, medicamentos, escrevi coisa, fiz desenhos e o estetoscópio. (Mh)</i></p> <p><i>Sim, fazi uns desenhos que são do hospital e coisas do hospital e escolhi o nome do hospital. (Gu)</i></p> <p><i>Não. Porque eu estava na área a brincar. (Dm)</i></p> <p><i>Não, porque não sei. (B)</i></p> <p><i>Não, poqui mi esqueci. (V)</i></p> <p><i>Sim, eu apresentei, eu fiz desenho do hospital e dos bebés do hospital. Construí o projeto do hospital. (W)</i></p> <p><i>Não (R)</i></p> <p><i>Não (Leo)</i></p>
<p>Questão: Ajudaste a decidir o que iria ser feito no hospital? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>Sim, sim! Tu perguntaste o que queríamos fazer. (M)</i></p> <p><i>Sim. Já não era preciso o supermercado e eu disse que queria fazer o hospital. (Me)</i></p> <p><i>Sim, eu é que escolhi! Disse o meu nome para tu escreveres naquele papel [folha com materiais a serem construídos com o intuito de se fazer uma distribuição de tarefas]. (Ri)</i></p> <p><i>Sim, só que eu não construí coisas, só desenhei. (Bj)</i></p> <p><i>Sim, escolhemos no tapete. (E)</i></p> <p><i>Sim, escolhi os espaços que íamos construir. (S)</i></p>

	<p><i>Sim, coleí a fita cola no chão e nas paredes [referente à organização do espaço físico – decisão da localização dos materiais e equipamentos]. (Mg)</i></p> <p><i>Sim. Tu escreveste o meu nome [referente à divisão de tarefas realizada]. (Mh)</i></p> <p><i>Sim, fazer umas coisas do hospital. (Gu)</i></p> <p><i>Sim, disse qui queria faze o raio-x. (Dm)</i></p> <p><i>Sim. (Mp)</i></p> <p><i>Ajudei! (Ge)</i></p> <p><i>Sim. (Ma)</i></p> <p><i>Sim. (B)</i></p> <p><i>Sim. (V)</i></p> <p><i>Eu disse, podemos mete ali o hospital, ali a cama do hospital, ali a bata... (H)</i></p> <p><i>Eu acho que sim. (W)</i></p> <p><i>Tim [sim]. (I)</i></p> <p><i>Sim. (R)</i></p> <p><i>Sim. (Lr)</i></p> <p><i>Sim. (L)</i></p> <p><i>Não. (Leo)</i></p>
--	--

Categoria: Participação	Unidades de registo
Subcategoria: Participação na construção/alteração do espaço (construção de materiais; planeamento e finalização do espaço físico; outro tipo de participação)	
Questão: Participaste no projeto do hospital? Se sim, de que forma?	<p><i>Sim. Fiz o computador e as letras. (Me)</i></p> <p><i>Sim, comuniquei. (S)</i></p> <p><i>Sim, coleí a fita cola para saber onde íamos fazer o raio-x. (Mg)</i></p> <p><i>Sim, procurei coisas dos médicos, enfermeiros, medicamentos, escrevi coisa, fiz desenhos e o estetoscópio. (Mh)</i></p> <p><i>Participei! Fiz quase todas as coisas! Fiz aquela letra do computador. (Mp)</i></p> <p><i>Sim! Eu fiz o estetoscópio. (Ge)</i></p> <p><i>Sim, fiz a maca. (Ma)</i></p> <p><i>Paticipei. Fui para o hospital cuida das pessoas. (H)</i></p> <p><i>Sim, eu apresentei, eu fiz desenho do hospital e dos bebés do hospital. Construí o projeto do hospital. (W)</i></p> <p><i>Tim, de constulili [Sim, de construir]. (I)</i></p> <p><i>Sim, pintei os enfermeiros e a maca. (Lr)</i></p> <p><i>Sim, fiz o computado. (L)</i></p>

<p>Questão: Ajudaste a decidir o que iria ser feito no hospital? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>Sim, coleí a fita cola no chão e nas paredes [referente à organização do espaço físico – decisão da localização dos materiais e equipamentos]. (Mg)</i></p> <p><i>Sim, disse qui queria faze o raio-x. (Dm)</i></p> <p><i>Eu disse, podemos mete ali o hospital, ali a cama do hospital, ali a bata... (H)</i></p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Na avaliação do projeto (reflexão com as crianças sobre aprendizagens adquiridas)</p>	
<p>Questão: Gostaste de participar?</p>	<p><i>Gostei, porque foi muito giro construirmos um hospital na nossa sala. (M)</i></p> <p><i>Sim. (Me)</i></p> <p><i>Sim. (Ri)</i></p> <p><i>Sim, porque foi fixe! Eu apresentei e falei coisas acertado. (Bj)</i></p> <p><i>Gostei, foi muito giro! (E)</i></p> <p><i>Sim. (S)</i></p> <p><i>Sim. (Mg)</i></p> <p><i>Sim. (Mh)</i></p> <p><i>Sim, porque fazi coisas fixes do hospital. (Gu)</i></p> <p><i>Não [participei]. Porque eu estava na área a brincar. (Dm)</i></p> <p><i>Sim, porque eu gosto de hospitais. (Mp)</i></p>

	<p><i>Eu gostei de fazer o projeto. (Ge)</i></p> <p><i>Sim. (Ma)</i></p> <p><i>Sim. (B)</i></p> <p><i>Sim. (V)</i></p> <p><i>Gostei, foi muito bonito. (H)</i></p> <p><i>Sim. (W)</i></p> <p><i>Tim [sim]. (I)</i></p> <p><i>Sim. (R)</i></p> <p><i>Sim. (Lr)</i></p> <p><i>Sim. (L)</i></p> <p><i>Não. (Leo)</i></p>
<p>Questão: O que é que gostaste mais de fazer no projeto?</p>	<p><i>Gostei mais de fazer o hospital e tirar o supermercado. (M)</i></p> <p><i>O computador e as letras. (Me)</i></p> <p><i>Gostei mais de falar no microfone! De fazer as perguntas à mãe do Dd. (Ri)</i></p> <p><i>Gostei de fazer os desenhos e os trabalhos. (Bj)</i></p> <p><i>Gostei de trabalhar, porque eu buscava as pessoas que estavam doentes. (E)</i></p> <p><i>Dizer a capa do projeto. (S)</i></p>

	<p><i>Colar a fita cola do raio-x. (Mg)</i></p> <p><i>Não sei. (Mh)</i></p> <p><i>Gostei mais de fazer coisas fixas, os materiais. (Gu)</i></p> <p><i>Gostei de abri o hospitaú e gostei do hospitaú. (Dm)</i></p> <p><i>Porque me apetecia brincar. (Mp)</i></p> <p><i>Fazer o hospital. (Ge)</i></p> <p><i>Gostei de fazer a maca. (Ma)</i></p> <p><i>Gostei de fazer o raio-x. (B)</i></p> <p><i>Colar a fita cola no chão. (V)</i></p> <p><i>Gostei mais de mete pensos e das vacinas, naquele hospital. (H)</i></p> <p><i>Pintar aquilo do raio-x, foi muito giro. (W)</i></p> <p><i>Pitale [gostei de ir ao hospital]. (I)</i></p> <p><i>Cortar a fita da inauguração. (R)</i></p> <p><i>Gostei mais de fazer a maca. (Lr)</i></p> <p><i>Esqueci-me. (L)</i></p> <p><i>Não. (Leo)</i></p>
--	---

Questão: Gostaste de construir os materiais para o hospital?

Gostei. (M)

Sim, porque foi muito divertido. (Me)

Sim, porque sim! (Ri)

Não construí porque eu quis ficar no tapete a brincar. (Bi)

Gostei, porque foi divertido construir coisas. (E)

Sim. Porque eu gostei de brincar no hospital. (S)

Sim. (Mg)

Gostei. (Mh)

Sim. (Gu)

Sim. (Dm)

Sim. (Mp)

Sim. (Ge)

Sim. (Ma)

Sim. (B)

Sim. (V)

Gostei, gostei, muito, muito, muito! (H)

Sim. (W)

	<p><i>Tim [sim]. (I)</i></p> <p><i>Sim. (R)</i></p> <p><i>Sim. (Lr)</i></p> <p><i>Sim. (L)</i></p> <p><i>Não construí. (Leo)</i></p>
<p>Questão: Gostaste de mudar o espaço?</p>	<p><i>Gostei, porque não me lembro. (M)</i></p> <p><i>Sim, porque já não queria ter o supermercado e eu e os outros meninos quisemos fazer o hospital. (Me)</i></p> <p><i>Sim, porque eu adorei, porque nunca nós tivemos o hospital! (Ri)</i></p> <p><i>Sim. (Bj)</i></p> <p><i>Gostei, tirámos algumas coisas para o outro lado porque um hospital é muito grande. (E)</i></p> <p><i>Sim, para nós brincarmos. (S)</i></p> <p><i>Sim, porque eu gostei. (Mg)</i></p> <p><i>Gostei, porque eu gostei de brincar no hospital. (Mh)</i></p> <p><i>Sim. (Gu)</i></p> <p><i>Sim, porque é muito divertido fazer isso. (Dm)</i></p>

	<p><i>Sim, sim! Porque já estava quase muito vazia a casinha e eu queria um hospital na casinha. (Mp)</i></p> <p><i>Sim, porque gosto mais assim. (Ge)</i></p> <p><i>Sim, porque eu gostei. (Ma)</i></p> <p><i>Sim, porque ficou muito bonito. (B)</i></p> <p><i>Sim, poqui eu gostei. Poqui eu adorei. (V)</i></p> <p><i>Gostei! Gostei de faze o hospital, ali para faze o raio-x. (H)</i></p> <p><i>Sim porque é muito espetacular mudar, porque foi preciso mudar para meter aquela cama. (W)</i></p> <p><i>Tim [sim]. (I)</i></p> <p><i>Sim. (R)</i></p> <p><i>Sim, porque eu queria ter um hospital na sala. (Lr)</i></p> <p><i>Sim, pa faze o hospital. (L)</i></p> <p><i>Sim, eu gostei muito do hospital. (Leo)</i></p>
<p>Questão: Preferias que fosse a educadora e a auxiliar de ação educativa a mudar a área do faz de conta, ou gostas mais assim, com a tua participação? Porquê?</p>	<p><i>Gostei de sermos nós porque sim, porque ajudei e porque brincámos. (M)</i></p> <p><i>Eu gostei mais de ser eu a mudar o espaço. (Me)</i></p> <p><i>Gostei que nós fizemos sozinhos, porque nós também temos de fazer sozinhos e nós também queremos fazer sozinhos porque nós queremos fazer as coisas que nós sabemos (Ri)</i></p>

	<p><i>Gostei de sermos nós porque assim ficou mais giro e não demorou porque somos muitos a construir. (Bj)</i></p> <p><i>Gostei de serem os meninos a mudarem o espaço porque assim faz todos os meninos ficarem feliz. (E)</i></p> <p><i>Sermos nós, é para ajudar toda a gente a construir. (S)</i></p> <p><i>Gostei mais de ser eu, porque eu construí o hospital. (Mg)</i></p> <p><i>Gostei de ser eu, porque gosto de fazer coisas. (Mh)</i></p> <p><i>Sermos nós, porque nós construímos um hospital meio grande. (Gu)</i></p> <p><i>Gostei mais de serem os mininos porque foi mais divertido. (Dm)</i></p> <p><i>Gostava de sermos nós, porque nós gostamos de fazer projetos. (Mp)</i></p> <p><i>Gostei mais de sermos nós, seria mais bom. Gostei porque passo muito tempo no hospital. (Ge)</i></p> <p><i>Gostei mais de serem os meninos, porque eu gosto de mudar o espaço. (Ma)</i></p> <p><i>Preferi que fossem os meninos, porque já não me lembro. (B)</i></p> <p><i>Gostei de serem os mininos. (V)</i></p> <p><i>Gostei mais de termos sido nós a mudar o espaço, porque nós somos mais inteligentes! (H)</i></p> <p><i>Gostei de sermos nós porque gostei de fazer isso. (W)</i></p>
--	---

	<p><i>Gostei mais de serem os meninos porque sim. (R)</i></p> <p><i>Preferia assim, serem os meninos porque eles são mais pequenos. (Lr)</i></p> <p><i>Gostei sermos nós a fazer o hospital porque queia fazer o hospital. (L)</i></p> <p><i>Os meninos porque são muito bons a fazerre. (Leo)</i></p> <p><i>[A criança disse o nome da educadora e na justificação disse porque sim]. (I)</i></p>
<p>Questão: Gostavas de fazer isto mais vezes? Porquê?</p>	<p><i>Yaaa! Porque fica mais fixe, porque eu gosto de mudar! (M)</i></p> <p><i>Sim porque é mais divertido trabalhar. (Me)</i></p> <p><i>Sim, porque é muito fixe fazer! (Ri)</i></p> <p><i>Sim, porque ficava mais giro. (Bj)</i></p> <p><i>Sim, porque foi divertido. (E)</i></p> <p><i>Sim, para ajudar os outros. (S)</i></p> <p><i>Sim, porque gostei. (Mg)</i></p> <p><i>Sim, porque não sei. (Mh)</i></p> <p><i>Sim. (Gu)</i></p> <p><i>Sim, porque assim podíamos fazer áreas diferentes. (Dm)</i></p> <p><i>Sim, na garagem! Porque a sala está muito vazia! (Mp)</i></p> <p><i>Sim, porque quando sermos mais grandes podemos arranjar as coisas. (Ge)</i></p>

	<p><i>Sim, porque eu também gosto de mudar as outras áreas. (Ma)</i></p> <p><i>Sim, porque já não me lembro. (B)</i></p> <p><i>Sim. (V)</i></p> <p><i>Sim, gostava de mete a sala de espera. (H)</i></p> <p><i>Sim, porque eu gosto das áreas e de brincar lá. (W)</i></p> <p><i>Tim, pote tim [sim, porque sim]. (I)</i></p> <p><i>Gostava de mudar a biblioteca, porque quero meter outros livros. (R)</i></p> <p><i>Gostava, porque eu queria mudar, porque eu gosto. (Lr)</i></p> <p><i>Sim, poque não lembo. (L)</i></p> <p><i>Sim, porque eu gosto muito de mudarre, eu gosto muito da sala toda. (Leo)</i></p>	
Categoria: Não participação	Observação	Unidades de registo
<p>Subcategorias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeito pelas crianças que não querem participar - Perceção sobre os motivos das crianças 	<p>Respostas obtidas à questão:</p> <p>Participaste no projeto do hospital? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>Não. Porque eu estava na área a brincar. (Dm)</i></p> <p><i>Não, porque não sei. (B)</i></p> <p><i>Não, poqui mi esqueci. (V)</i></p> <p><i>Não (R)</i></p> <p><i>Não (Leo)</i></p>

Nota. Fonte própria

**Anexo L. Análise de conteúdo das entrevistas à educadora
cooperante e à auxiliar de ação educativa**

Tabela 1

Análise de conteúdo das entrevistas à educadora cooperante e à auxiliar de ação educativa

Categoria: Participação	Unidades de registo
Subcategoria: Definição do conceito de participação	
<p>Questão: O que acha da participação das crianças na reorganização de um espaço da sala do Jardim de Infância face ao seu processo de aprendizagem?</p>	<p><i>É minha preocupação promover um espaço pedagógico que proporcione situações motivadoras e desafiantes, e que dessa forma, conduzam a criança à construção de conhecimentos. Desde o início do ano letivo que o grupo de crianças participa na organização do espaço e materiais. Eu como educadora tenho bem definidas as minhas prioridades e intencionalidades pedagógicas para o grupo, mas as crianças participam tendo em conta as suas ideias e interesses. (Educadora cooperante)</i></p> <p><i>Eu acho bem, porque eles ao fazerem estão a aprender ao mesmo tempo. E sabem onde é que são as coisas, onde é que podem arrumar as coisas. (Auxiliar de ação educativa)</i></p>
<p>Questão: Qual é o papel do adulto (educador/auxiliar de ação educativa) em todo este processo?</p>	<p><i>O Educador funciona como orientador. Tenho a convicção do que quero que aprendam em cada área e vou orientando as suas escolhas e interesses. (Educadora cooperante)</i></p> <p><i>É claro que eles precisam dos adultos, precisam de uma orientação, às vezes perceber o porquê que estão a fazer aquilo, porquê que não se podem fazer certas coisas. No fundo, o papel do adulto é orientar o que há para fazer, o que não há para fazer. (Auxiliar de ação educativa)</i></p>

Categoria: Participação	Unidades de registo
Subcategoria: Participação no planeamento e na construção/alteração do espaço	
<p>Questão: No seu entender acha que as crianças devem ou não participar na reorganização do espaço? Porquê?</p>	<p><i>Eu atribuo uma grande importância ao cenário pedagógico e à participação das crianças na sua construção. Quando participam ficam a saber quais as áreas da sala, os materiais que existem em cada área e para que servem e o que podem aprender em cada área. Esta organização tem que ser estruturante, onde os materiais e instrumentos de pilotagem, auxiliares da organização, se encontrem expostos e ao alcance das crianças, de modo a facilitar uma utilização autónoma. (Educadora cooperante)</i></p> <p><i>Acho que devem participar porque assim veem uma razão para a qual aquilo está ali, não apareceu por acaso. Aquilo está ali, mas eles é que a puseram lá, eles é que aprenderam o que é que aquilo é e para quê que serve antes de a usar. Em relação à participação no seu geral, acho que é positivo eles participarem porque primeiro sabem o que vão fazer, são eles que decidem. Depois têm responsabilidade, são responsabilizados, ou seja, é como se fosse a vida real, é como se a sala tivesse o mesmo papel da realidade para eles e assim eles já estão a aprender a viver com organização, fazer tarefas, ter responsabilidades, como na realidade. (Auxiliar de ação educativa)</i></p>
<p>Questão: Se sim, de que forma é que podem fazê-lo?</p>	<p><i>As crianças participam de diversas formas. Desde a escolha das áreas, a escolha de materiais, a realização de inventários, das regras, dos identificadores de áreas, etc. Muitas vezes, sugerem alterações ao longo do ano. (Educadora cooperante)</i></p> <p><i>Podem dar ideias do que fazer, podem ajudar a fazer essas coisas... (Auxiliar de ação educativa)</i></p>

Categoria: Não participação	Unidades de registo
Subcategorias: - Respeito pelas crianças que não querem participar - Perceção sobre os motivos das crianças	
Questão: E as crianças que não querem participar, têm esse direito?	<p><i>Sim, claro. Mas todas as crianças vão participando nesta atividade ao longo do ano, de acordo com os seus interesses na altura. (Educadora cooperante)</i></p> <p><i>Acho que têm o direito de não participar. Podem estar num dia pior como toda a gente, não é? Ninguém é obrigado a fazer algo que não queira. (Auxiliar de ação educativa)</i></p>

Nota. Fonte própria

Anexo M. Análise de conteúdo das fotografias

Tabela 1

Análise de conteúdo das fotografias

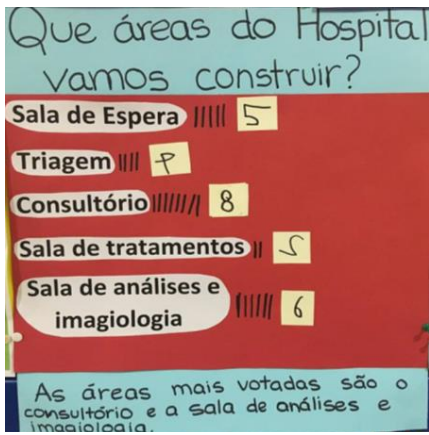
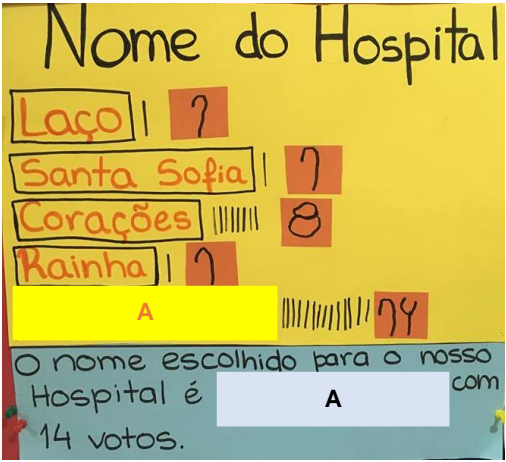
Categoria: Participação	Unidades de registo																								
<p>Subcategoria: Participação no planeamento – um processo democrático</p>	<div data-bbox="840 571 1267 1007"><p>Que áreas do Hospital vamos construir?</p><table border="1"><thead><tr><th>Área</th><th>Votos</th></tr></thead><tbody><tr><td>Sala de Espera</td><td>5</td></tr><tr><td>Triagem</td><td>4</td></tr><tr><td>Consultório</td><td>8</td></tr><tr><td>Sala de tratamentos</td><td>5</td></tr><tr><td>Sala de análises e imagiologia</td><td>6</td></tr></tbody></table><p>As áreas mais votadas são o consultório e a sala de análises e imagiologia.</p></div> <div data-bbox="757 1018 1391 1086"><p>Figura 1. Decisão das áreas do hospital a construir na sala. Fonte própria.</p></div> <div data-bbox="1429 539 1933 1002"><p>Nome do Hospital</p><table border="1"><thead><tr><th>Nome</th><th>Votos</th></tr></thead><tbody><tr><td>Laço</td><td>7</td></tr><tr><td>Santa Sofia</td><td>7</td></tr><tr><td>Corações</td><td>8</td></tr><tr><td>Rainha</td><td>7</td></tr><tr><td>A</td><td>14</td></tr></tbody></table><p>O nome escolhido para o nosso Hospital é A com 14 votos.</p></div> <div data-bbox="1458 1018 1939 1086"><p>Figura 2. Nome do hospital – votação. Fonte própria.</p></div>	Área	Votos	Sala de Espera	5	Triagem	4	Consultório	8	Sala de tratamentos	5	Sala de análises e imagiologia	6	Nome	Votos	Laço	7	Santa Sofia	7	Corações	8	Rainha	7	A	14
Área	Votos																								
Sala de Espera	5																								
Triagem	4																								
Consultório	8																								
Sala de tratamentos	5																								
Sala de análises e imagiologia	6																								
Nome	Votos																								
Laço	7																								
Santa Sofia	7																								
Corações	8																								
Rainha	7																								
A	14																								



Figura 3. Inauguração do hospital. Fonte própria.

A Figura 1 representa a votação realizada com o intuito de se decidir que áreas do hospital é que iriam ser construídas na área do faz de conta da sala. A Figura 2 ilustra a votação realizada para a escolha do nome do hospital. O verdadeiro nome escolhido foi ocultado, devido à proteção de dados, na medida em que representa o local onde se situa o estabelecimento. Por sua vez, a Figura 3 retrata a inauguração do hospital da sala, mais concretamente o recorte da fita vermelha por uma das crianças do grupo escolhida para o efeito.

Categoria: Participação

Unidades de registo

Subcategoria: Participação no planeamento – pesquisa - estratégias



Figura 4. Pesquisa.
Fonte própria.

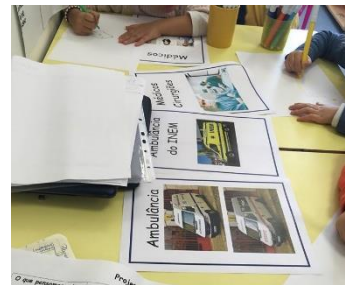


Figura 5. Pesquisa. Fonte própria.

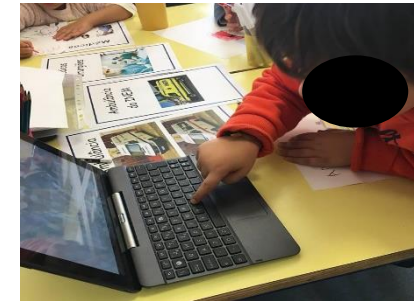


Figura 6. Pesquisa. Fonte própria.



Figura 7. Sala de espera. Fonte própria.



Figura 8. Triagem. Fonte própria.



Figura 9. Consultório. Fonte própria.



Figura 10. Consultório. Fonte própria.



Figura 11. Sala de análises e imagiologia. Fonte própria.



Figura 12. Sala de análises e imagiologia. Fonte própria.



Figura 13. Sala de tratamentos. Fonte própria.



Figura 14. Sala de tratamentos. Fonte própria.



Figura 15. Entrevista a uma enfermeira. Fonte própria.

	<p>As Figuras 4, 5 e 6 ilustram os registos realizados pelas crianças aquando da pesquisa feita quer através dos ficheiros de imagens, quer através do computador. As Figuras de 7 a 14 retratam a visita realizada por todos ao hospital da biblioteca – projeto dinamizado por professoras do 1º Ciclo e por uma médica. Assim sendo, na Figura 7 observa-se a sala de espera, na 8 a triagem, nas 9 e 10 o consultório, nas 11 e 12 a sala de análises e imagiologia e nas 13 e 14 a sala de tratamentos. Por último, a Figura 15 é representativa da entrevista realizada em grande grupo a uma enfermeira, mãe de uma das crianças da sala.</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação no planeamento - dar ideias/opiniões</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div data-bbox="824 608 1178 1098"> </div> <div data-bbox="1464 608 2007 1098"> </div> </div> <p style="text-align: center;"> <i>Figura 16. Inventário. Fonte própria.</i> <i>Figura 17. Divisão de tarefas. Fonte própria.</i> </p> <p>A Figura 16 é um inventário em que a laranja se encontram os materiais, identificados pelas crianças, correspondentes ao que já existia na sala e a verde os materiais que mencionaram querer construir. Na Figura 17 é apresentada a listagem dos materiais a construir e a respetiva divisão de tarefas, consoante as crianças que se disponibilizaram para a construção dos mesmos.</p>

Categoria: Participação

Unidades de registo

Subcategoria: Participação no planeamento – tomar decisões



Figura 18. Delimitação do espaço.

Fonte própria.



Figura 19. Delimitação do espaço.

Fonte própria.



Figura 20. Delimitação do espaço.

Fonte própria.

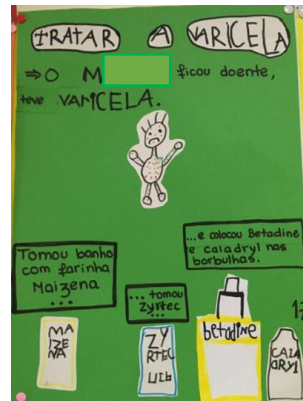


Figura 21. Cartaz. Fonte própria.




	<p>As Figuras 18, 19 e 20 representam a delimitação do espaço realizada pelas crianças. As crianças decidiram assim onde é que iria ficar a secretária do médico, as cadeiras do médico e do utente, a maca e o visor do raio-x, colando fita cola nos respetivos locais. A Figura 21 representa um cartaz que M realizou acerca da sua doença e que quis incluir no projeto.</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação na construção/alteração do espaço – construção de materiais</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;">  <p><i>Figura 22.</i> Construção do raio-x. Fonte própria.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p><i>Figura 23.</i> Película de raio-x. Fonte própria.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p><i>Figura 24.</i> Película de raio-x. Fonte própria.</p> </div> </div>



Figura 25. Construção dos estetoscópios. Fonte própria.



Figura 26. Estetoscópios. Fonte própria.

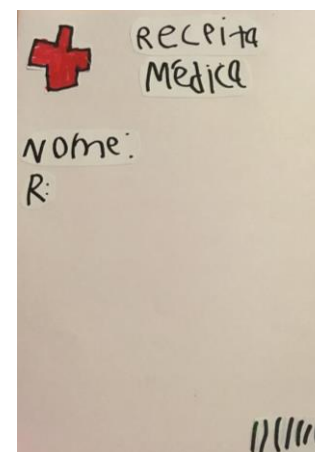


Figura 27. Receita médica. Fonte própria.



Figura 28. Construção do computador. Fonte própria.



Figura 29. Computador. Fonte própria.



Figura 30. Construção da maca. Fonte própria.



Figura 31. Maca. Fonte própria.



Figura 32. Construção do aparelho do raio-x. Fonte própria.



Figura 33. Aparelho do raio-x. Fonte própria.



Figura 34. Construção do termómetro. Fonte própria.



Figura 35. Termómetros. Fonte própria.




	<p>As Figuras apresentadas de 22 a 35 ilustram os materiais construídos para o hospital da sala e o seu processo de construção. Desta forma, foram construídas algumas películas de raio-x (cf. Figuras 22, 23 e 24), estetoscópios (cf. Figuras 25 e 26), receitas médicas (cf. Figura 27), um computador (cf. Figuras 28 e 29), a maca (cf. Figuras 30 e 31), o aparelho do raio-x (cf. Figuras 32 e 33) e por fim os termómetros (cf. Figuras 34 e 35).</p>
<p>Categoria: Participação</p>	<p>Unidades de registo</p>
<p>Subcategoria: Participação na construção/alteração do espaço – planeamento e finalização do espaço físico</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;">  <p><i>Figura 36.</i> Delimitação do espaço. Fonte própria.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p><i>Figura 37.</i> Delimitação do espaço. Fonte própria.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p><i>Figura 38.</i> Delimitação do espaço. Fonte própria.</p> </div> </div>



Figura 39. Hospital da sala. Fonte própria.

As Figuras 36, 37 e 38 representam a delimitação do espaço realizada pelas crianças. As crianças decidiram assim onde é que iria ficar a secretária do médico, as cadeiras do médico e do utente, a maca e o visor do raio-x, colando fita cola nos respetivos locais. A Figura 39 representa o produto final, o hospital da sala finalizado.

Categoria: Participação

Unidades de registo

Subcategoria: Participação na avaliação do projeto – reflexão com as crianças sobre as aprendizagens adquiridas



Figura 40. Brincar no hospital da sala – área do faz de conta. Fonte própria.



Figura 41. Brincar no hospital da sala – área do faz de conta. Fonte própria.



Figura 42. Brincar no hospital da sala – área do faz de conta. Fonte própria.



Figura 43. Brincar no hospital da sala – área do faz de conta. Fonte própria.

As Figuras 40, 41, 42 e 43 representam algumas brincadeiras realizadas no hospital da sala, na área do faz de conta.

Nota. Fonte própria